

# Itaytera

Número 38

Ano: 1994

*Alencar foi o mais lúcido e progressista Governante Cearense em todos os tempos. Por duas vezes governou a Província - de 1834 a 1837 e de 1840 a 1841. Trouxe arquitetos e paisagistas franceses que aformosearam a capital. Abriu estradas para Aracati, Icó, Cariri e Sobral. Mandou realizar obras no porto de Fortaleza, trouxe camelos da África para adaptar ao Ceará. Cuidou da estatística, da produção, das artes e das letras. Instalou a 1ª. Assembléia. Criou o Banco Provincial, o primeiro do País. Combateu o banditismo, incentivou a agricultura. Seu nome, por isso, ficou eterno.*

**Homenagem do Instituto Cultural do Cariri ao Senador Alencar,  
no Bi- Centenário do seu nascimento - 1794 - 1994**







# ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri  
Fundado a 18 de Outubro de 1953

Primeiro Presidente:  
Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

\*\*\*\*\*

Registrado no Cartório do Registro de Títulos e Documentos, Crato, no livro A - 1, fls. 417 - sob número 6, em 30 de Setembro de 1954, publicado no Diário Oficial 20-10-54. Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA por Lei Municipal nº 453, de 22 de Setembro de 58, publicada no Diário Oficial do Estado. Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA pela Lei Estadual 10.125, de 27-10-77, publicada no Diário Oficial do mesmo dia, Governo Aduato Bezerra.

Tem o seu CGC sob nº 05.357.359/0001-86

\*\*\*\*\*

Registrado no Conselho Nacional do Serviço Social do MEC.  
Endereço: Praça Juarez Távora, 950  
CEP 63.100-000 - Crato-Ceará

\*\*\*\*\*

## DIRETORIA ATUAL DO ICC

A diretoria atual do Instituto Cultural do Cariri foi eleita em Assembléia Geral Eleitoral de 17-11-92 - Empossada em Sessão de 04-12-92, estando assim constituída:

Presidente:

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Vice-Presidente:

JOSÉ EMERSON MONTEIRO LACERDA

Secretário-Geral:

WILLIAN BRITO

Secretária:

JURANDY TEMÓTEO DE SOUSA

Tesoureiro:

JOSÉ DE PAULA BANTIM

\*\*\*\*\*

## COMISSÕES

De Ciências, Letras e Artes:  
PLÁCIDO CIDADE NUVENS,  
Dr. JOSÉ FLÁVIO PINHEIRO VIEIRA  
e DIVANI ESMERALDO CABRAL.

De Sindicâncias:

JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR  
CORTÉZ, HUMBERTO CABRAL  
e ELÓI TELES DE MORAIS.

Da Revista Itaytera: JOÃO LINDEMBERG DE  
AQUINO, FRANCISCO DE ASSIS BRITO e  
MANOEL PATRÍCIO DE AQUINO.

DIRETOR DA REVISTA ITAYTERA  
Jornalista: João Lindemberg de Aquino.  
ITAYTERA aceita permuta com publicações  
congêneres, do País e do Exterior.

## Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

### SECÇÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO: Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina  
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
- 2 - PATRONO: Bruno de Menezes  
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 3 - PATRONO: José Alves de Figueiredo  
OCUPANTE: Pe. Neri Feitosa
- 4 - PATRONO: Alexandre Arraes de Alencar  
OCUPANTE: Maria Edméia Arraes de Alencar
- 5 - PATRONO: Monsenhor Pedro Esmeraldo  
da Silva  
OCUPANTE: Vaga
- 6 - PATRONO: Dr. Irineu Nogueira Pinheiro  
OCUPANTE: Dr. Emerson Monteiro Lacerda
- 7 - PATRONO: Antônio Barbosa de Freitas  
OCUPANTE: Vaga
- 8 - PATRONO: Álvaro Bomilcar da Cunha  
OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Sousa
- 9 - PATRONO: Dom Francisco de Assis Pires  
OCUPANTE: Prof. Rubens Gondim Lóssio
- 10 - PATRONO: Pe. Emídio Leite Cabral  
OCUPANTE: Vaga
- 11 - PATRONO: Raimundo Gomes de Matos  
OCUPANTE: Vaga
- 12 - PATRONO: Leandro Bezerra Monteiro  
OCUPANTE: Dr. Antônio Araújo Ribeiro
- 13 - PATRONO: Dr. Otacílio Macêdo  
OCUPANTE: Cláudio Martins
- 14 - PATRONO: Manoel Rodrigues Monteiro  
OCUPANTE: Vaga
- 15 - PATRONO: Dr. Leandro Chaves  
de Melo Ratisbona  
OCUPANTE: Vaga
- 16 - PATRONO: Pe. Francisco Pita  
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO: João Brigido dos Santos  
OCUPANTE: Dr. Emídio Macedo Lenos
- 18 - PATRONO: Raimundo Monte Arraes  
OCUPANTE: Vaga
- 19 - PATRONO: José de Figueiredo Filho  
OCUPANTE: Mozart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO: Senador José Martiniano de Alencar  
OCUPANTE: Vaga
- 21 - PATRONO: Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira  
OCUPANTE: Pe. Antônio Vieira

### SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO: Dr. Barreto Sampaio  
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

# *Academia Cearense de Letras completa Um Século.*

**N**ão poderíamos deixar de registrar o grato evento: o ano de 1994 assinala o primeiro centenário de existência da Academia Cearense de Letras, principal cenáculo da cultura e das letras do nosso Estado.

O ICC mantém o melhor relacionamento com a veterana Academia.

## **São Patronos das Cadeiras daquela instituição cultural:**

<i>1 - Adolfo Caminha</i>	<i>Abreu</i>	<i>28 - Mário Silveira</i>
<i>2 - Álvaro Martins</i>	<i>16 - Franklin Távora</i>	<i>29 - Paulino Nogueira</i>
<i>3 - Antônio Augusto</i>	<i>17 - Joaquim Catunda</i>	<i>30 - Rocha Lima</i>
<i>4 - Antônio Bezerra</i>	<i>18 - Moura Brasil</i>	<i>31 - Farias Brito</i>
<i>5 - Papi Júnior</i>	<i>19 - José Albano</i>	<i>32 - Ulisses Penafort</i>
<i>6 - Antônio Pompeu</i>	<i>20 - Liberato Barroso</i>	<i>33 - Rodolfo Teófilo</i>
<i>7 - Clóvis Bevilacqua</i>	<i>21 - José de Alencar</i>	<i>34 - Samuel Uchoa</i>
<i>8 - Domingos Olímpio</i>	<i>22 - Justiniano de Sarpa</i>	<i>35 - Tomáz Pompeu</i>
<i>9 - Fausto Barreto</i>	<i>23 - Juvenal Galeno</i>	<i>36 - Senador Pompeu</i>
<i>10 - Padre Mororó</i>	<i>24 - Lívio Barreto</i>	<i>37 - Tomás Lopes</i>
<i>11 - Barão de Studart</i>	<i>25 - Oliveira Paiva</i>	<i>38 - Tibúrcio Rodrigues</i>
<i>12 - Heráclito Graça</i>	<i>26 - Soares Bezerra</i>	<i>39 - Araripe Júnior</i>
<i>13 - D. Jerônimo Tomé</i>	<i>27 - Soriano de Albuquerque</i>	<i>40 - Visconde de Saboia.</i>
<i>14 - João Brigido</i>		
<i>15 - Capistrano de</i>		

## **Martins Filho: 90 Anos**

O maior cearense vivo, o ex-Reitor Antônio Martins Filho, deverá completar, neste ano de 1994 - seus 90 anos bem vividos. É uma das glórias das letras e da literatura cearenses. Criador de Universidades, cérebro fenomenal, autor de muitos livros, eterno Reitor da UFC, receberá, por isso, muitas homenagens. ITAYTERA abraça o cratense ilustre.

# Editorial

---

## *Itaytera em Marcha*

Comprovando o esforço, a pertinácia, a teimosia, mesmo, nossa revista ITAYTERA chega ao número 38, correspondendo ao ano de 1994.

Faltam dois anos, portanto, para atingir a 4ª década, o que é de admirar em termos de revista essencialmente dedicada á Cultura e aos assuntos históricos.

Fato notável nunca dantes acontecido no ICC, é que em menos de 3 meses a ITAYTERA lançou duas edições. A de 1993 somente foi entregue pela Gráfica em Janeiro de 94 e já em Março lançamos a de 1994, pois o trabalho havia se iniciado no ano anterior.

Homenageamos nesta edição 2 vultos eminentes do Cariri: o Senador José Martiniano de Alencar, que completaria duzentos anos neste ano e o Pe.Cícero Romão Batista, que completaria 150 anos. Ambos, filhos do Crato.

ITAYTERA continua, assim, em luta e tudo indica que, não nos faltando o estímulo e o apoio, continuaremos a nossa marcha. Assim seja.

## *"Maioridade - Tomo I" - Marcando Sucesso Editorial*

**D**esde que foi lançado, o Tomo I de Maioridade, livro de memórias do professor Martins Filho, vem sendo assinalado por um fulminante êxito editorial. Marca o segundo livro de memórias do eminente escritor conterrâneo, a que se seguirá, nos próximos dias, Maioridade - Tomo 2.

As memórias do criador de universidades, uma das mais fulgurantes figuras da intelectualidade cearense, retratam tempos e pessoas que com ele conviveram, desde os tempos de sua meninice em Crato. Iniciadas com MENORIDADE, livro que já teve sua segunda edição esgotada, as memórias do Tomo I de MAIORIDADE fixam o período de 1926 a 1955, data em que se realizou o sonho maior do nosso conterrâneo, a criação da Universidade Federal do Ceará, da qual foi o criador incontestado, e Reitor, por 3 períodos, assinalando a mais dinâmica fase do nosso organismo universitário.

MAIORIDADE terá o seu tomo 2, fixando os primeiros tempos da Universidade, a que se seguirá MATURIDADE, as memórias dos últimos tempos.

O Prof. Martins, com seu incansável dinamismo e sua privilegiada memória, disse esperar lançar o seu último volume de memórias em Fevereiro do ano 2.000, "Se Deus assim o permitir".

Essas memórias de Martins Filho se constituem um rico relicário da literatura cearense, enriquecido, ainda mais, com uma coleção iconográfica raríssima e depoimentos sobre homens e fatos com quem ele conviveu nos proveitosos 90 anos de sua existência.



## *150 Anos do Padre Cícero Romão Batista*

**A**brimos a presente edição de ITAYTERA, certamente histórica, com dados, referências e colaborações especiais sobre a vida e a obra do Pe.Cícero Romão Batista, comemorando os 150 anos do seu nascimento, fato ocorrido em Crato, Ceará, a 24 de Março de 1.844.

ITAYTERA não poderia agir de outra maneira. Principal órgão cultural da região, seu dever é prestigiar os grandes acontecimentos, documentando os fatos da nossa história.

O Pe.Cícero merece essa homenagem, mesmo sendo figura controversa, já amiudadamente estudada. Sua fama de santidade e de bondade ultrapassou, inclusive, as fronteiras nacionais. É o Santo do povo.

Para tornar possível esta edição, tivemos a prestigiosa ajuda de entidades, Bancos, instituições, poder público, aos quais, prazerosamente, agradecemos, e que foram mencionados na contracapa. É a nossa contribuição ao sesquicentenário do imortal sacerdote de Deus e do Nordeste.

## *Pe. Cícero Romão Batista*

### Ligeiros apontamentos biográficos

**N**asceu na cidade do Crato, Ceará, em 24 de Março de 1844, filho do comerciante Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana.

Talhado para o verdadeiro sacerdócio, o Pe. Cícero ordena-se em 1870.

Um sonho, onde Jesus lhe dá uma missão, faz com que o Pe. Cícero se mude, definitivamente, para Juazeiro, a 11 de Abril de 1872.

Decidindo, daí, cumprir o pedido do Mestre, vindo a cuidar dos pobres por uma opção profunda de apostolado, no que sofreu perseguições e pressões dos seus superiores, sem jamais abandonar seus romeiros e devotos de Nossa Sra. das Dores, aos quais ajudou com o pão material e espiritual, o Pe. Cícero começou a criar fama no Nordeste.

Morreu a 20 de Julho de 1934.

Hoje, o Pe. Cícero continua sendo o benfeitor dos que guardam verdadeira fé em Deus.

Pe. Cícero está canonizado no coração do povo como primeiro Santo brasileiro.

Milhares de milagres e graças alcançadas por sua intercessão são testemunhados a cada dia, sendo o maior deles a edificação da cidade de Juazeiro do Norte, santuário do Nordeste e maior centro de religiosidade popular do mundo.

### **SEMANA DO PADRE CÍCERO - 18 A 24 DE MARÇO.**

18 - Abertura do Concurso de Pintura Mural

19 - Abertura da Exposição de Marcus Jussier

20 - Show Musical

20 - Relançamento do Cordel "A Guerra de 14 e O Canhão que Atirou do Contra" - Abraão Batista

20 - Inauguração da Restauração das Defesas de 1914

21 - Lançamento "A Comunidade de Juazeiro na Guerra dos Coronéis" - Marcelo Camurça

21 - Lançamento "A Sedição de 1914 no Ceará e os Célebres Beatos e Cangaceiros que dela Participaram" - Fátima Menezes

22 - Apresentação da orquestra Sinfônica da Paraíba (ao ar livre)

23 - Apresentação da Orquestra Sinfônica da Paraíba.

23 - Lançamento do Disco do Sesquicentenário

### **24 - SESQUICENTENÁRIO**

05:00H - Alvorada Festiva

06:30H - Missa Concelebrada (150 Sacerdotes)

10:00H - Lançamento da Medalha Comemorativa (Clube da Medalha)

10:00H - Lançamento do selo Comemorativo - ECT

17:00H - Palestra na Sociedade Padre Cícero

17:30H - Corrida Padre Cícero (Crato a Juazeiro)

20:00H - Solenidade Oficial do SESQUICENTENÁRIO.

## *Acontecimentos da História de Juazeiro*

- 1827 -

Pe. Pedro Ribeiro inaugura a capela de Nossa Sra. das Dores.

- 1844 -

Nasce, a 24 de Março, em Crato, Cícero Romão Batista.

- 1870 -

Ordenação sacerdotal do Pe.Cícero Romão Batista, em Fortaleza.

- 1872 -

Chega o Pe.Cícero ao povoado de Juazeiro.

- 1875 -

Inicia-se a construção da Igreja de N.Sa. das Dores.

- 1889 -

A Hóstia se transforma em sangue na boca da beata Maria de Araújo.

- 1891 -

O médico Marcos Madeira atesta como sobrenaturais os fenômenos por ele vistos e estudados, das hóstias que se transformaram em sangue.

- 1892 -

O Pe.Cícero é suspenso de ordens pelo Diocesano.

- 1898 -

O Pe.Cícero vai a Roma, tem audiência com o Papa Leão XII e é absolvido de suas penas.

- 1898 -

O Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, publica Pastoral proibindo o Pe.Cícero de celebrar.

- 1911 -

Juazeiro tornar-se Município em 22 de Julho e o primeiro Prefeito é o Pe.Cícero.

- 1913 -

Juazeiro é atacado pelas forças militares do Governador do Estado, Franco Rabelo.

- 1926 -

O Pe.Cícero é eleito Deputado Federal pelo Ceará.

- 1934 -

Falece, às 5 horas da manhã, o Pe.Cícero Romão Batista.

- 1944 -

Celebram-se as festas do Centenário do Pe.Cícero Romão Batista.

- 1994 -

Ano do Sesquicentenário do Pe.Cícero.

**Geraldo Menezes Barbosa**  
(Membro do Instituto Cultural do Vale Cariense)

## *O Bispo e os Fenômenos de Juazeiro*

**E**m toda a história dos pretensos milagres de Juazeiro, ocorridos entre os anos de 1889 a 1892, quando a Hóstia Consagrada transformou-se em sangue, ao ser comungada pela beata Maria de Araújo, por mais de dez vezes, uma interrogação continua até hoje, sem resposta:

Por que, durante todo aquele tempo dos fenômenos, o bispo diocesano, D.Joaquim José Vieira, não veio ter ao Juazeiro, para testemunhar os fatos, examinar o conteúdo daquela transformação, presidir, no caso uma comissão de inquérito, já que era ele o titular da Diocese responsável pela palavra final da Igreja em tão rumoroso assunto?

Que força maior teria sustentado lá em Fortaleza o ilustre antístite, em dois anos de ocorrências misteriosas na capela de Juazeiro, quando tantos outros sacerdotes de maiores distâncias aqui estiveram e tanto desejaram a presença de autoridade diocesana para dirimir algumas dúvidas, se as houvesse ou falar em nome da Santa Madre Igreja, a palavra final de um testemunho "in loco", experiente, doutrinado, fiel, imparcial?

Como teriam sido mudados os rumos da história do Juazeiro e da vida do Padre Cícero Romão Batista, se D.Joaquim José Vieira, tivesse feito uma visita pastoral à capela de Nossa Senhora das Dores, e após ter verificado cuidadosamente o que se passava, de fato com a beata Maria de Araújo, assistindo ao pé dela, a transformação da Hóstia em sangue rubro, escutando os médicos da época, confessando suas ovelhas, dialogando com as autoridades locais, reunindo em retiro todos os sacerdotes que testemunharam os fenômenos, enfim, perscrutando todos os horizontes de uma causa inédita na sua diocese, proclamasse a sua palavra final, de sim ou de não, em tudo aquilo que vinha revolucionando o interior do Nordeste!

Seria a própria palavra da Igreja, na pessoa do diocesano, presente aos fatos, respondendo com segurança:

- Amados irmãos em Jesus Cristo. O seu bispo está aqui em Juazeiro. Durante todos esses dias, permaneço observando os fatos ocorridos com a serva Maria de Araújo. Agora tenho a resposta para tudo o que vi. Deus seja louvado.

E então, D.Joaquim pronunciaria a sentença final, confirmando ou não a extraordinariedade do que presenciara ou não presenciara.

Então, os rumos da história ciceropolitana seriam bem outros.

Daí a interrogação:

Por qual motivo D.Joaquim não veio a Juazeiro?

Por que suportou pressões e comentários os mais fortes que o condicionaram a dar uma resposta, sem vir testemunhar os fatos?

Senão vejamos:

Cinco anos antes dos acontecimentos, D.Joaquim viajara de Fortaleza a Juazeiro, vindo fazer a sagração da nova capela de Nossa Senhora das Dores, no dia 20 de agosto de 1884.

Embora fosse uma viagem longa, mas já conhecia o caminho e o seu rebanho, não lhe faltando alento para retornar principalmente na tarefa evangélica de abrir luzes em um assunto que ele sabia ser tão delicado, conforme carta dirigida ao Padre Cícero, quando disse:

"Padre Cícero. É escusado dizer que sou seu amigo e venero suas virtudes; por isso deve V.Rev. fazer justiça às minhas intenções com relação a Maria de Araújo. Há de V.Rev. lembrar-se de que em 1886, no Quixará, contou-me alguns fatos extraordinários sucedidos com Maria de Araújo, havendo eu lhe ordenado muito critério, muito cuidado, em ordem de evitar-se qualquer ilusão. V.Rev. foi fiel às minhas recomendações, guardou silêncio criterioso; Mons.Monteiro, por um entusiasmo imprudente, divulgou do púlpito o fato, mais isto passou-se, caiu no esquecimento. O ano passado, porém, as cousas tomaram vulto, Mons.Monteiro pratica nova imprudência e V.Rev. começa a dar culto público...abalou o Ceará, excitou-se a curiosidade pública, a imprensa levou aos quatro ventos a notícia, tenho tido certos interrogatórios acerca do assunto. Nestas condições bem compreende V.Rev. o meu dever de Bispo; averiguar os fatos para que possa dizer "Digitus Dei est hic" ...exijo a entrada de Maria de Araújo na Casa de Caridade. Não desisto de minha exigência pois se trata de cousa muito séria..."

A indecisão de D.Joaquim de vir a Juazeiro examinar os fatos foi mais forte ainda ante as correspondências e informações pessoais bem como documentos assinados por sacerdotes, registrando os acontecidos. Basta saber que, dentre os padres que se decidiram a ficar ao lado dos milagres, destacaram-se: Padre Manuel Rodrigues de Lima, vigário de Milagres, Padre Manuel Antônio de Jesus, vigário de Salgueiro, Padre Félix Aurélio Arnaud, vigário de Missão Velha, Padre Manuel Furtado de Figueiredo, da paróquia de Milagres, Padre Nazário David de Sousa Rolim, coadjutor em Missão Velha, Mons.Francisco Rodrigues Monteiro, reitor do seminário de Crato, Padre Joaquim Sóter de Alencar, vigário coadjutor da paróquia de Crato, Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, e outros.

Assume ainda profunda indagação o fato de, não desejando vir ao

Juazeiro, D.Joaquim constituiu uma comissão de inquérito, convocando dois dos mais preparados sacerdotes de sua diocese, no caso o Padre Glicério da Costa Lobo, e Padre Dr.Francisco Ferreira Antero, ordenando que examinassem todos os fatos e ouvissem pessoas, constituindo um fiel relatório. A conclusão foi afirmativa: "ou devemos dizer que o sangue não é de Maria de Araújo, ou então admitir um outro milagre 'sui generis': atribuir ao Sangue de Maria de Araújo a propriedade de transformar uma substância em outra".

E após isso, os próprios sacerdotes da comissão ficaram ao lado do Padre Cícero, orientando-o a recorrer à Santa Sé, a fim e se obter um esclarecimento sobre tanta cousa extraordinária.

Nem por isso D.Joaquim decidiu-se a viajar ao Juazeiro e testemunhar aquilo que já se projetava para além fronteira, em busca de Roma.

Os pretensos milagres ocorreram por muitas vezes durante um período de dois anos - 1889 a 1892. Nesse longo tempo muitos jornais fizeram manchete sobre o assunto: "Diário do Comércio" de 19.09.1889, no Rio de Janeiro; Diário de Pernambuco, de 29.09.1889; "O Libertador" de Fortaleza, em 20.08.1890; "Era Nova" de 18.05.1891, de Caicó, Rio Grande do Norte, este último transcrevendo os atestados médicos dos doutores Marcos Rodrigues Madeira que assim declarava:

"...Quanto a mim trata-se de um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação científica. Muitos fatos semelhantes se têm dado no Juazeiro e para verificá-los era mister que o Exmo. Sr.Bispo Diocesano viesse a esta localidade, se não, acreditar, como eu, até pouco tempo, na sua veracidade, apesar do testemunho quase diário de centenas de pessoas. O que acima atesto é a verdade e o juro em fé de meu grau tantas vezes quantas me forem pedidas. Cidade do Crato, 2 de maio de 1891, Dr.Marcos Rodrigues Madeira".

"Em conclusão, não admitindo fenômeno que não seja o efeito de uma causa, penso que os fatos da ordem dos observados não podem ser explicados pelo jogo natural dos agentes naturais, sendo forçoso aceitar a intervenção de um agente inteligente, oculto que represente de causa, o qual nos casos em questão, acredito em Deus. Juazeiro, 30 de maio de 1891. Dr.Idelfonso Correia Lima".

Em todos esses documentos publicados nos jornais da época, de par com a avalanche de milhares de romeiros que passaram a fazer novas estradas nos sertões do Nordeste em busca do Juazeiro, estava, sem dúvida, o grito indagador do povo exigindo a presença do bispo da diocese, ao local dos fatos, para falar pela Igreja.

D.Joaquim, entretanto, preferiu agir a distância. Intimamente, sabia que o caso de Maria de Araújo não era fato inedito. Em setembro de 1222, São Francisco de Assis, recebia os estigmas sangrentos das

chagas de N.S. Jesus Cristo. Através da História, sabe-se que mais de 300 casos desses ocorreram no mundo e apenas 62 deles mereceram a visão da Igreja para as respectivas canonizações. Era, portanto, necessário que o bispo do Ceará, à luz da verdade, tivesse a coragem cristã de vir ao Juazeiro a fim de definir os fatos. Numa carta confidencial ao Padre Cícero, datada de 22 de julho de 1891, ele chegou a afirmar o seguinte:

"V.Revda, levado pelo seu ardente zelo de converter almas, tem-se excedido, avançando proporções temerárias não aprovadas pela Igreja, por exemplo: ter afirmado de púlpito (o Concílio de Trento proíbe expressamente qualquer novidade em matéria de novo culto, antes de ouvir o Santo Padre o Papa) que o sangue aparecido nas partículas é o de N.Senhora, etc...Já lhe mostrei alguns livros que dizem que, na hipótese duma hóstia converter-se em sangue, é um grande milagre, é um sangue miraculoso, mas não é o sangue de N.S.Jesus Cristo...Peça muito a Deus pelo seu humilde servo e admirador. Joaquim, Bispo Diocesano".

Finalmente a grande pergunta:

Que força maior sustentou D.Joaquim para não vir a Juazeiro nos tempos dos pretensos milagres? Seu temor em ser necessário assumir uma palavra decisória afirmativa de um milagre e, assim, sofrer e padecer os rigores da Santa Inquisição que poderia não aceitar milagres ocorridos numa terra distante e incipiente do Brasil?

Ou temeu chegar a Juazeiro e ser obrigado a condenar os fatos por vê-los insuficientes ou embusteiros e, assim, incorrer num perigo de agressão física ou moral? Mas, neste caso, sua lealdade à Santa Madre Igreja e sua entrega ao Cristo, seriam mais fortes, para acovardar-se como São Pedro.

Teria, finalmente, D.Joaquim, não desejado voltar atrás, nas suas decisões iniciais, quando não aceitou o relatório da Comissão de Inquérito por ele nomeada a qual confirmou que os fatos eram "sui generis" e de efeitos sobrenaturais?

A História dirá, no futuro, a resposta.

Enquanto isso, Juazeiro do Norte, cada vez mais se revigora na sua Fé em Cristo, na sua grandeza populacional e religiosa, na sua religiosidade popular, através de uma pastoral que atinge a milhões de almas por todo o Brasil.

Por certo, Deus queria que tudo fosse feito assim como foi, assim como está, assim como o será para o futuro.

## *Frases e Preceitos do Padre Cícero*

*"Deus está sobre tudo e é providência até das folhas que caem, quanto mais de nós que somos seus filhos. Sempre é mais seguro obedecer a Deus do que aos homens. Deus nunca deixou trabalho sem recompensa nem lágrima sem consolação. A quem Deus promete um tostão dá um milhão. Estou contente por sofrer alguma coisa sobre o meu Deus. Só Deus nos basta".*

*"Procure um caminho certo antes que seja tarde. O homem e a mulher nasceram um para o outro. O casamento religioso é indispensável e o casamento civil é a lei e a segurança da família. O casamento sacramentado é a união pela igreja de Deus. Na terra o homem perde os haveres e a vergonha e na outra vida perde o Céu. As ambições e os elementos corrosivos movem os que governam. Nosso Senhor nos ensina a amar aos maus porque os bons por si já não precisam de tantos cuidados. A gratidão é uma virtude do Céu. Nunca é tarde para cuidarmos de nossa Salvação, quanto mais próximo da morte pela idade. Ninguém persegue seus semelhantes impunemente. O demônio nunca deixou de procurar destruir a obra de Deus".*

*"Mãe de Deus, Mãe Soberana, Mãe das Dores. De hoje para sempre eu em entrego a vós como vosso filho e servo e consagro ao vosso serviço a minha alma, meu corpo e tudo o que me pertence. Abençoai minha família, meus trabalhos, meus haveres.*

*Sede minha protetora na vida e conduzi-me ao Céu".*

*"Nosso Senhor sabe que, com sua graça, nunca desobedeci, nem pratiquei, nem ensinei coisa alguma contra o ensino da Santíssima Igreja e nem quero o mal. Na Eternidade serão recompensados os que sofreram as injustiças do mundo. Tudo fica e nós vamos como Deus vê que somos".*



**José Cláudio de Oliveira**  
Conselheiro do Tribunal de Contas do Ceará.

## *Padre Cícero, Santo do Nordeste!*

O Padre Cícero Romão Batista, nascido há cento e cinquenta anos (24 de março) na cidade do Crato, foi o primeiro Prefeito de Juazeiro. O seu secretário, Fausto Guimarães - veio a ser Grão- Mestre do Grande Oriente - contou-me que um grupo de protestantes foi ao Juazeiro pregar a sua doutrina com o intuito de posteriormente instalar uma igreja dessa confissão religiosa, dissidente da Igreja Católica. Os protestantes foram apedrejados. Sabendo disso, o Padre Cícero mandou uma equipe de "homens fortes" para dar segurança e garantir a incolumidade dos visitantes. Ao mesmo tempo os convidou para jantar em sua casa.

Vejam nesse exemplo, a grandeza e a visão ecumênica do eminente sacerdote que injustamente suspenso de ordens, jamais se rebelou contra a Igreja e deixou os seus bens para a irmandade dos padres salesianos. Apertar a mão de um maçom, de um protestante ou de um espírita era "pecado mortal". O Padre Cícero estava muito acima dessas credices e superstições, tratando a todos como irmãos, sem fazer restrição a ninguém. Foi verdadeiramente um cristão.

Em 1975, indo a Maceió para uma reunião da Adesg e a convite do ministro José Bezerra, do egrégio Tribunal de Contas de Alagoas fui, com a minha mulher (juazeirense) comprar umas toalhas feitas por esposas de pescadores. Andamos em várias casas e verificamos a imensa devoção do povo alagoano pelo Padre Cícero. A agência principal do Banfort, na Rua do Rosário, é gerenciada por um alagoano de nome Cícero e disse-me ele que esse nome é muito comum em Alagoas.

Além do prefeito, o Padre Cícero foi 3º vice-presidente da augusta Assembléia Legislativa do Ceará. Segundo o eminente Monsenhor José Quinderé, in História do Ceará, de Filgueiras Sampaio, páginas 84 e 85, o general Franco Rabelo, Presidente do Estado, "mandou toda a Polícia com música e até o médico para o Juazeiro, a fim de abafar aquele começo de incêndio". Havia uma rebeldia nessa cidade em razão dos candidatos a deputado não terem sido reconhecidos pela Assembléia Legislativa.

Havia a notícia "de que a polícia fora prender o Padre Cícero e trazê-lo para Fortaleza. Com a tal notícia, não houve mais quem contivesse os habitantes de Juazeiro, pois até mulheres daquela cidade pegaram em armas". Na primeira refrega os soldados e músicos

perderam-se nos canaviais e nas matas do Araripe. Duas colunas de jagunços - como chamavam os partidários do Padre Cícero - bem municidados, comandados pelo Dr. José de Borba Vasconcelos (pai do deputado Aécio de Borba) e Pedro Silvino, desceram em demanda de Fortaleza. À hora da partida, o Padre Cícero falou àquela gente, aconselhando "respeito às famílias e às propriedades e que não voltassem sem ver o mar", significando que voltassem vitoriosos.

Franco Rabelo foi deposto e a 13 de março de 1914 assumiu o interventor Cel. Fernando Setembrino de Carvalho. Agora querem canonizar o Padre Cícero. Ele já o foi pelo povo do Nordeste.

## *Sesquicentenário Terá Selo da EBCT*

A Superintendente de Filatelia da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBTC), Lais Scutto, enviou ofício ao Prefeito Manoel Salviano, informando que na reunião do dia 12 de agosto, a Comissão Filatélica aprovou a emissão do selo comemorativo do Sesquicentenário de Nascimento do Padre Cícero. A EBTC, com este gesto, reconhece nacionalmente a importância religiosa, política do filho mais ilustre do Cariri e de sua grandiosa obra social pelo povo de Juazeiro e de todo o Nordeste.

A emissão do selo foi conquistada através de uma ampla mobilização da sociedade civil da Terra da Mãe da Dores. Desde a primeira correspondência, enviada à Comissão Filatélica pelo senhor Lauro Pinto de Sá Barreto - e de comum acordo com o Prefeito Manoel Salviano - no dia 06 de março de 1993, várias foram as solicitações encaminhadas ao Correio. O Prefeito, em conjunto com o Deputado Estadual, José Arnon; vereadores com Aguinaldo Carlos e Gilson de Sousa; presidentes de partidos políticos, Rotary, Lion's, IPESC e ICVC ( Instituto Cultural Vale Cariense ) e toda a sociedade juazeirense enviaram ofícios a EBCT e num esforço conjunto garantiram o selo que irá divulgar e difundir a imagem e mensagem de fé e esperança deixada pelo Patriarca de Juazeiro.

Conquistada a primeira etapa - a aprovação - a Comissão Organizadora do Sesquicentenário, designou o Ipesc, pelo seu aprofundado conhecimento sobre Padre Cícero e a Cidade, como responsável de elaborar o documento solicitado pela EBCT para confecção do selo a ser lançado, nacionalmente, do dia 24 de março de 1994 - dia em que há 150 anos nascia o Padre Cícero Romão Batista.

A Comissão Filatélica no seu veredito emitiu o seguinte parecer: "a Comissão reconhece a importância que exerce o Padre Cícero, principalmente na comunidade nordestina, bem como seu enquadramento no contexto religioso nacional."

J.C. de Alencar Araripe

*A Morte do Padre Cícero**Um Dia de Comoção Popular*

**A**s 6h 40min do dia 20 de julho de 1934, falecia em Juazeiro do Norte, o padre Cícero Romão Batista. Quando se agravou o seu estado de saúde, havia o temor generalizado de que o desenlace ensejasse perturbações da ordem. O velho sacerdote de 90 anos conquistara a afeição ilimitada das populações sertanejas, sobretudo, dos habitantes da cidade que se desenvolvera sob o seu patriarcado. Como reagiriam ao anúncio da sua morte?

A comoção popular foi muito grande. Seria até impraticável descrevê-la em todos os pormenores, tal o profundo sentimento de pesar que de todos se apossou. Mas o sobressalto, que tinha razão de ser, felizmente não se configurou em realidade. Os telegramas, que os jornais de Fortaleza publicaram, são unânimes em acentuar a não ocorrência de manifestações de desordem que afetassem a tranqüilidade pública. A insistência com que sublinhavam esse ponto já é um indicativo do fundado receio que pairava.

O padre Cícero submetera-se, a 14 de julho, a uma operação para extração de catarata, que o privava do uso da visão. Executou a intervenção o oculista Isaac Salazar, que viera do Recife. Segundo o Padre Azarias Sobreira, no livro *O Patriarca de Juazeiro*, o padre Cícero ainda conseguiu identificar o título de *O Nordeste*, diário católico de que era assinante. Mas o ato cirúrgico, como se presumia, não fora satisfatório, em virtude da avançada idade e da fraqueza orgânica do paciente. No dia 18 de julho, era acometido de rebelde paralisia intestinal e de fortes sinais de uremia.

O Dr. Belém de Figueiredo, que o assistia e fez o diagnóstico, convoca outros médicos: Mozart de Alencar, Elísio Figueiredo, este do Crato, Pio Sampaio, de Barbalha, e Luiz Lessa, do Serviço de Febre Amarela, e que estava, em missão, na cidade. A conferência médica conclui que o quadro era realmente de paralisia intestinal e insuficiência cardio-renal.

Desdobram-se os esforços médicos, mas não havia resposta à medicação aplicada. Diz o padre Azarias Sobreira que o enfermo teve instantes de impaciência, reclamando remédios mais fortes que o livrassem dos sofrimentos atrozes por que passava. Três doutores à cabeceira e não resolviam a situação.

## *Os últimos Momentos*

Dou a palavra ao padre Azarias Sobreira para o relato dos últimos momentos do padre Cícero: "Na madrugada do dia 20 foram-lhe administrados os derradeiros sacramentos da Igreja pelo próprio Vigário da Paróquia, Mons. Pedro Esmeraldo da Silva, de saudosíssima recordação. Aliás, desde o agravamento de seus males, o padre Cícero vinha recebendo a sagrada Eucaristia. Já não restava o mais pequenino indício de restabelecimento. Sentia-se, pelo contrário, que pouco faltava para o desenlace fatal.

"A umas tantas, por iniciativa da educadora conterrânea Amália Xavier de Oliveira, diretora crônica da Escola Normal Rural pioneira do Brasil, rezou-se, em voz alta, o terço que o moribundo, pelo bater dos lábios e não menos pelo recolhimento de espírito, dava mostras de estar acompanhando com plena lucidez.

"Mais de uma vez, ainda chamou por um dos médicos e indagou dele acerca da marcha da enfermidade que lhe ia consumindo as forças. Duas vezes falou para o padre Juvenal Colares Maia que o vinha assistindo com os socorros espirituais. E exatamente numa de tais ocasiões o mesmo padre, percebendo que já não havia tempo a perder, deu-lhe a derradeira absolvição e logo depois lhe pediu, visivelmente emocionado, que lançasse uma bênção de despedida sobre o seu povo, que, em número incomputável, se tinha postado em frente de sua residência desde alta madrugada. Que essa bênção fosse dada aos presentes, aos ausentes e também aos amigos e inimigos.

"Sacudido por semelhante apelo, o Patriarca fez menção de puxar para mais perto o travesseiro que tinha ao lado, firmou nele o cotovelo e, erguendo a mão trêmula, traçou no ar três cruzeiros bem distintas, ao mesmo tempo em que ia dizendo: - "No Céu rogarei a Deus por todos".

"Imediatamente entrou em rápida e edificante agonia. E como continuasse falando, Amália Xavier colou o ouvido aos lábios dele e ouviu estas palavras repetidas com impressionante insistência: 'Meu Pai, meu Pai...' E sem a menor contração no rosto, exalou o derradeiro suspiro o fundador sempre lembrado de Juazeiro do Norte.

O Relógio da sala de jantar marcava precisamente seis horas e quarenta minutos do dia vinte de julho de 1934".

## *O Anúncio da Morte*

Desde que se filtrara a informação de que estava por um fio a vida do padre Cícero, uma multidão se concentrara, dia e noite, diante de sua residência, à Rua São Pedro. Agora, que se consumara o óbito, era preciso levá-lo, oficialmente, ao conhecimento do povo.

Coube a delicada tarefa ao ex-governador Plácido Castelo, então Juiz Municipal de Juazeiro. Assomando à janela, e em atitude de compunção, Plácido Castelo dirigiu-se aos circunstantes anunciando o desfecho esperado mas não desejado. E pediu a todos que se conservassem calmos em face do irremediável.

O esforço das autoridades e das personalidades mais influentes da cidade foi no sentido de evitar a perturbação da ordem, objetivo afinal alcançado, sem necessidade de policiamento ostensivo. Não obstante, à guarnição da Polícia Militar, em Juazeiro, juntaram-se os destacamentos de Crato, Barbalha, Milagres e Missão Velha, por requisição do Delegado Regional, capitão Luís David, para tanto autorizado pelo Chefe de Polícia, Franklin Monteiro Gondim.

Exposto o corpo na sala principal da residência, a ela afluíram milhares de pessoas. Todos queriam ver o padre Cícero, uns tiravam a medida do seu corpo, outros o tocavam com ramos e imagens do sacerdote. A desolação era indisturável. Apesar dos inevitáveis atropelos foi possível conservar a calma e o respeito ao venerado morto.

A certa altura da romaria que se intensificava, resolveram expor o ataúde em uma das janelas, de onde se tornava visível a um maior número de pessoas, evitando-se, assim, o congestionamento das primeiras horas.

O Prefeito Municipal, Porfírio de Lima Filho, decretou luto oficial por três dias, procedimento adotado em Crato e outras cidades do Cariri. O comércio de Juazeiro cerrou as suas portas. Quase toda as casas ostentavam faixas pretas. À tardinha, um avião militar sobrevoou a cidade e fez evoluções em homenagem ao padre Cícero.

### *Cortejo Fúnebre*

O Sepultamento fora marcado para a manhã de 21. Às 7h 45min desse dia, o juiz Plácido Castelo mais uma vez falou ao povo para comunicar-lhe que o caixão mortuário ia ser retirado da janela, onde estivera exposto, a fim de que se procedessem a orações fúnebres e, depois, ao enterro.

Dentro em pouco, formava-se longo cortejo, acompanhado por mais de 60 mil pessoas, segundo cálculos divulgados pelos jornais da época. Na Praça Almirante Alexandrino, foi recebido pelo buzinar estridente dos carros ali estacionados, seguindo-se discursos do farmacêutico José Geraldo e dos Srs. José Fausto e Odílio Figueiredo.

Percorrendo as Ruas São José, da Matriz, Padre Cícero, Santa Luzia e Perpétuo Socorro, o féretro chega, afinal, ao local em que se daria o sepultamento, a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo

Socorro, no mesmo túmulo onde tinham sido inumadas a mãe e a irmã do padre Cícero.

Da cerimônia de encomendação, participaram vários sacerdotes, entre os quais, monsenhor Vicente Soter, Vigário Geral e representante do Bispo Diocesano, Dom Francisco de Assis Pires, naquela ocasião em visita pastoral a Assaré, monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva, Vigário da Paróquia de Juazeiro; padres Cícero Coutinho, Osvaldo Rocha, Francisco Pita, José Sobreira, David Moreira e Juvenal Colares.

Eram 9h 45min quando o corpo baixou à sepultura. Pelo resto do dia, a capela permaneceu regurgitando de fiéis que rezavam pela alma do padre Cícero. E, pelo tempo afora, no meio-século transcorrido, é um centro de peregrinação dos romeiros, para a oferenda das flores e das velas.

### *O Testamento*

Sete dias decorridos da morte do padre Cícero Romão Batista, e após a celebração das exéquias, foi aberto o testamento cerrado exarado pelo pranteado sacerdote. O segundo e último testamento, a sua vontade definitiva, portanto, datado de 4 de outubro de 1923. E, se foi o segundo, é porque antes houve um outro, o primeiro, de 7 de março de 1922.

A cerimônia de abertura do testamento processou-se, dentro das formalidades legais, pelo Juiz Municipal, Dr. Plácido Aderaldo Castelo, na presença de autoridades outras e de pessoas de prol da cidade. O documento foi apresentado por Joana Tertuliana de Jesus, conhecida pela alcunha de Beata Mocinha.

### *O Primeiro Testamento*

Os dois testamentos têm pontos em comum, a filiação, o enunciado relativo ao ministério sacerdotal, a confissão de castidade perpétua, a destinação de bens à Nossa Senhora das Dores e a pessoas de particular afeição, como usufruto, a maneira de utilizar esmolas e doações recebidas, a preocupação com o futuro de Juazeiro, o apelo aos romeiros para que não deixassem de visitar a cidade. Em todas as manifestações, o espírito de humildade, desprendimento, bondade e gratidão.

Mais os dois testamentos divergem em pontos fundamentais.. No primeiro, a maior soma dos bens, envolvendo fazendas, sítios e casas, no Ceará e em outros Estados, destinava-se aos Monges Premonstratenses e, na ausência deles, aos Monges Trapistas, dos quais se tornara admirador quando estivera em Roma. Se essas ordens

religiosas não assumissem os encargos, no prazo de dois anos, os bens passariam a pertencer à Santa Sé, que os empregaria como melhor lhe aprouvesse. Eram contemplados também as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo e a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza; a Casa de Caridade, a Diocese e o Seminário Diocesano do Crato; o Arcebispo e o Seminário Arquidiocesano da capital cearense.

### *A Vontade Final*

No segundo testamento, os grandes herdeiros tornaram-se os Padres Salesianos, com a incumbência explícita de desenvolverem em Juazeiro grande obra educacional em favor da juventude. Uma mudança que se justifica, pois, segundo entendidos na matéria, premonstratenses e trapistas já atravessavam uma fase de decadência, enquanto os salesianos ostentavam plena vitalidade. A eliminação de instituições de Fortaleza e Crato adveio da convicção de que, das doações a elas reservadas, não resultariam benefícios para Juazeiro e o seu povo, o objetivo maior do testador.

Confessa o padre Azarias Sobreira, no livro *O Patriarca de Juazeiro*, que influíram na decisão do padre Cícero os conselhos do Dr. Floro Bartolomeu, do Juiz de Direito, Juvêncio Santana, e de um sacerdote cujo nome não declina. De Juvêncio Santana sei tratar-se de homem sério, austero, correto, amigo leal, que residia em casa contígua à do padre Cícero, havendo entre ambas comunicação direta.

### *A Rebelião de 14*

Uma disposição incisiva do padre Cícero, constante do segundo testamento, mas que não figurou no primeiro, é a relativa à rebelião de 1914, que partiu de Juazeiro e veio até Fortaleza e acabou por derrubar o presidente Franco Rabelo.

Há o convencimento, muito difundido, de que o sacerdote patrocinou o movimento rebelde e foi o seu chefe máximo. Quando não o culpam como inspirador direto da insurreição pelo menos o incriminam por permitir a sua eclosão e o desdobramento que teve. Com a autoridade e o prestígio que detinha poderia abortá-lo no nascedouro.

Lendo-se, aliás, alguns dos livros que se ocupam da revolta armada, toma-se conhecimento dos telegramas que endereçou, entre outros, ao Presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, ao chefe do Partido Republicano Conservador, Pinheiro Machado, ao Presidente do Estado, Franco Rabelo, aos coronéis Setembrino de Carvalho e Benjamim Liberato Barroso, que executaram, sucessivamente, a intervenção federal. A linguagem é de quem exerce liderança

incontestável e fala por todos.

Vários anos antes da morte do padre Cícero, o desabusado caudilho Floro Bartolomeu da Costa, em longo discurso na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, já declarara:

"Apesar de todo o País saber que a revolução de Juazeiro foi um movimento de ordem política, com a qual foram moralmente solidários os altos poderes da República e que eu fui incumbido de chefia-la pelos chefes políticos, e que unicamente dirigi toda a ação contra o governo Franco Rabelo, ainda há quem, de má fé, queira dar a responsabilidade ao padre Cícero. "E, enfático, indagava: "Será possível que ainda hoje não se saiba que fui eu o chefe da Revolução de Juazeiro e o único responsável por ela?"

### *Ludibrio ou Fraqueza*

Na parte do testamento em que trata da rebelião, o padre Cícero diz: "Preciso ainda elucidar um assunto ao qual o meu nome por circunstâncias especiais se acha ligado, porém no qual minha ação, aliás, pacífica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixam dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpretá-la".

A seguir, enfatiza que nunca quis envolver-se na atividade partidária e se veio a atuar na política, primeiro, como prefeito, depois como vice-presidente do Estado e deputado federal, foi a insistentes pedidos e, em certa ocasião, para evitar o pior para Juazeiro. E frisa: "Quando, em novembro de 1913, o meu amigo Dr. Floro Bartolomeu da Costa, atual deputado federal por esta cidade, e diretor político desta terra, de volta do Rio de Janeiro me informou que os chefes do partido decaído haviam resolvido reunir a Assembléia Estadual aqui, por ser impossível a reunião em Fortaleza em virtude da pressão exercida pelo partido governante, e dar-lhe a direção do movimento reacionário, com a maior lealdade ponderei, em carta reservada ao coronel Franco Rabelo, sobre a vantagem da sua renúncia. E assim procedi porque, sem nada de mais grave propriamente saber, a não ser da reunião da Assembléia, percebi, pelos precedentes de violência do então governo, a possibilidade de uma luta".

Em abono da opinião acima expressa, vale lembrar a carta que o senador Francisco Sá, chefe da oposição no Ceará, enviou do Rio ao padre Cícero, tendo como portador Floro Bartolomeu. Nessa carta, não se cogita de revolução. O senador alude às "medidas necessárias à retomada da paz e tranqüilidade do povo cearense" com o mais pronto e decidido apoio federal.

O padre Cícero, que foi, ao que parece, ludibriado, pelo modo



subliminar como colocaram o problema para ele, ou que não teve condições de deter a marcha dos acontecimentos, pelas manifestações de intolerância já registradas, de ambos os lados, resolveu afastar-se do campo da ação política e permitir que Floro Bartolomeu "agisse conforme as ordens recebidas". Depois de acentuar que a gravidade do curso da luta foi para ele uma surpresa, desabafa: "De maneira que posso afirmar, sem nenhum peso de consciência, que não fiz revolução, nela tomei parte, nem para ela concorri, nem tive nem tenho a menor parcela de responsabilidade, direta ou indiretamente, nos fatos ocorridos".

A insistência com que se tem defendido o padre Cícero, no tocante à rebelião de Juazeiro, e o tom peremptório da sua declaração testamentária são evidências de que a rebelião constituiu num agravo à ordem legal e as estripulias praticadas pelos jagunços afrontaram a consciência moral e jurídica da Nação.

### *Vasta Literatura*

O padre Cícero Romão Batista, sua vida e sua obra, Juazeiro do Norte e a extraordinária evolução que alcançou, o problema do cangaceirismo e do fanatismo religioso, sobretudo no Nordeste, inspiraram opulenta literatura ao longo de mais de meio-século.

Socorro-me de José Bonifácio Câmara, filho de Maranguape e bibliófilo incansável e obstinado, que montou uma biblioteca de autores cearenses ou que escreveram sobre o Ceará da sua e minha maior querência. No Apartamento 503 da Rua Marquês de Abrantes, 115, Rio de Janeiro, onde reside, formou um acervo riquíssimo de obras modernas e antigas, várias delas verdadeiras preciosidades bibliográficas, que conserva com entranhado carinho.

Há muitos anos, dedica-se, com paciência beneditina, ao trabalho de reunir livros, opúsculos, relatórios dos Presidentes da Província do Ceará, tudo quanto diz respeito ao torrão natal. E nesse afã, que não conhece canseiras ou esmorecimentos, realiza empresa de incalculável alcance literário e histórico.

O padre Francisco Sadoc de Araújo, em Ceará: Homens e Livros, faz a apologia da biblioteca de José Bonifácio Câmara, que visitou durante horas, deleitou-se com o que viu e confessa-se encantado diante da organização estabelecida com rigores técnicos.

Compreende-se a digressão, que ora faço, para justificar o apelo que dirigi ao benemérito bibliófilo conterrâneo. No cinqüentenário da morte do padre Cícero, que ora transcorre, seria não só pertinente como envolveria interesse relacionar a vasta bibliografia que se formou em torno da figura carismática do Patriarca de Juazeiro. A biblioteca de

José Bonifácio Câmara pareceu-me a fonte mais aconselhável para esse levantamento. Tanto pela destinação que encerra como pela proverbial prestimosidade do seu proprietário.

Não me aventuro a apreciação, à análise de cada um dos títulos, porque seria tarefa demasiadamente complexa e que exorbitaria de uma matéria com alcance jornalístico. Limito-me a uma relação, obediente, nesse tocante, às regras da Biblioteconomia, excluindo, porém, a literatura de cordel, que é ilimitada e, creio, incontrolável.

Foram publicados, segundo os dados coligidos, 55 livros. Vários deles, como se pode observar, são do período em que o padre Cícero vivia. Mas a grande maioria surgiu após o seu desaparecimento, a 20 de julho de 1934.

Existem livros que enfocam o padre Cícero com abrangência geral. Outros detêm-se nos pretensos milagres e nos seus desdobramentos, com imensa repercussão e constituindo-se, sem dúvida, no fator mais poderoso de aliciamento entre as massas sertanejas que afluíram a Juazeiro. A rebelião de 1914, que derrubou o presidente Franco Rabelo, também é um dos aspectos ventilados com insistência.

Vale salientar ainda: continua extremamente controversa a personalidade legendária que ora se evoca com emoção. Há os que exaltam ao paroxismo, proclamam as suas benemerências e cantam as suas virtudes. No extremo oposto, estão os críticos desabusados. No centro, uma terceira corrente, que louva, aplaude, ressalta aspectos positivos, mas que não silencia, porém, em face de certas peculiaridades que aponta como negativas. Entre os que assim se posicionam, o norte-americano Ralph Della Cava.

Um dos últimos livros intitula-se Falta um defensor para o padre Cícero, de autoria do padre Antônio Feitosa. Pelo título, já se conclui que o Autor não concorda com a colocação que acima perfilei. A tese fundamental do livro do padre Feitosa é a de que, mesmo os que se arvoraram de defensores, ou que como tal podem ser apontados, não conseguiram isentar de culpa o padre Cícero nos casos considerados como desabonadores. Nessa categoria, estão alguns que não escreveram livros, mas prestaram depoimentos valiosos em artigos, como Fernandes Távora e Antônio de Alencar Araripe, este, amigo particular e que privou da intimidade do padre Cícero como seu advogado em mais de uma causa.

O cinquentenário da morte do Patriarca de Juazeiro talvez venha a inspirar novo surto publicitário, ou, pelo menos, reedição de livros há muito esgotados. O tema é inexaurível, pela permanência da figura do sacerdote como centro de curiosidade e devoção.

## *Bibliografia*

01. ALBUM de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1951.68p.
02. ALVES, Joaquim. Juazeiro, cidade mística. Fortaleza: Editora 18. COSTA E SILVA, Luciano N. da & CARVALHO, Mystes de Padre Cícero, o apóstolo do Juazeiro. ( A Aparecida do Nordeste" Instituto do Ceará" Ltda., 1949.29p
03. ANDRADE, L. Costa. Sertão adentro: alguns dias com o Padre Cícero. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1922.157p.
04. ANSELMO, Otacílio. Padre Cícero: mito e realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.548., il.
05. ARAÚJO, Padre Antônio Gomes de. Apostolado do embuste. Crato: Edições Itaytera, Tip. Imperial.1956.62p.
06. BARBOSA, Valter. O Padre Cícero no folclore do Cariri. Maceió: Secretária de Educação e Cultura do Estado de Alagoas, s.d. 10p.
07. BARBOSA, Walter. Padre Cícero, pessoas, fotos e fatos. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 198.145., il.
08. BARTOLOMEU, Floro. Juazeiro e Padre Cícero. ( Depoimento para a História ). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923. 1822p., il.
09. BARROS, José Goes de Campos. Ordem dos Penitentes. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1937.39p., il.
10. BENEVIDES, Aldenor. Misticismo e fanatismo no Nordeste. Juazeiro: 1972.30p.
11. Padre Cícero e Juazeiro. 2.ed.Brasília: Artes Gráficas Regina, 1969.272p., il.
12. CAJADO, Syonara. Meu Padim Ciço, o santo de Juazeiro. São Paulo. Nova Época, Editorial Ltda., 1980.109p., il.
13. CARNEIRO, Caio Porfírio. Uma luz no sertão. São Paulo: Clube do Livro, 1973. 159p.
14. CASTRO, Godofredo de. Juazeiro na Assembléia Legislativa do Ceará. (Discursos) Fortaleza: Typographia São José, 1925, 66p.
15. CAVA, Ralph Della. Milagre do Joaseiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1977.279p., il.
16. CAVALCANTE, J.B. de Holanda. Um crime político. Fortaleza: Typ. Central, 1934. 112p., il.
17. CORRÉA FILHO. O Turbilhão dos punhais. Rio de Janeiro: Edição Gráfica Barbero, 1975. 125p.). São Paulo: Nova Época Editorial Ltda., 1976.120p.,il.
19. DELGADO, Dom José de Medeiros, Juazeiro, Padre Cícero e Canindé, Fortaleza: Documentário Pastoral, 1968.42p.

20. - Padre Cícero, mártir da disciplina. Fortaleza: Documentário Pastoral, 1970. 81p.
21. DELGADO, Dom José de Medeiros; SUCUPIRA, Comendador Luís; SOBREIRA, Padre Azarias. Memorial da celebração do centenário da ordenação sacerdotal do Padre Cícero Romão Batista. Fortaleza: Empresa Editora A Fortaleza, 1970, 41p.
22. DENIS, M. Mistérios do Joazeiro. (História completa do Padre Cícero Romão Batista do Joazeiro do Ceará). Joazeiro: Tipografia do "O Joazeiro", 1935.196p.iL.
23. ECOS do "Apostolado do embuste". Crato: Tip. Imperial, s.d., 19p.
24. FACÓ, Rui Cangaceiros e fanáticos: Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1963., iL.
25. FEITOSA, Padre Antônio. Falta um defensor para o padre Cícero. São Paulo: Edições Loyola, 1983.31p.
26. FEITOSA, Padre Neri. Eu defendo o padre Cícero. São Paulo: Imprensa nas Escolas Profissionais Salesianas, 1982.117p.
27. Monsenhor Joviniano Barreto. Crato: Cadernos do Cariri, 1966.66p.iL.
28. GOMES, Dias. A Revolução dos Beatos.. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1962.255p.
29. GUIMARÃES, Therezinha Stella e DUMCULIN Anne O Padre Cícero por ele mesmo. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.134p.
30. LOURENÇO FILHO, M.B. Juazeiro do Padre Cícero. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d. , 217p.
31. MACÊDO, Nertan. Floro Bartolomeu, o caudilho de beatos e cangaceiros; Rio de Janeiro: Agência Jornalística IMAGE, 1970.217P.
32. - O Padre e a beata. Rio de Janeiro; Editora Leitura S.A, 1961.190p.
33. - Rosário, rifle e punhal. Romanceiro do Padre Cícero Romão Batista. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1960.177p.
34. MACÊDO, Padre Manuel. Joazeiro em foco. Fortaleza: Empresa Editora de Autores Católicos, 1925.111p., iL.
35. MACHADO, Paulo. O Padre Cícero e a literatura de Cordel. Fortaleza: Gráfica Editora Cearense Ltda., 1982,230p.
36. MAIA, Padre Dr.Helvídio Martins. Pretensos milagres em Juazeiro. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1974. 199p., iL
37. MARQUES, Daniel Walker Almeida. Padre Cícero na berlinda. Juazeiro do Norte: Instituto Cultural do Vale Cariense, 1978.14p.
38. MONTENEGRO, Abelardo. História do fanatismo religioso no Ceará. Fortaleza: Editora A.Batista Fontenele, 1959.76p.

39. MORÉL Edmar. Padre Cícero, o santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S.A., 1946.76p.
40. NASCIMENTO, Francisco Fernandes do Milagre na terra violenta. Padre Cícero, o Santo Rebelde Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.237p.
41. OLIVEIRA, Amália Xavier de . O Padre Cícero que eu conheci. (Verdadeira História de Juazeiro do Norte). Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora Ltda., 1969.313.,il.
42. OLIVEIRA, Xavier. Beatos e cangaceiros Rio de Janeiro: 1920. 248. il.
43. PEIXOTO Alencar Juazeiro do Cariry. Fortaleza: Typographia Moderna, 1913.227.p.
44. PINHEIRO, Irineu. O Joazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914. Rio de Janeiro. Irmãos Pongetti Editores, 1938.243., il
45. QUEIROZ, Rachel de A Beata Maria do Egipto (Peça em 3 atos). Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1958.100p., il.
46. RABELO, Silvío. Os Artesãos do Padre Cícero. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.156p.il.
47. SILVA, Aguinaldo e COMPARATO, Doc. Padre Cícero, Rio de Janeiro: Editora Record, 1984.263p.
48. SILVA, Padre Antenor de Andrade. Os Arquivos do padre Cícero. Juazeiro do Norte: 1977.89p., il.
49. SILVA, Simões da. O Padre Cícero e a população do Nordeste. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1927.204., il.
50. SOBREIRA, Padre Azarias. O Patriarca de Juazeiro. Juazeiro: Petrópolis. Editora Vozes Ltda., 1969.446p.
51. - Em defesa de um abolicionista. (Resposta ao "Apostolado do Embuste"). Fortaleza: Editora A.Batista Fontenele, 1956.87p.
52. TÁVORA, Fernandes. Considerações sobre o estado mental do Padre Cícero. (Carta ao Padre Azarias Sobreira). Fortaleza: Emp.Editora Fortaleza Ltda., 1944,18p.
53. THEPHILO, Rodolfo. A Sedição do Joazeiro. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia Editores, 1922.275p.
54. VALENTE, Valdemar. Misticismo e região. (Aspectos do Sebastianismo Nordestino). Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.120p.
55. VIDAL, Reis. Padre Cícero. (Joazeiro visto de perto. O Padre Cícero Romão Batista, sua vida e sua obra). Rio de Janeiro: 1936.166., il.

**Dr. Mozart de Alencar*****O Trabalho***

És a força de Deus prodigiosa,  
Surgida na eclosão da nebulosa,  
Nos labores secretos e profundos  
Da criação das cousas e dos mundos.  
Presidiste no caos a formação  
Do Universo e de toda criação.  
Terror do fraco, estímulo do forte,  
Em tudo estás, na vida e até na morte.  
Na vida, tu presides as latentes  
Gestações ignotas das sementes,  
Todo mistério da germinação,  
Toda essa universal inquietação,  
Toda essa inquietação indefinida  
Que se traduz, um dia, pela vida.  
Na morte, eu te pressinto, força etérea,  
Na desagregação dos corpos, da matéria.  
Em tudo estás que a tudo tu presides,  
Desde a inércia até às leis das grandes lides,  
Na grandeza de todas as nações,  
Do progresso, nas suas ascensões.  
Também no amor, no bem, na paz, nas glórias,  
Nas conquistas de todas as vitórias,  
Nos campos, quando o braço do homem faz  
Desabrochar as comas dos trigais,  
No sol, que de manhã rasga horizontes,  
Banhando de ouro as cúpulas dos montes,  
Nos pipilos dos tenros passarinhos,  
Na placidez selvática dos ninhos,  
Na luz do sol, vulcão das alturas  
Propina a vida sobre as criaturas,  
Fecunda o ventre ubérrimo da terra  
Nas ondas do que ele decerra.  
Trabalho! lei suprema do Universo!  
Recebe na cadência do meu verso,  
Embora despojado de harmonia,  
Todas as homenagens deste dia.  
Fonte de Luz, do bem e da verdade,  
Sê tu espelho para a mocidade.

**Joca**  
(Cícero Jorge de Carvalho)

*O Vulto*

É apenas uma sombra na janela  
Suavemente a voitar descontraída  
A esguia silhueta...o vulto dela  
Diáfana e lépida a própria luz jungida

A cada dia, cada hora cada instante  
Eu a vejo extasiada a minha frente  
Sombra etérea...amada, deslumbrante  
Emergindo do passado em meu presente

Tento as vezes prendê-la junto ao peito  
Se evapora sorrateira,...não tem jeito  
E logo volta a contemplar me embevecida

E apenas uma sombra na janela  
A esguia silhueta,...e vulto dela  
A rondar constantemente minha vida!

*ERISVALDA*

E um dia chegarei devagarinho  
E minha voz em tua porta ouvires  
Chamar-te-ei pelo nome com carinho  
E venturosa pros meus braços correrás

Embrigar-me-ei de vez no teu sorriso  
O doce mel da tua boca sugarei  
Nos teus braços criarei meu paraíso  
Nos segredos do teu corpo dormirei

Passem os dias,...as horas,...passam os anos  
Inebriados de amor...risos ufanos  
Embevecidos em divinal felicidade

Fruirás na minh'alma o idílio santo  
Nos meus versos louvarei o teu encanto  
E ante nós curvar-se-á a eternidade!

## SAUDADE

Saudade é bicha qui dói  
é cumo firida braba  
doi,doi,doi,doi  
mata a gente  
i num si acaba

**Francisco de Assis Clementino Ferreira**

## NOSSO CLUBE ROTÁRIO

Rotary de Crato-Centro  
Tenro, noviço, chegante  
Forte, fluente, ofegante  
Pelos propósitos que traz

Na grande luta recruta  
benfeitores mui capazes  
Viris operantes na luta  
Valentes feitores da paz

Planos temos, e bastantes  
Projetos, temos alguns  
idéias queremos mais  
no ideário comum

o Clube padrinho é fonte  
que gera alento e calor  
Mestres Euclides e Nenem  
nos dão lições de amor

Cinquenta anos casados  
que belo, que lindo, é gente  
terá lição mais profícua  
no tempo hediernamente ?

companheiros, nosso Clube  
sob a aura Euclidiana  
com Nenem impulsionando  
é grande em companheirismo  
praticado a cada semana.

**( Presidente do Rotary Club Crato-Centro)**



**Simeão Luna Machado**

*O Pau da Bandeira*

Oh! Quanta gente! Que tanto  
Que vem descendo a ladeira!  
São os devotos do Santo,  
É gente de todo canto,  
Trazendo o pau da bandeira.

Estão alegres, cantando,  
Mostrando sua devoção.  
Com muita fé vêm rezando,  
Suas promessas pagando  
Ou pedindo proteção.

Honram o Santo Padroeiro  
De Barbalha, sua cidade.  
A partir do dia primeiro  
Até treze, o derradeiro,  
Junho é festividade.

Vem gente de todo canto,  
Das terras deste Nordeste,  
Ou por devoção ao Santo  
Ou p'ra gozar do encanto  
De que a festa se reveste.

Viajam com emoção  
Nos transportes de carreira:  
Coletivos, avião,  
De automóvel ou caminhão,  
P'ra ver o pau da bandeira.

Moças que querem casar,  
Com seu sorriso brejeiro,  
Se aproximam a implorar  
Para um milagre alcançar  
Do Santo Casamenteiro.

E muitas têm alcançado  
 A graça do casamento  
 Que, com fé, era esperado,  
 Pois ao Santo confiado,  
 Era certo o atendimento.

Pelas graças alcançadas  
 Agradecem a Santo Antônio;  
 A "tilias" destinadas,  
 Estavam desenganadas  
 E arranjaram matrimônio.

E a procissão continua  
 Dentro de grande euforia.  
 A exaltação se insinua,  
 A multidão lota a rua,  
 Todos com muita alegria

O vigário em viatura  
 Distribui boa aguardente,  
 Amenizando a secura  
 E tornando menos dura  
 A luta daquela gente.

E a turma estimulada  
 Pela bebida gostosa  
 Tem a força redobrada  
 Na difícil empreitada,  
 Mais conversa e boa prosa.

O povo vibra feliz,  
 Com o madeiro na cidade  
 E, no pátio da matriz,  
 Todo mundo reza e diz:  
 Não houve dificuldade!

Mas não foi tão fácil a lida  
 Para aquele pau trazer.  
 Como cena repetida,  
 Por tanta gente aplaudida,  
 Deu trabalho...Deu prazer!

Com esforço levantando,  
O mastro ficou de pé;  
A bandeira drapejando,  
Santo Antonio abençoando  
Seu povo cheio de fé.

*Crato, junho de 1993.*

## *Velha Mangueira*

Escrevo este soneto à tua sombra,  
Inspirado na bela natureza.  
A solidão que, vezes, me assombra  
Aqui se esvai, evola-se a tristeza.

Sinto-me bem, deitado nesta alfombra,  
Protegido do sol e sua crueza.  
Penso bem claro, nada a mente ensombra  
E vejo tudo com maior clareza.

Sinto o cheiro do mato aqui bem perto;  
Com o canto das aves me desperto  
E tenho um pensamento que me instiga:

Por que não sermos como tu, mangueira,  
Que amparas sempre, firme, altaneira,  
Todos os seres que tua copa abriga?

*Fortaleza, 10/08/93*

## *Dr.Emídio Lemos empossado na Cadeira 17 do ICC*

Foi solenidade de máximo brilhantismo e beleza a promovida pelo Instituto Cultural do Cariri, no plenário da Câmara Municipal do Crato, na noite de 10 de Dezembro de 1993, para empossar o advogado e professor universitário, Dr. Emídio Macêdo Lemos na Cadeira 17 do ICC, que tem como Patrono João Brígido dos Santos e teve como primeiro ocupante o escritor Nertan Macêdo.

O Dr.Raimundo de Oliveira Borges presidiu a sessão, que foi secretariada por William Brito. Tomaram assento á Mesa o Dr.Emídio Lemos, o jornalista J.Lindemberg de Aquino, o Sr.Francisco Tavares de Oliveira, Presidente da Câmara, Agnaldo Carlos de Sousa, Presidente do Instituto Cultural do Vale Caririense, de Juazeiro do Norte; Pe.Gonçalo Farias Filho, Vice Reitor da Urca; Euclides Francelino de Lima, Presidente da Ass.Comercial do Crato; D.Sara Cabral, do Conselho Estadual de Educação; Dr.Napoleão Tavares Neves; Sr.Fernando Piancó, Presidente da Fundação Cultural J.de Figueiredo Filho; Capitão Ariovaldo Carvalho, ex-prefeito do Crato e dr.Rivaldo Guedes França, Promotor de Justiça de Exu-Pernambuco.

O Jornalista J.Lindemberg de Aquino pronunciou a saudação oficial ao Dr.Emídio Lemos. Este, ao agradecer, em seu discurso de posse, fez uma detalhada análise das personalidades de João Brígido dos Santos e Nertan Macedo.

Dr.Raimundo Borges, antes de encerrar, expôs para os presentes as dificuldades que o Instituto Cultural do Cariri vem enfrentando, manifestando, todavia, grande confiança no apoio do povo da região do Cariri.

A solenidade foi encerrada com um coquetel, oferecido a todos os presentes.

Reproduzimos, a seguir, os dois discursos principais pronunciados naquela solenidade, para a memória dos fatos.

### **Recebendo Emídio Lemos No Instituto Cultural do Cariri**

#### *J.Lindemberg de Aquino*

Ao ser empossado na Academia Cearense de Letras, lembrando o seu Patrono, ali, Clovis Bevilacqua, Nertan Macêdo recordou que o Mestre afirmara, certa vez:

*"A cada passo que damos sobre a terra, nossa mãe comum, pisamos sobre o túmulo de milhões e milhões de seres que, tendo*

*vivido, combatido, sofrido muito tempo antes de nós, morreram deixando seus vestígios e seus restos neste solo que se estende aos nossos pés".*

Igualmente poderia dizer, Dr.Emídio Macêdo Lemos, nesta hora solene e festiva em que tomais posse na Cadeira nº 17, do Instituto Cultural do Cariri, que nos curvamos e reverenciamos, a cada dia, os que fizeram esta Casa, no seu período mais difícil - o da afirmação - e que, tendo vivido, lutado e combatido, já partiram para o Além, deixando-nos o Instituto para darmos continuidade às suas atividades meritórias nas letras, na investigação histórica, nas ciências e nas artes.

Creio que não seria mero saudosismo lembrar, aqui, as figuras do Dr.Irineu Pinheiro, Pe.Antônio Gomes de Araújo, Otacílio Anselmo e Silva, José de Figueiredo Filho, Duarte Júnior, Amaro José da Costa, Celso Gomes de Matos, Quixadá Felício, José de Figueiredo Brito, Jézer Oliveira e tantos outros, que, de acordo, ainda, como o filósofo de Viçosa, "não será pequeno o obituário desta Casa".

E Nertan Macêdo ainda afirmou, naquela ocasião:

*"Também andamos sobre túmulos e vestígios ilustres. Com uma singularidade: nossos mortos permanecem vivos e muito próximos de nós. É uma necrópole particular, que se anima e agita a qualquer hora do dia e da noite, e cujos habitantes falam a clara e pura linguagem do espírito".*

Menos de 5 anos depois do seu passamento, aqui estamos a relembrar e exaltar o eminente e culto filho do Crato, cujo espírito está entre nós, nesta hora solene em que um moço, de acrisoladas virtudes espirituais e de extrema vivacidade de inteligência, assume o seu lugar e toma assento na Cadeira que foi dele, neste Instituto, que dá, assim, o exemplo de perenidade, como perene devem ser as cousas do espírito.

Não fostes, Dr.Emídio Lemos, "um menino triste a espantar graúnas", como se afirmou o inolvidável escritor Durval Ayres, na sua posse, também, na Academia. Não poderíeis ter sido, de vez que nos fundos da vossa casa, manso e plácido, corria o riacho do Grangeiro, então sem o canal para dirigir-lhe os rumos, sem nada a impedir as suas graciosas curvas e sem a poluição que hoje o caracteriza.

Naquele pequeno mundo de sonho e encantamento, quebrado, tão somente, no seu espantoso silêncio, e algumas vezes, pelo batecum das lavadeiras de roupas ou pela garradice das crianças em banho no poço da Escada, bem próximo ao vosso quintal e do quintal de dona Hortinha, Hortulana de Alencar Peixoto, naquele mundo de águas tranquilas e límpidas, de altos morros circundantes, de paz e de beleza, exercitastes a vossa meninice, nos concorridos banhos, na incursão às mangueiras de João Bacurau e na pesca das piabinhas que desciam

o amável riacho de nossas infâncias comuns.

Senhores:

Ligam-me a esse moço, que ora empossamos na Cadeira 17, laços de antiga e fraternal amizade, que datam dos seus pais e tios, e que se foram transmitindo aos filhos e netos, numa perpetuidade admirável de solidariedade humana.

Em Vicente Francisco de Lemos, vosso Pai, meu amigo, sempre vi a caracterização marcante da honestidade pessoal, do senso do dever, das virtudes cristãs e da íntegra verticalidade, pouco encontradiços nos dias atuais, neste mundo conturbado de misérias, de dores, ansiedades, fome e espantos.

Em Ana Macêdo Lemos, vossa mãe, via sempre a humilde criatura do lar e das prendas domésticas, de inigualável formação moral, amantíssima dos filhos e dos irmãos, tanto que a notícia do seu passamento foi severamente escondida da irmã querida e vizinha, Mundinha Lemos, estrela maior do nosso teatro, que, ao tomar conhecimento do fato, foi acometida de uma síncope, não resistindo a dor pela perda da irmã querida, e sucumbindo, logo após, levada pela emoção inaudita dessa morte irreparável!

Vossa infância decorreu na antiga Rua da Pedra Lavrada e ruas próxima - Lorangeiras, da Palha, beco dos calangos, beco do Pe. Lauro, rua das flores, todos nomes queridos e inesquecíveis do velho Crato, que foram, inexoravelmente, desterrados das placas, para dar lugar a homenagens muitas vezes vazias...

Vossa adolescência foi plasmada ao exemplo da fé do vosso velho Pai, servidor previdenciário, com os arremates da cuidadosa formação cristã de vossa velha tia, Mãe Tudinha, e na esteira da inteligência formosa e da cultura lapidar do vosso tio, Padre Lemos, e com o vosso irmão mais velho, Menandro Lemos, aqui presente, controlando os vossos arroubos e impulsos infantís, tudo dentro de uma linha de segurança, de tranquila formação e de cuidadosas metas, que tão bem soubestes aproveitar ao longo de vossa vida.

Vossos estudos tiveram sequência no velho Ginásio do Crato, sob a cuidadosa supervisão daquele santo, ainda vivo, amigo de todos nós, o Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, e depois no Rio de Janeiro, onde nos encontramos certa vez, próximo à Galeria Cruzeiro, no Bar da Brahma, na Avenida Rio Branco, onde algumas cervejas geladas amenizaram a saudade da terrinha distante...

Tenho, por isso, e posso dizer, acompanhado toda a vossa existência, sei dos vossos colegas no Ginásio do Crato, sei de vossa luta de moço pobre para se formar advogado para se afirmar, luta que nunca se valeu de métodos e desvios escusos nem nunca permitiu

caminhos pouco iluminados de retidão e de coragem cívica, que abatessem a vossa formação e a vossa personalidade.

Formado, retornastes ao Crato amigo, e no aconchego da família, lançastes os fundamentos de vossa atual afirmação pessoal.

Formação admirável, diga-se de passagem, chantada à base da cultura, dos conhecimentos, da avidez nos estudos e nas pesquisas, que até hoje não pararam, e, sobretudo, calcada no insistente desejo de vencer, na perseverança de servir, pondo a vossa inteligência, cultura e bondade a serviço dos pobres e dos carentes das boas causas.

Grangeastes fama, que se estendeu no Crato, no Cariri, no Ceará e até em estados vizinhos. Já fostes defender causas no forum, inclusive, no sul do País, causando sucesso, sem que o menor procedimento indigno arranhasse a vossa personalidade ou o verniz dessa linha de conduta que sempre vos caracterizou e que se constitui a vossa marca registrada.

Outro fator que admiro na vossa couraça é a fé, transcendente, impertubável, granítica, em Deus e nas cousas divinas.

Com lastro nessa fé, soubestes soldar uma existência dourada de bons exemplos, para os vossos e para a comunidade, a ponto de caberem, em vós, o que disse o inesquecível Milton Dias, sobre Filgueiras Lima:

*"Na temática de Filgueiras Lima causa admiração a sua profunda fé religiosa, seu sentimento de Deus, sua confiança, sua autenticidade, sua esperança, sua confissão diante do Senhor, seu pedido, sua entrega, porque Deus não é, para o poeta, uma indagação, nem uma incerteza busca, não é uma vaga crença neutra, difusa.*

Deus é uma afirmação, certeza absoluta, é o apoio, o porto, o refúgio, a grande resposta. Deus é a verdade, com todo o prestígio da divindade, com a graça, a pureza, a beleza do mistério, a grandeza da onipotência".

Em vós, ainda, se aplicam perfeitamente, estes versos do poeta imortal, o lavrense Filgueiras Lima:

"Se a morte permitir que eu alcance a velhice,  
um dia, muito longe deste dia,  
num jardim quieto,  
estarei sereno, talvez tristonho,  
coroadado de cabelos brancos,  
que são as espumas das marés humanas,  
vendo a vida cirandar em torno de mim..."

O primoroso orador das porfias do judiciário, o eloquente professor

que sempre tem plantado conhecimentos jurídicos a sucessivas turmas, o aprimorado jornalista que esconde, com rara timidez, seus escritos no fundo do baú, sem dar mostras de sua inteligência, aqui está, entre nós.

A sua Cadeira tem como Patrono um monstro do jornalismo, da verriima, da crítica literária, da crítica dos costumes, da eficiente investigação histórica, do sucesso das pesquisas sobre nossa formação sociológica, João Brígido.

Ninguém o superou na luta da imprensa. Deus, certamente, lhe favoreceu com superior inteligência, fina argúcia e arrojada disposição para os combates na imprensa.

O primeiro ocupante dessa Cadeira em que hoje tomais assento foi outra figura notável, Nertan Macêdo, cuja obra literária recebeu elogios de todo o País, o mestre no catalogar a saga das famílias cearenses, no romancear os nossos tipos maiores da nordestinidade, sobretudo, da cearensidade, o pujante jornalista que até Carlos Lacerda admirava, o amável escritor das amenidades que as editoras lutavam por publicar...

Ambos, profundamente ligados ao Crato.

O primeiro aqui viveu por quase 3 décadas. Fundou o nosso primeiro jornal, O ARARIPE, hoje indispensável fonte de consulta aos que queiram se aprofundar nos subterrâneos de nossa formação histórica e econômica. O que tracejou, com linhas de mestre, os primórdios de nossa sociologia cabocla. O que esbanjou talento, como nenhum outro, até hoje, no Ceará.

O segundo aqui nasceu, em plena Praça da Sé, na casa que é hoje do Dr. José Aldegundes, e para aqui sempre vinha, matar as saudades, rever seus parentes e amigos, conviver com seus ambientes de juventude, até as amáveis coruja da torre da Sé...

Dr. Emídio Lemos sucede, com o brilho de sua inteligência, com o perfume de sua erudição, e com seu permanente comprometimento às atividades culturais da comunidade, ao ocupante anterior, prometendo honrar e ser digno desta Cadeira, que exala tanta tradição e tanta nobreza.

É justo que me detenha aqui, e já é hora, sobre alguns traços de sua biografia, para conhecimento maior dos que aqui se encontram. Faço-o simplesmente por um dever protocolar, que a hora exige, pois a ninguém, no Crato, é dado desconhecer o nosso laureado desta noite memorável.

Nasceu Emídio Macêdo Lemos em Crato, no dia 25 de Abril de 1938, filho de Vicente Francisco de Lemos e Ana Macêdo Lemos.

Fez curso primário no Grupo Escolar Teodorico Teles, fez o curso de admissão e parte do Ginásial no Seminário Apostólico Sagrada



Família, em Crato, parte do Ginásial e até o 2º científico no Colégio Diocesano do Crato, o 3º científico na Moderna Associação Brasileira de Ensino - MABE - no Rio de Janeiro. Ali também fez o Curso Superior de Direito, na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas.

#### *Tem, como pos-graduação*

- *Cursos sobre a Doutrina Social da Igreja - por dom Estevão Bittencourt, na Faculdade Nacional de Direito, Rio 1967*
- *Curso Rápido de Direito Penal, SORBONE, Paris em 1973, como ouvinte.*
- *Encontro de Advogados Criminalistas, Rio de Janeiro.*
- *Curso de Metodologia do Ensino Superior, Universidade Estadual do Ceará.*

#### *Tem trabalhos publicados:*

- *Tribunal Popular do Juri-Revista do Diretório Acadêmico Filadelpho Azevedo, Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas, Rio de Janeiro;*
- *Dados biográficos do Dr. Joaquim Fernandes Teles, por ocasião do seu centenário de nascimento. Revista ITAYTERA-Crato.*
- *A PEDRA LAVRADA, em conclusão, com lançamento previsto para 1994;*
- *Relatório Final da Lei Orgânica do Município do Crato, na qualidade de Vereador e Relator.*

#### *Cargos ocupados:*

- *Assessor Jurídico da Prefeitura Municipal do Crato, em duas gestões, com os Prefeitos José Miguel Soares e Ariovaldo Carvalho;*
- *Assessor Jurídico do Município de Exu, Pernambuco, em 3 gestões;*
- *Assessor Jurídico do Município de Ipubi, Pernambuco;*
- *Vereador á Câmara Municipal do Crato, Relator da Lei Orgânica do Município.*
- *Presidente da União dos Vereadores do Ceará, secção do Cariri;*
- *Vice Presidente da União dos Vereadores do Ceará, no âmbito estadual, tendo assumido a Presidência, por*

*renúncia do Presidente:*

- *Presidente da Associação dos Criadores do Crato;*
- *Assessor Jurídico da Diocese do Crato;*
- *Assessor Jurídico da Fundação Pe.Ibiapina, da qual já foi Diretor;*
- *Membro do Conselho de Bens Temporários da Diocese do Crato;*
- *Professor titular da Universidade Estadual do Ceará, UECE;*
- *Professor titular da Faculdade de Direito do Crato;*
- *Vice Diretor e depois Diretor da Faculdade de Direito do Crato;*
- *Membro da Associação dos Advogados Criminalistas do Ceará;*
- *Atuações no juri, com defesas no Tribunal do Juri em vários estados do Brasil, inclusive no Rio de Janeiro e São Paulo.*

### **Vida Familiar**

Casado em primeiras núpcias com Maria Neci Lopes Lemos, já falecida.

Casado em segunda núpcias com Lúcia Barbosa Lemos.

- Filhos:
- *Teresa Angela Lopes Lemos, advogada, casada com Cesar Teles de Meireles.*
  - *Germana Maria Lopes Lemos, aluna do curso de Fisioterapia, na UNIFOR; Juliana Maria Barbosa Lemos, concludente do curso científico, no Colégio Kristus, Fortaleza.*
  - *Emídio Macêdo Lemos Filho, aluno do Geo-Stúdio, em Crato, concluinte do 2º ano científico.*

Essa esplêndida floração familiar acompanha, embevecida e orgulhosa, naturalmente, de par com os irmãos e sobrinhos, os sucessivos êxitos do nosso novo imortal.

O ingresso que ora oficializa, no Instituto Cultural do Cariri, não tem cheiros de novidade.

De há muito ele tem sido um cooperador desta Casa de J.de Figueiredo Filho. Nunca nos negou sua cooperação espontânea, de largos afetos, em todos os nossos empreendimentos.

***Dr.Emídio Macêdo Lemos:***

Bem podereis reafirmar o que disse o nosso imortal J.de Figueiredo

Filho, ao ingressar na Academia Cearense de Letras:

*"Pequenino ser, não me ofusca o título de imortal. Tenho a imortalidade imanente em meu espírito, pelas promessas de eternidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nesta hora solene, em momento de confusão universal, quero consignar a minha fidelidade à Igreja e ao Brasil, ambos atingidos em cheio, pela terrível crise presente".*

E eu diria, como João Jacques Ferreira Lopes, em sessão da mesma Academia, ao empossar Artur Eduardo Benevides, saudando o eminente poeta:

*"O ingresso na Academia (diria, aqui, Instituto) é o coroamento natural do vosso trabalho, no campo da cultura, o reconhecimento do valor da vossa produção intelectual, a consagração definitiva ao vosso talento. Aqui podereis contribuir, ainda mais, para o prestígio intelectual do Ceará, ao lado dos novos companheiros, que se rejubilam com o vosso ingresso no ilustre grêmio".*

E concluiria fazendo minhas as palavras de Otacilio Colares ao saudar Cláudio Martins:

*"Que os altos e nobres ideais que vos têm norteado a existência mais e mais se acrisolem, agora que a vossa obra deixa o âmbito das íntimas perspectivas e indagações para receber o laurel das cousas imperecíveis".*

Sêde bem-vindo, Dr.Emídio Macêdo Lemos!

O Instituto Cultural do Cariri vos recebe nem só de braços abertos, mas com a alma e o coração extasiados e em festas!

*(Discurso de J.LINDEMBERG DE AQUINO, no momento de saudar o Dr.Emídio Macedo Lemos quando da posse deste, no Instituto Cultural do Cariri, Cadeira 17, solenidade realizada na Câmara Municipal do Crato, em 10 de Dezembro de 1993).*

**nº 17 do Instituto Cultural do Cariri, no dia  
10 de Dezembro de 1993.**

**A**dentro nesta respeitável instituição, com a alma em festa. O Instituto Cultural do Cariri, já marchando para o seu meio centenário, é o mais legítimo e sagrado repositório das melhores tradições de cultura da nossa região. Pertencer aos seus quadros é supremo anseio; chegar a ser admitido e empossar-se numa de suas cadeiras constitui, para qualquer intelectual, gratificante vitória, que lhe alegra o espírito e envaidece a alma.

Não poderia, neste dia tão marcante de minha posse neste Instituto, deixar de reverenciar as figuras de seus fundadores, que, demonstrando grande visão, criaram para o Crato, o seu Instituto Cultural do Cariri, sem veleidades de Academia, mas com os pés no chão, fincados na realidade sócio cultural da região.

Foram eles, Dr. Irineu Pinheiro, Padre Antonio Gomes de Araújo, Otacílio Anselmo e J. de Figueiredo Filho, que encarnaram, dentre outros, a personificação do verdadeiro intelectual caririense, cada qual a seu modo, mas que aqui se fundiram num mesmo ideal em favor da cultura regional.

O exemplo ficou firme e gerou uma instituição sólida, admirada e reconhecida em todo o país. Seu órgão oficial, de divulgação, a Revista ITAYTERA, já marcha para os 40 anos de editoração, sem nenhuma falta anual, sendo, indiscutivelmente, a maior prova de que o Instituto Cultural do Cariri, veio para ficar.

Minhas Senhoras, meus senhores.

Cabe-me, por nímia gentileza dos consócios, tomar posse hoje, na Cadeira nº 17, que tem como Patrono o trepidante jornalista e homem de letras, JOÃO BRÍGIDO DOS SANTOS, e primeiro ocupante o escritor e também jornalista NERTAN MACEDO, a quem sucedo. Longe de mim querer equiparar-me a esses dois grandes vultos da intelectualidade cearense. Todavia, farei o possível e o impossível para honrar-lhes a memória, cultuando, cada vez mais, um merecido prestígio a que ambos fizeram jús, como forças destacadas da inteligência do nosso Estado.

Em observância às normas estatutárias vigentes nesta Casa, é meu dever traçar o perfil do Patrono da Cadeira e de seu último ocupante, o que procurarei fazer sem tomar o vosso precioso tempo, apenas debuxando alguns aspectos de suas vitoriosas existências.

JOÃO BRÍGIDO DOS SANTOS foi uma das mais robustas manifestações da inteligência humana, que por ventura viveram no Ceará. Capixaba de nascimento, nascido em São João da Barra, hoje município do Estado do Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1829.

Com pouco mais de um ano, acompanhou seus pais para o Ceará, onde residiram, primeiramente, na cidade de Icó, de onde se mudaram para Jucás. Seus progenitores foram Inácio Brígido dos Santos e Vicência Robim dos Santos.

Mal sabiam eles que traziam para a desolada Terra da Luz, aquele que viria a ser, na constatação da história, um dos maiores vultos do nosso Estado.

Poucos sabem hoje, diz Jader de Carvalho, quem foi aquele escritor desassombrado, analista penetrante, jornalista aguerrido, cronista incomparável dos homens e dos fatos de uma época decisiva da história cearense.

O seu temperamento vibrátil, agressivo e mordaz, que imoderadamente deixou extravasar através de artigos na imprensa, outorgou-lhe a legenda exclusiva de jornalista vibrante e combativo, quando, na verdade, esta é apenas uma das facetas de sua invulgar atividade de "operário da pena".

A rigor, João Brígido não foi somente o jornalista agressivo e rude; foi, também, o historiador marcado pela constância da pesquisa, o panfletário que derrubou governos, o semeador de uma vasta seara em nosso Estado e que flagrou, com inteligência sem par, os aspectos da nossa formação sertaneja, seja no cangaço, no coronelismo, na piedade cristã, na agricultura incipiente, na adversidade dolorosa de uma pecuária sofrida, na politicagem malsã, na saga das famílias, na trilha das tradições e dos folguedos populares, no apanhado das crenças ou pinçado fatos estatísticos, roteiros de martírios sem fim, ou na análise percuciente do homem e do meio, que tanto contribuíram para aclarar a nossa sociologia cabocla. João Brígido foi tudo isso e muito mais. Era variada a sua atuação, marcante, possessiva e dominadora.

Na infância, residiu em Icó, Jucás e Quixeramobim, sendo que, nesta última, conheceu e conviveu com Antonio Vicente Maciel, o futuro ANTONIO CONSELHEIRO. Perlustrou os caminhos do sertão a dentro, indo morar em Barbalha, Jardim e Crato. No Tribunal da Relação em Pernambuco, obteve a provisão de advogado, em 11 de outubro de 1850. Mais tarde, aprenderia o Latim, que ensinou nesta cidade, onde também advogou e fez jornalismo, criando a 7 de julho de 1855 o nosso primeiro jornal - O ARARIPE - marco inicial de sua trepidante, tumultuosa e infatigável vida profissional.

Foi O ARARIPE, no dizer de Irineu Pinheiro, magnífico lutador pelo progresso e grandeza da região em que floresceu. Provam-no suas campanhas pela criação da Província do Cariri, da intensificação da cultura agrícola, da criação de boas estradas de rodagem, de defesa da saúde pública. Publicou apontamentos para a história do Cariri,

documentos da nossa independência, relativos ao Crato, de notável valor histórico, atas da Câmara cratense sobre o movimento revolucionário de Joaquim Pinto Madeira e outros papéis concernentes à vida religiosa e civil do sul cearense.

Já Figueiredo Filho, adiante: "Foi O ARARIPE trincheira das mais valiosas para o Crato daquela época, em defesa da zona. Tinha raio de influência até na capital da Província e nas Províncias vizinhas. Abriu campanha em defesa da Serra do Araripe, fundou no Crato o voluntariado para a Guerra do Paraguai"

Gomes de Matos, falando sobre o Patrono, diz: "Era um autodidata que se tornou erudito por si mesmo, no silêncio dos gabinetes, conhecendo latim, português e francês, além de ser versado em geografia, corografia, história universal e do Brasil, história natural, física e química. Seus escritos são ilustrados com citações mitológicas, ao que Agripino Grieco informa que João Brígido foi a mais robusta revelação de panfletário porventura aparecido no Brasil".

Deputado Provincial, Senador do Estado, Deputado Estadual, professor do Liceu, João Brígido foi, ainda, fundador do Jornal Unitário e deixou copiosa obra literária, ainda hoje considerada de grande valor e indispensável consulta.

Por um desses caprichos da natureza, João Brígido teve uma longa e tormentosa existência, vindo a falecer em 14 de outubro de 1921.

Sua contribuição ao jornalismo à historiografia do Ceará ainda dão nos dias de hoje a dimensão maior que poucos conseguiram alcançar. Crato tem seu nome numa de suas praças e nesta Cadeira que o Instituto Cultural do Cariri criou, em preito de sentida e merecida homenagem, a quem se fez gigante pelo próprio esforço e enalteceu a "Terra da Luz", como uma de suas mais robustas inteligências.

Grande estudioso de João Brígido e sua obra, particularmente no que tange aos aspectos de sua passagem pelo Cariri, o escritor Nertan Macedo, primeiro ocupante desta Cadeira, fez-lhe uma análise magistral do seu viver, quando de sua posse neste Instituto.

Essa peça oratória, de extraordinária feição antológica, está nas páginas da Revista ITAYTERA, a testemunhar, para os pósteros, uma das análises mais percucientes do autor de "Ceará, Homens e Fatos", dissecado na plenitude de sua grandeza pelo espírito analítico do escritor cratense, constituindo-se uma das peças mais perfeitas de todas as que foram lidas, ao empossar o Instituto os seus ocupantes de Cadeiras.

Ainda em complemento à vida agitada e austera de João Brígido, diria que o Patrono desta Cadeira, já jornalista, em 1855, do Crato, dirigindo o ARARIPE, enviava, para Fortaleza, copiosa colaboração de cunho histórico, crítico e literário, para o jornal O CEARENSE, sob o

pseudônimo de KKK, bem como colaboração muito mais apimentada para os célebres jornais SETE DE SETEMBRO e JUIZ DO POVO, dirigidos pelo não menos célebre jornalista e sacerdote irrequieto, nascido em Crato, Padre Cerbellon Verdeixa.

João Brígido foi, posteriormente, professor do Liceu do Ceará, ensinando português, aposentando-se em 1881.

Residindo em Fortaleza, um meio maior onde poderia dilatar as suas críticas e o seu azedume com os homens públicos de então, passou a redatoriar os jornais FRATERNIDADE, órgão maçônico, GAZETA DO NORTE, MARTINS SOARES e ESTADO DO CEARÁ. Colaborou em O LIBERTADOR e REPÚBLICA, fundando em 1903 o UNITÁRIO, na opinião de Raimundo Girão, o "seu desabusado baluarte das campanhas políticas em que se empenhou e que o reputaram o maior jornalista do norte do Brasil".

Foi, ainda, Deputado Provincial, entre os anos de 1864 e 1857, Deputado Geral, que hoje seria Deputado Federal, de 1878 a 1881, Senador do Estado em 1892 e, já na República, Deputado Estadual, de 1893 a 1894.

Dele diria, ainda, Raimundo Girão: "Advogado militante e de reputação consolidada, ninguém, pelas colunas periódicas e no muito que escrevera, em arrazoados forenses, opúsculos e livros, foi mais intrépido, agressivo e irreverente, arrastando, não raro, o adversário à rua da amargura ou dele sofrendo reveses violentos. O seu estilo é cadente, vibrante, na clareza e precisão. Na crônica histórica, é primoroso, conquanto, como historiador, se mostrou, às vezes, claudicante, um tanto parcial, refletindo as suas afirmações, as suas simpatias ou as prevenções com que aprecia ou narra acontecimentos a que assistiu, ou dos quais foi protagonista. Nem por isto é a sua obra de consulta menos útil, como roteiro.

Morreu João Brígido nonagenário e cego, em 14 de outubro de 1921. É patrono da Cadeira nº 14 da Academia Cearense de Letras. Publicou:

- *A Fortaleza de 1810, em 1882;*
- *Miscelânea Histórica, em 1889;*
- *Ceará, Lado Cômico, em 1899;*
- *O Príncipe Gastão d'Orleans, em 1902 e*
- *Efemérides, 1900 - Ceará, Homens e Fatos, em 1919.*

## O ESTILO

João Brígido variava de estilo em seus escritos, do crítico contundente e mordaz ao analista frio da história, ao enternecedor pai de família ou amigo de todas as horas. Vejamos trechos da carta escrita ao major Otaviano Cícero de Alencar Araripe, pai do dr. Antonio de Alencar Araripe, quando do falecimento da esposa, dona Matildes

Umbelina de Araripe Sucupira, carta datada de 18 de janeiro de 1881: "Aqui (a morte dela) produziu sentimento geral. São cousas estas irremediáveis e o que cumpre é armar-se V. de toda a força, não para reparar o golpe, que é impossível, mas para atenuar-lhe os efeitos".

Brígido chama, na carta, a dona Umbelina de "menina boa comadre e sua mulher, cuja memória nos é tão grata".

Em azeda crítica a dois Deputados, diria, em estilo completamente diferente: "Com as imunidades figuradas de Deputados, que absolutamente não são, alguns biltres, apanhados nas tabernas e curtidos no calote, estão a vomitar injúrias mil contra mim, na imprensa e na Tribuna: É um expediente de que se socorrem para me fazer abandonar o posto que assumi na defesa dos oprimidos".

Mais adiante, depois de focar um dos seus críticos, diz, com outro: "O último, mais inteligente e mais culto, sucumbe aos vícios que tem contraído do outro. Bruto, quase analfabeto, cede ao impulso do mau sangue que lhe circula nas veias e o seu tanto ao álcool, que lhe aquece os miolos".

De um outro adversário, disse ser "Quaresma maranhense, impostor, pedante e sem vergonha, velho pelintra, pachola e cousas mais feias, cupido de mau cheiro e publicista remendão".

Acrescenta que esse adversário, ao findar seus dias, terá grandes dificuldades, porque "no inferno o diabo não o quererá, pois ali já tem sua família, no céu, São Pedro o há de empurrar para fora, embora os rogativos de São Lázaro, protetor dos cachorros, e no purgatório não o hão de admitir, porque seus pecados não vieram da alma, mas, sim, da carne que os tapurús já consumiram, acrescentando-lhe que resta ir ao limbo" onde se prendem os esquecidos".

Por essa ligeira amostragem de um linguajar utilizado há mais de 80 anos temos um pequeno retrato de João Brígido que, no dizer de Alencar Araripe, "foi, a um só tempo, e com excepcional destaque, jornalista, historiador, advogado e político. Seu perfil grandioso se reflete e resplandece no exercício de qualquer um desses ramos de atividade.

É célebre o que se conta, já no fim de sua vida, ditando um artigo virulento para sua neta escrever, pois, já cego, ela o adverte, a certa hora: "mas meu avô, este homem que tanto o senhor critica aderiu, ontem, ao nosso partido, ao que teria dito João Brígido: "Bem, não vamos perder a redação. Acrescente, no final: "Assim diziam seus adversários, eu, porém, não concordo de jeito algum..."

Imortal pelo seu estilo, eterno pelo opulento e desassombrado conjunto de obras que deixou, este é João Brígido, Patrono desta Cadeira do Instituto Cultural do Cariri, na qual hoje eu tomo posse.

O primeiro ocupante da Cadeira 17, em que ora tenho a honra de



ocupar, foi o escritor cearense Nertan Macedo.

O seu trabalho sobre o Patrono, magistral discurso de análise, foi publicado na Revista ITAYTERA. Com ele, Nertan Macedo completou a sua mais ambiciosa glória literária - a de fazer parte da maior instituição cultural da terra em que nasceu. O gosto e a suprema vaidade de ocupar a Cadeira 17, valiam, para ele, mais do que quaisquer das instituições literárias que o receberam, inclusive a Academia Cearense de Letras.

Era um menino nascido na Praça da Sé, uma casa hoje pertencente ao médico José Aldegundes Muniz Gomes de Matos, que culminava, em fim, uma carreira literária que o encheu de méritos, por diversos estados do Brasil.

Nasceu em Crato, no dia 29 de maio de 1929, filho de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo Teixeira de Alcântara, esta, irmã do saudoso Brigadeiro José Sampaio de Macedo. Faleceria placidamente, deitado em sua rede nordestina, depois do almoço com a família, no Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1989.

Sua vida foi uma permanente explosão de entusiasmo e de energia criadora. Tanto que nem ligou aos problemas do coração, aparecidos um ano antes do desenlace, contentando-se com uma operação no famoso Instituto do Coração, em São Paulo, que, para ele, tinha resolvido toda a sua situação coronária.

Considerado um dos maiores destaques de sua geração, teve sua força literária criadora revelada desde os bancos escolares do Crato, até nas redações dos jornais de Fortaleza, onde colaborou bem jovem, passando-se, no ardor da mocidade, para o Recife, e dali para o Rio de Janeiro.

No Rio, foi diretor do Jornal do Comércio, ao lado de Carlos Lacerda, tendo sido, anteriormente, redator do Jornal do Comércio, do Recife.

O prestígio desfrutado na antiga capital federal, fê-lo eleger-se Vereador pelo Rio.

Trabalhou em "O JORNAL", de Assis Chateaubriand, e na Confederação Nacional da Indústria, ao lado de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Neto, tendo, nesta oportunidade, intermediado a vinda, para o Crato, do magnífico Conjunto do SESI do Crato.

Com cultura humanística bem feita nos Jesuítas de Baturité, fez o secundário no Colégio Sete de Setembro em Fortaleza, e jamais desmereceu os ensinamentos ali recebidos. Foi sempre excepcional aluno de história.

Nos diversos anos em que viveu no Rio de Janeiro, Nertan foi assessor direto do Ministério da Fazenda, Secretário do Ministro Mário Henrique Simonsen, trabalhou no Instituto do Açúcar e do Alcool, na Rede Ferroviária Federal e foi Assessor de Imprensa do primeiro

Governo Virgílio Távora, no Ceará.

Deixou viúva dona Gessen Amaral Macedo de Alcântara e três filhos.

Assinou prestigiosas colunas nos jornais ESTADO DO RIO, O ESTADO e TRIBUNA DA IMPRENSA, além do jornal O DIA. Foi um dos grandes colaboradores de Assis Chateaubriand nos Diários Associados, tendo sido secretário desse grande lutador da imprensa brasileira.

Dele, disse Hélio Fernandes: "e Nertan Macedo era, sem dúvida, um destes raríssimos profissionais que dedicaram a vida ao jornalismo".

Nertan sempre ocupou cargos de confiança, com sacrifícios, pois não se serviu deles de qualquer maneira.

A prova disso é que não deixou um bem que seja, embora tenha sido amigo e auxiliar categorizado de poderosas figuras estaduais e nacionais".

"Quando foi para a Tribuna da Imprensa, disse, ainda, Hélio Fernandes, Nertan já era jornalista. Mas entrou nesta casa com vinte anos, sai aos sessenta. Sai, não, permanece aqui como móveis e utensílios. Carinhosamente. Desprendidamente. Generosamente".

Moreira Campos, dele afirmou: "Nertan Macedo foi pesquisador incansável de nossas crônicas. Escritor seguro e lúcido, de estilo envolvente, tendo sido, ele mesmo, um conversador admirável pela verve e pela ironia".

## OBRA

*Nertan Macedo publicou:*

- *Cadernos de Poesia*
- *Cancioneiro de Lampião*
- *Memorial de Vila Nova*
- *O Clã dos Inhamuns*
- *Dois Poetas Pernambucanos*
- *O Clã de Santa Quitéria*
- *O Bacamarte dos Mourões*
- *O Padre e a Beata*
- *Floro Bartolomeu*
- *O Caudilho dos Beatos e*
- *Cangaceiros.*

Estruturou uma série de livros sobre as principais famílias cearenses, das quais era profundo conhecedor dos fatos históricos.

Dono de um estilo inconfundível, rico, variado, penetrante, culto, sóbrio e sazonado, Nertan Macedo era das glórias da inteligência brasileira, pertencendo a inúmeros institutos históricos, academias, sodalícios da mais alta envergadura.

Sua posse nesta Cadeira 17, deu-se no Salão Nobre da URCA, sendo saudado pelo jornalista João Lindemberg de Aquino, seu amigo

de longas datas, cultor, como ele, das belezas e tradições do Crato, num discurso que se constitui uma obra prima literária.

É a este grande homem que me compete suceder nesta Cadeira, que tem como Patrono, como vimos, o extraordinário e fantástico João Brígido.

Nertan Macedo não foi menor em sua dimensão.

Curvo-me aos deveres da consciência, para proclamar, com humildade, que não sou tão digno e valioso desta Cadeira, como meus antecessores. Tenho, entretanto, a alma e o coração em brasa de amor ao Crato, ao Cariri, às letras e à pátria, e tudo envidarei, para dignificar o posto que a amável Diretoria do Instituto Cultural do Cariri me destinou. Cultivo uma virtude, a da abnegação. E é com ela, cheio de entusiasmo, alegria e confiança, que procurarei dar a minha contribuição ao resgate da boa imagem cultural desta terra que tanto amamos.

Seria indigno deste momento se, aqui, não fizesse os necessários agradecimentos. À minha esposa Lúcia, fiel companheira e incentivadora de todos os momentos, de dor ou alegria. Aos meus filhos Thereza, Germana, Juliana, Emídio Filho e Larissa, principal causa do meu viver. Aos meus irmãos, cunhados, sobrinhos, genro e demais familiares, pelo incentivo que sempre recebi. À memória de meus pais, Ana e Vicente Lemos, alicerces principais de minha existência.

Agradeço, finalmente, às bondosas e imerecidas palavras de saudação com que fui recebido, por esse grande jornalista, homem de letras e pessoa humana ímpar, João Lindemberg de Aquino. à honrosa presença de todos, o meu muito obrigado, em nome das famílias MACEDO LEMOS.

Inconcebível, sob todos os aspectos, que não dissesse aos que presentes, a mira principal de minha carreira jurídica e literária, através da qual tracei meus passos e me conduzi, até o momento. Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES.

Ainda menino, ouvia suas brilhantes defesas criminais, que me deixavam, ao mesmo tempo, com um misto de admiração e inveja; era muita cultura para uma longínqua cidade interiorana. Por seus méritos, é hoje, com toda justiça, o Presidente desta Instituição cultural.

E na mira desses exemplos aqui relatados, só posso acrescentar: vamos para diante. Esta terra precisa de todos nós. Que Deus, na sua infinita bondade, continue a nos abençoar. Um Feliz Natal e um ano novo cheio de venturas. Muito obrigado.

## *Padre Lauro Pitta*

A Diocese do Crato perdeu o seu sacerdote mais idoso: faleceu no Hospital S.Francisco, às duas horas da tarde do dia 23 de Dezembro de 93 o Pe.Lauro Pitta. Era um dos sacerdotes mais queridos do Crato, de preciosas virtudes morais, e que vinha adoentado há tempos.

### *Dados biográficos*

Pe.Lauro Gonçalves Pitta nasceu em Missão Velha, Ceará, aos 17 de Fevereiro de 1901, filho do capitalista Felton Gonçalves Pitta e Julieta de Almeida Pitta. Estudou no Seminário do Crato, onde se ordenou em 20 de Novembro de 1924, recebendo ordens sacras do antigo bispo diocesano Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

Pe.Lauro, na sua longa existência, serviu à Igreja e ao povo. Por 59 anos foi sacerdote íntegro e exemplar. Tanto que por decisão do Sr.Bispo Diocesano, Dom Newton Holanda Gurgel, foi-lhe reservada sepultura no interior da própria Catedral, ao lado do sepulcro do antigo sacerdote, seu amigo. Monsenhor Raimundo Augusto.

Houve, antes, concelebração solene, presidida por Dom Newton, com a participação de diversos sacerdotes, religiosos e grande massa popular, havendo, na oportunidade, a encomendação do corpo.

### *Serviu a 4 Bispos*

Na sua longa passagem pela terra, como sacerdote, Pe.Lauro serviu às ordens de 4 bispos: Dom Quintino, Dom Francisco, Dom Vicente e D.Newton.

De 1922 a 1927 foi professor em Crato, Vigário de Santana do Cariri, professor no Seminário, de 1928 a 1930; Ecônomo no antigo Ginásio do Crato, de 1930 a 1932; capelão do Colégio Santa Teresa, de 1940 a 1952; Capelão na Casa de Caridade de 1956 a 1967.

Durante toda a vida foi auxiliar espontâneo do Vigário da Catedral. Professor na Escola Técnica de Comércio e Colégio Santa Teresa.

Era irmão de Antonio Pitta, empresário, prefeito de Juazeiro de 37 a 45; Irmão do Pe.Pitta, grande educador e vigário de S.Luzia, em Fortaleza; Irmão, também, da saudosa esposa do médico Mário Malzonni, de Juazeiro.

A morte do Padre Lauro empobreceu a Diocese do Crato, do qual era o sacerdote mais idoso. No seu velório e sepultamento recebeu muitas homenagens do povo do Crato. Sepultado na Sé, a 24 de 12-93, depois de brilhantes solenidades fúnebres.

Vinícius Barros Leal  
(do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras)

## *O Padre Artur Redondo S.J.*

### II

O Padre Redondo nasceu na Vila Nova de Foscoa, Portugal, a 27 de junho de 1873, filho do notário público José Antonio de Andrade Azevedo Redondo e de D. Josefa Carolina de Lima Carvalho.

No início de 1879 a família transferiu-se para a ilha de S. Miguel, no Arquipélago dos Açores, indo residir na Vila da Povoação, onde o Sr. José Antonio assumiu as suas funções no cartório local. O lugar, um dos mais pitorescos da ilha, localiza-se numa região de formação vulcânica. A Povoação está cercada de inúmeras fontes termais muito procuradas para o tratamento de males da pele e do aparelho digestivo. Em virtude da formação geológica existem ali as chamadas "furnas" que continuamente emitem gases, formando o vapor verdadeira cortina de fumaça, aproveitando o povo as fontes de água mais quente para cozinhar alguns manjares típicos, com essa ajuda da natureza. É uma atração turística. Outros fenômenos menos atraentes também acontecem no lugar, como foi a tremenda tempestade que ocorreu quando a família ali residia, dois anos após a instalação na Vila. Aos abalos sísmicos seguiu-se a precipitação de uma chuva de grandes proporções, causando a descida das torrentes das montanhas que, com a fúria das ondas provocou uma catástrofe sem precedentes. Quase toda a povoação foi destruída, escapando em pé, poucas casas.

A família Redondo mudou-se para a vila da Ribeira Grande, no lado ocidental da ilha, lugar menos perigoso, mais ao abrigo de semelhante desastre.

Aí criou-se o menino Artur Emílio, juntamente com os irmãos Acácio, Jaime, Aduzinda e Elvira. Foram os cinco, companheiros nas inocentes brincadeiras, nas escolas públicas e nas devoções religiosas realizadas na Matriz.

Desde cedo, ainda na primeira infância, Artur demonstrou uma certa inclinação para a vida religiosa, chamando a atenção para o seu comportamento e apresentação respeitosa nas celebrações dos dias festivos e comuns.

Aos doze anos essa disposição do adolescente mais se manifestou, e ele mesmo tratou de preparar os papéis e documentos para a sua matrícula no Seminário Episcopal de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira. No ano seguinte faleceu o chefe da família, e mesmo assim

órfão, Artur Emílio não desanimou de prosseguir no seu deliberado desejo de ordenar-se Padre.

A aceitação de um candidato ao Seminário merecia um sério trabalho de reconhecimento da real vocação e disposições íntimas do habilitando. No caso de Artur não houve maior dificuldade, no entanto, pela transparência manifestada no seu comportamento, e outros sinais de uma convicta escolha de estado.

As atestações exigidas pela direção da casa de formação, através do testemunho dos vigários, dos conhecidos e parentes foram unânimes em confirmar a eleição. O bom desenvolvimento do neo seminarista nos estudos preparatórios mais ainda confirmou o que se esperava dele.

Percorrida toda a matéria do curso básico com total empenho e responsabilidade do jovem e modelar estudante, matriculou-se ele no Seminário Maior, onde prosseguiu na mesma disposição, interesse e devotamento. No estudo da Filosofia e, posteriormente, na Teologia firmaram-se as suas virtudes. No devido tempo foi tonsurado e mais tarde concedidas as Ordens maiores do Subdiaconato e do Diaconato. Caminhou Artur Redondo dentro das diretrizes mais indicadoras de que se estava formando um sacerdote possuído de particulares qualidades, tamanha era a sua aplicação, zelo e diligência em bem dirigir-se. O resultado desta constante ascensão pode ser acompanhada pelo exame dos boletins da Diocese, em que aparece o nome do seminarista sempre recebendo as melhores distinções nas notas de comportamento e aproveitamento escolar, sobressaindo na obediência e devoção.

Os estudos foram terminados mas a idade não permitiu ao Diácono ordenar-se presbítero. Foi necessário um apelo ao Papa Leão XIII, no sentido de dispensar vinte meses, o tempo que lhe faltava para completar a idade canônica de ordenação. O favor foi concedido por um Breve datado de Roma, 2 de outubro de 1895. Removido este obstáculo, o Sr. Bispo Francisco José conferiu o presbiterato ao Padre Redondo, no dia 19 de janeiro de 1896, na capela particular de S. Excia.

Durante todo o tempo de estudos no Seminário, o Pe. Redondo voltou uma única vez ao continente português, quando acompanhou D. Francisco, e das mãos dele, em Sobradelo, a 27 de janeiro de 1895, recebeu a ordem do Diaconato. Nessa oportunidade visitou seu torrão natal, demorando-se ali por três meses, dando mostras do seu grande zelo e boa conduta, comportamento que foi atestado pelo abade vigário, quando solicitado pela autoridade eclesiástica. Exaltou o vigário as virtudes do conterrâneo, muito bem demonstradas naquela convivência fraterna e amigável. Não se enganou o abade de Foscoa, pois o Pe. Redondo uma vez ordenado apresentou uma maior inclinação a

aperfeiçoar-se continuamente na escalada de sua santificação.

Com muita humildade e submissão o zeloso sacerdote, de quem todo o povo de Baturité testemunhou o constante e crescido ardor e desvelo de bem servir, aqui serviu por muitos anos, merecendo dos que o conheceram e se beneficiaram, a mais viva gratidão e reconhecimento. Depois de sua morte, ocorrida a 17 de março de 1966, muitas pessoas favorecidas com graças especiais passaram a demonstrar, através de "A Verdade", essa gratidão à bondade divina que propiciou essa santa e frutuosa convivência. O povo o tem na conta de Santo.

( Jornal A Verdade, Baturité, CE, 25-12-1993 )

N.R. - O Pe. Artur Redondo viveu em Crato alguns anos. Foi professor do Seminário Diocesano S.José, aqui fez muitas amizades e era confessor das principais famílias. Muitos ainda fazem promessas com ele e alcançam. Um livro com sua novena é muito popular na Princesa do Cariri. Crato deu-lhe nome numa das ruas do conjunto habitacional Maria Muniz, pela Lei 1186, numa justa homenagem ao santo padre português.

José de Alencar Bezerra

- *Elói Pereira Bezerra* -  
*Um Herói dos Sertões Nordestinos*

**N**asceu Elói, nas últimas décadas do século XIX.

Casou-se em primeiras núpcias com Ananias de Alencar Bezerra. Era filho de José Boaventura Bezerra e Ana Rosa de Jesus.

Ingressou no comércio, com cinco contos de réis que pediu ao Cel. Carlos Hipólito para pagar com juros. Fez crédito em Fortaleza e logo firmou-se como comerciante. Exerceu todas as atividades econômicas da Região. Vendeu boiada e comprou maniçoba.

Para satisfazer sua esposa veio residir em Patrocínio, aceitando o convite de seu irmão, Joaquim Pereira Bezerra, então, chefe político de Patrocínio. Quando aí chegou, foi eleito Intendente Municipal, isto é, o Presidente do Conselho, que era por lei o Intendente. Construiu a Casa da Câmara e administrou de 1916 a 1920.

Fez a sua casa de moradia, seu ponto comercial e outras casas.

Quando surgiu o algodão, tornou-se um grande exportador, montando uma bolandeira puxada a bois e mais tarde comprou um motor. No comércio de algodão era o banco do povo. Comprava na folha e o agricultor entregava na safra. Na seca de 1932, facilitou muitas famílias que queriam se mudar e não encontravam oferta para o que precisavam vender.

No tempo dos revoltosos, Eloi era o Coletor Estadual. Quando a coluna Prestes chegou em Patrocínio, ele havia posto o Balancete do mês no correio. Os revoltosos se apoderaram do Balancete e queriam obrigar Eloi dar o dinheiro existente em caixa. Ao que ele disse: - Eu não dou, se encontrarem, podem ficar com ele. Foi quando o vigário Padre Cícero Santos se fez mediador, arranjando o dinheiro.

Em 1925, havia comprado um automóvel. Os revoltosos o queimaram, mas depois ele o remodelou com carroceria tipo 1927.

Em vários momentos de sua vida, demonstrou grande coragem. Alguns fatos. Seu sogro, Major Vitalino de Maria Bezerra, confiou a um exportador vender o gado, no Ceará, para depois pagar a exportação. O exportador negou-se a saldar o compromisso, mas Eloi, tomando o partido do sogro, forçou-o a fazê-lo. Patrocínio, município de fronteiras com o Ceará, era muito sujeito a cangaceiros. Havia famílias de valentões. Em 1927, dois irmãos assassinaram dois homens. Quando,



na delegacia, estavam escrevendo o inquérito, apareceu o pai dos criminosos, ameaçando rasgá-lo. Elói mandou que se retirasse e disse que seria chamado à responsabilidade, por qualquer desordem que fizesse na cidade. Ele prontamente obedeceu e retirou-se.

Gostava muito do Crato, onde sempre demorava uma semana quando vinha de Fortaleza. Eram seus amigos os que tinham fazenda em Pio IX, como Dr. Antonio de Alencar Araripe e José Horácio Pequeno. A Zé Horácio comprava gás, sabão e carregava os carros de farinha de mandioca. Dr. Araripe, que era seu hóspede, foi o incentivador para que ele construísse um hotel, no Crato, que estava se ressentindo de tal melhoramento. Assim, ele o fez, com as reservas de bom comerciante, inaugurando o CRATO HOTEL, em 1936.

Em Pio IX, salvou muitas vidas de crianças e adultos, com a Farmácia que mantinha. Foi imenso seu papel de educador do povo. Nas feiras de Pio IX, obrigatoriamente, os feirantes passavam na loja de seu Eloi. Era um estabelecimento cheio de cadeiras de couro. Uns vinham comprar remédios, outros saber de previsões de inverno, outros vinham apenas dar um dedo de prosa com seu Eloi.

Casou-se, em segundas núpcias, com Possidônia de Alencar Bezerra. Do primeiro casamento sobreviveu Almerinda Sabóia de Alencar Bezerra, Madre Paula Filha de Santa Teresa de Jesus. Do segundo os seguintes filhos: João Eloi Bezerra, tabelião de Pio IX; Dr. Francisco de Alencar Bezerra, farmacêutico formado pela Universidade Federal de Pernambuco; Dr. Pascoal de Alencar Bezerra, engenheiro da SUDENE formado pela Universidade de Campina Grande - Paraíba; Anair de Alencar Bezerra, professora e ex-extensionista da Emater-Ceará e Dr. José de Alencar Bezerra, médico, formado pela Universidade Federal do Ceará, diretor de Hospital em Ipueriras - Ceará.

Na administração do Interventor Vitorino Correia, foi nomeado Prefeito, num conturbado momento de mudanças políticas, portando-se com prudência, energia e honestidade, sem realizações materiais de vulto.

Em 1966, antes de completar os oitenta anos, faleceu em Pio IX. A professora Teresa Rosado Simões disse-me o seguinte:

- Seu Eloi gostava tanto dos pobres, que em sua missa de 7<sup>o</sup> dia, a Igreja estava repleta de pessoas humildes.

### *Eloi Bezerra e a Banda Nordestina*

Deu grande apoio ao Pe. Cícero Santos na fundação da Banda de Música Nordestina, cujos instrumentos foram adquiridos pela sociedade local.

Eloi doou o piston. O músico escolhido foi o meu irmão, Pedro de Alencar Bezerra, a quem chamávamos de SANTOS. Tinha um bonito sopro e Eloi gostava de ouvi-lo. Certo dia me disse: - Viu, Zezinho, como o Santos está tocando bem? Por unanimidade, foi Eloi eleito Diretor da Banda e o maestro Francisco Nunes lhe dedicou um dobrado: Dobrado Eloi Bezerra.

Pio IX vivia, naquela época do operoso vigário Pe.Cícero Santos, uma atmosfera de progresso. A Festa da Padroeira N.S.do Patrocínio era Regional, com a presença de muita gente de Campos Sales, Fronteiras, Mons.Hipólito.

### *Eloi Pereira Bezerra: Ficha Biográfica*

Filho de José Boaventura Bezerra e de Ana Rosa de Jesus - Nasceu em Riachão, município de Picos, Estado do Piauí, hoje município de Monsenhor Hipólito - PI, a 01 de dezembro de 1886 e Faleceu na Cidade de PIO IX, Estado do Piauí, aos 29 de abril de 1966.

Fixou Residência na Cidade de PIO IX, Estado do Piauí, ainda Jovem, onde construiu o seu patrimônio. Casou-se em Primeiras Núpcias com Ananias de Alencar Bezerra, aos 04 de setembro de 1915, deixando desse enlace uma filha, a qual recebeu o nome de:

Almerinda Sabóia de Alencar Bezerra - Madre Paula -

Casou-se em Segunda Núpcias com Possidônia de Alencar Bezerra, em 02 de setembro de 1921, deixando desse enlace cinco filhos:

- 1 - João Elói Bezerra - Tabelião
  - 2 - Francisco Assis de Alencar Bezerra - Farmacêutico
  - 3 - Anair de Alencar Bezerra - Professora
  - 4 - Pascoal de Alencar Bezerra - Engenheiro Civil
  - 5 - José de Alencar Bezerra - Médico
- Deixou Nove Netos e Seis Bisnetos.

#### NETOS:

- 1 - Elói de Alencar Bezerra
- 2 - Paulo de Alencar Bezerra
- 3 - Sônia Maria de Alencar Bezerra Antão.
- 4 - João Elói Bezerra Filho.
- 5 - Wagner Luis de Alencar Bezerra
- 6 - Soraya Maria de Alencar Bezerra
- 7 - Diego Aragão Bezerra
- 8 - Eloilson Aragão Bezerra
- 9 - Dayena Aragão Bezerra

**BISNETOS:**

- 1 - Guttenberg Oliveira de Alencar Bezerra
- 2 - Charles Lindemberg Oliveira de Alencar Bezerra
- 3 - Gardenia Maria Oliveira de Alencar Bezerra
- 4 - Enio de Alencar Bezerra Antão
- 5 - Yasmini de Alencar Bezerra Antão
- 6 - Samuel de Alencar Bezerra

Entre outras atividades, destacou-se no município de PIO IX, Estado do Piauí, como agropecuarista, Comerciante, Farmacêutico, industrial etc.

Na vida Pública exerceu as seguintes funções: Prefeito Municipal 1916 a 1920. Coletor Estadual, nomeado em 5 de maio de 1920.

1º Suplente do Juiz Federal, nomeado em 24 de outubro de 1932.  
Prefeito Municipal de 22/03/1946 a 15/05/1947.

Núbia Brasileiro

*Cláudio Martins*

Nome completo:	Cláudio Martins
Pai:	Antonio Martins de Jesus
Mãe:	Antonia Leite Martins
Casado com:	Francisca Irene Barbosa Martins
Filhos:	Cláudia Maria, Maria da Glória, Cláudio Martins Júnior, Maria Isabel.
Irmãos:	Martins D'Alvarez, Antonio Martins Filho, Fran Martins, Maria de Lourdes e Eulália.

*O Aprendiz de Tipógrafo*

**N**asci em Barbalha e me criei no Crato. Meu pai, que fora homem de posses, perdera os bens que possuía e por isso tive uma infância de menino pobre. Meu pai era um homem inteligente; foi com ele que aprendi as primeiras letras, e foi dele que recebi o exemplo e o estímulo para leitura.

Fiz parte da molecagem mais quente que existiu na minha cidade. Não fosse a influência sadia de meus pais poderia até ter descambado para marginalidade. O cinema era nosso grande (e pernicioso) professor. Chegamos uma vez, por influência de um filme, a organizar uma quadrilha para assaltar as mulheres. Éramos um terror.

Não podendo, por falta de recursos, frequentar uma escola regular, tive uma passagem pelas mãos da Beata Neves, que numa espécie de apostolado ensinava aos moleques que tivessem algum interesse por estudo.

No meu tempo, um garoto filho de pobre, só tinha duas opções: ou ir para o Seminário (para poder estudar de graça) ou aprender um ofício.

Como não fui capaz de simular uma vocação religiosa, resolvi ser aprendiz de tipógrafo e entregador de jornal. Com este último encargo eu conseguia engordar um pouco mais o meu magro salário.

A tipografia foi minha grande escola: porque ao hábito da leitura, que me fizera desde cedo ler, dos romances de capa- espada aos clássicos da literatura, acrescentei a obrigação de acompanhar por dever de ofício os artigos diários dos mais inteligentes homens de letras do Cariri.

Tinha verdadeira paixão pela poesia e por dois poetas em particular: Guerra Junqueiro e Augusto dos Anjos. Deste último decorei inteiro, o livro "Eu", por não ter dinheiro para adquirir um.

Por essa época eu "cometia" alguns poemas sob o pseudônimo de N.das Mercês".

- Engraçada essa vida. Cláudio Martins, na minha cabeça era apenas um nome.

Era para mim como o nome de uma rua: "Floriano Peixoto" não nos evoca uma pessoa a mais, em um trecho da cidade. Era mais ou menos assim que seu nome me surgia na mente. E agora eu estava ali, diante do nome e do homem de alguém que me falava de sofrimentos e de lutas; e no meu entender, só quem conheceu o sofrimento e lutou com bravura pela vida merece ser chamado de HOMEM.

### *A Oportunidade*

"Depois da Tipografia arranjei um emprego no comércio como balconista de um armazém. Péssimo balconista, diga-se de passagem, porque eu vivia escondido atrás das peças e fardos de tecidos, lendo Machado de Assis, Eça de Queiroz, Garret e o que me caísse sob os olhos.

Esse emprego porém me ensejou a matrícula na Escola Caixeiral do Crato de onde fui orador do Grêmio. Fui também orador da União dos Moços católicos e pontificava em todas as tertúlias literárias de que tivesse notícia. Era bom orador, declamava bem e esse meu gosto pelas letras despertou a atenção do Padre Pita que me convidou a ingressar no recém inaugurado Ginásio de Crato. Falei de minhas dificuldades econômicas e ele disse que se eu não podia, não pagaria; mas meu pai, pagou, embora com grandes sacrifícios.

Fiz lá então o Exame de Admissão, espécie de vestibular que se fazia para acesso ao curso ginasial. Tirei o primeiro lugar, mesmo sem ter tido um estudo regular até ali.

Como eu disse antes, meu pai era um homem inteligente e sensível; quando sentiu que precisávamos fazer um curso superior vendeu o que possuía e nos trouxe para Fortaleza.

### *A Evolução*

Ao chegar aqui no início da década de 30, fui ser repórter policial do jornal "A Nação", que por suas posições causadas e irreverentes era condenado pelo Clero. Eu ganhava 50 mil réis. O ordenado eu nem sempre recebia, mas era importante possuir, dados pelo jornal, um

passa de bonde e um permanente para assistir as sessões do Cine Majestic. Hoje tenho registro de jornalista profissional, graças a esse tempo de trabalho.

Surgindo um concurso para Secretaria da Fazenda, tirei o primeiro lugar e fui logo nomeado. Seis meses depois eu era Chefe de Gabinete e continuei sendo, durante a gestão de seis secretários consecutivos. Fui galgando todos os postos até que um dia ocupei o comando maior da Secretaria.

Durante esse período eu fizera vestibular para Direito, mas não pude de pronto exercer a carreira, porque esta era incompatível com minhas atribuições da Secretaria da Fazenda.

#### X - X

- Dizem que o mundo é dos espertos. Eu diria que o mundo é dos sabidos. Sabidos não no sentido da esperteza, mas da sabedoria. Quem sabe não pede favor. Conquista. E as conquistas de Cláudio Martins não pararam por aí.

Certa vez estava no Rio, onde fazia um estágio no DASP para assumir importante função, quando soube que haveria em Fortaleza concurso para tabelião de um cartório, que vagara por morte do seu titular.

Foi aí, diz ele mesmo, que surgiu sua primeira e grande oportunidade de se tornar um burguês cheio de dinheiro.

### *O Notário e o Professor*

"O Cartório distanciou-me da advocacia e da cátedra: da primeira por falta de tempo e da outra, porque mesmo tendo feito concursos e sido aprovado para duas cadeiras de assuntos financeiros no ensino superior, a Lei de Organização Judiciária impedia ao tabelião o exercício do magistério. Renunciei às cadeiras para não infringir a lei. Mesmo assim, por ter defendido tese e prestado concurso recebi o título de Livre Docente em Política Financeira e de Doutor em Ciências Econômicas. Eu começara a ensinar desde 1938 na Escola Técnica de Comércio Padre Champagnat e fora depois professor do Liceu. No Liceu aconteceu uma coisa curiosa: como a cadeira vaga era de Química, aceitei-a arrimado no fato de ter estudado bastante para fazer o vestibular de medicina (depois trocado pelo Direito); como não gosto de fazer nada pela metade, meti-me a estudar a matéria com tal afínco que em seis meses já a dominava com um catedrático;

O magistério sempre foi minha paixão maior. Por isso resolvi em 67 entregar o cartório ao meu filho e assumir minha cadeira da Faculdade de Ciências Econômicas; lá fiquei até que foi instituída, a cadeira de

Direito Notarial na Faculdade de Direito, quando solicitei minha transferência para assumi-la. Como não havia nenhuma obra em português sobre este assunto os dois primeiros livros editados no Brasil foram meus. E continuam sendo os únicos".

X - X

- Cláudio Martins é autor de mais de vinte livros. E o inusitado do fato não reside no tamanho da obra editada, mas na variedade de assuntos que envolve o seu saber. Tem tantos livros de poesia quantos tem de Direito, Educação e Finanças.

Aqui eu me permito uma crítica ao Criador: Papai do Céu às vezes exagera e distribui mal os pendores que dá aos seus filhos.

E o caso de se dizer "uns com tanto, outros com tão pouco!" Tivesse Cláudio o poder de dividir seus dons entre uma porção de idiotas facilmente encontráveis e ainda lhe sobraria o suficiente para ser considerado um homem inteligente e culto.

Coisas da vida, coisas da sorte...

### *O Direito Conquistado*

"Trabalho desde os oito anos de idade, estou com mais de setenta e continuo na ativa, conclui, após tantos anos de labuta que era um direito meu fazer de agora por diante apenas as coisas que gosto que me dão prazer. Dou aula pela manhã e à noite na Faculdade de Direito. Porque gosto. Aceitei dirigir, à pedido do Governador, a Fundação Raul Barbosa onde estou pondo a alma e o coração num trabalho dos mais sérios e presido há dez anos a Academia Cearense de Letras e tenho procurado dar o melhor de mim a essa instituição; faço parte do Colégio Notarial Brasileiro, estou montando com alguns colegas um escritório especializado em imóveis e problemas tributários e eventualmente dou pareceres em questões de sucessão testamentária. Como disse antes, a satisfação decorrente do trabalho realizado é hoje o único pagamento que me satisfaz plenamente, de vez que já possuo o suficiente para viver bem com toda minha família. E sou um homem feliz porque conquistei o direito de poder agir assim".

X - X

Falar do curriculum completo de Cláudio Martins seria um despropósito neste trabalho, mas além do que já foi dito, eu ainda acrescentaria que ele foi secretário de Estado quatro vezes, na Fazenda, na Educação, na Administração e agora no Conselho de Educação hoje com jurisdição de secretaria. Foi Governador do Rotary,

presidente do Ibeu, professor examinador para cadeiras no magistério superior, no Ceará e em outros Estados, tem livros de circulação e aceitação nacional, é filiado a um sem número de instituições acadêmicas e científicas, como membro, como sócio honorífico ou benemérito.

Medalhas, títulos, troféus, diplomas, placas, possui às dezenas. É justo portanto, que após uma vida tão rica de realizações para si e para a comunidade possa se dar ao luxo de escolher suas atividades.

Agora compreendo porque seu nome soava para mim com o mesmo efeito de um nome dado a uma rua: ele, por tudo que fez, não é mais apenas um homem ou um nome, é uma Instituição; O Ceará só tem a agradecer porque ele existe.



Dimas Macedo

*Quatro Rolins*

**R**eúnem-se, neste desprezioso artigo, pequenas achegas à vida de quatro lavrenses que, apesar de muito haverem representado para o universo social no qual desenvolveram as suas manifestações, ainda se nos apresentam injustificadamente esquecidos. São eles Higino Gonçalves Sobreira Rolim, Luiz Rolim da Nóbrega, Raimundo Rolim de Moraes e José de Souza Matos Rolim.

Quando em junho de 1980 demos por concluído o nosso livro *Lavrenses Ilustres*, não faz muito editado pela Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, cogitamos de ali incluir o nome do Dr. Luiz Rolim da Nóbrega, porém, na oportunidade, os dados que dispúnhamos em torno de sua pessoa eram bastante escassos.

Quanto a Higino Rolim, não o incluímos no nosso trabalho acima aludido simplesmente pela ignorância que no momento fazíamos a respeito do seu nome, não obstante, logo no início das pesquisas, num momento de total irreflexão, tivéssemos compulsado Rolins, Cartaxos e Afins, de Mozart Soriano Aderaldo, onde existe estampado algo ao redor do seu nome, como a indicar uma personalidade de dimensões muito maiores, bem como uma ligeira referência em torno do Bacharel José de Souza Matos Rolim.

Raimundo Rolim de Moraes, o outro Rolim a que nos referimos, embora falecido há apenas pouco mais de um lustro, teve a grata felicidade de ver o seu nome registrado pelo Barão de Studart no 3º volume de seu precioso *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (Fortaleza-Ceará, 1915). Registro sem outras implicações, que acompanha o desenrolar de sua existência somente até a data de sua ordenação sacerdotal em 1914.

Luiz Rolim da Nóbrega e Raimundo Rolim de Moraes encontram-se relacionados por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, em *O Ceará*, na parte relativa a Lavras da Mangabeira. Já quanto a Higino Gonçalves Sobreira Rolim e José de Souza Matos Rolim, apenas uma publicação cearense refere os seus nomes: Rolins, Cartaxos e Afins, de Mozart Soriano Aderaldo.

Esses quatro Rolins, entretanto, integram uma lista de mais de três dezenas de lavrenses dos séculos XVIII e XIX que mercê da sua inteligência e do seu esforço, souberam muito bem honrar o nome da sua terra de origem. Assim, ditas, pois, estas palavras iniciais, eis, em rápidas pinceladas, os quatro Rolins que acima aludimos:

## *Higino Gonçalves Sobreira Rolim*

"Para o nordestino, sertanejo de casta e origem, o nome de Higino Rolim, gravado, in memoriam, na ressonância histórica de Cajazeiras, tradicional jóia do sertão, se não é o de uma divindade, é, todavia, o de um mago prodigioso elevado às honras dos altares".

Estas palavras pronunciou-as o emérito escritor cearense José Leite Maranhão em prefácio ao livro *Quarenta Sonetos*, de autoria do Dr. Cristiano Cartaxo Rolim, isto para adiante acrescentar: "Higino era um patriarca de hábitos sóbrios e austeros, sorridente e bom".

Pois bem: este ilustre cidadão, acolhido com tanta gratidão no seio da história, é também um dos mais expressivos rebentos de primitivo clã sertanejo que povoou consideráveis trechos das margens do Salgado. Filho do Professor Francisco Gonçalves Sobreira e de Dona Josefa Gonçalves Sobreira Rolim, nasceu Higino Gonçalves Sobreira Rolim, no Riacho do Machado, município de Lavras da Mangabeira, aos 02 de fevereiro de 1852.

O pai, embora lavrense de nascimento, encontrava-se, de há muito, ligado à comunidade de Cajazeiras, na Província da Paraíba, e para ali conduziu o filho, ainda em tenra idade, matriculando-o no tradicional Colégio do Padre Inácio de Souza Rolim, na época, um dos mais destacados estabelecimentos de ensino do Nordeste.

Alí, "desde as primeiras aulas destacou-se pela dedicação aos estudos e foi se conceituando pelo seu aproveitamento. Enveredou pelos caminhos da preparação linguística, especializando-se nos estudos do latim e grego, o que lhe ensinou a surpreendente cultura humanística". E tanto se distinguiu pela invulgar erudição de cultor da língua de Demóstenes, que posteriormente veio a ocupar a cátedra de citada disciplina como lente do referido Colégio, em substituição ao Padre Rolim. Versado em literatura, é sabido que "não se cansava de saborear o seu Virgílio, Horácio, ou o opulento Homero, que costumava recitar para maior deleite dos seus pupilos".

Porém, não se conformando simplesmente com as atividades do magistério, veio posteriormente a desenvolver novas perspectivas do seu descortino intelectual, com o exercício da promotoria pública da comarca, ou mesmo com a militância do ofício de advogado provisionado que o foi, no patrocínio de interesses conflitantes e sempre em consonância com os imperativos da lei.

Em 1875 fundou a Farmácia Central, conhecida popularmente como A Botica do Higino, que tantos benefícios prestou à comunidade cajazeirense, e que foi, no ramo das atividades farmacêuticas, o segundo estabelecimento a ser organizado em todo o interior da Província da Paraíba. Como farmacêutico, granjeou conceito dos

melhores, da mesma forma que como político veio a ostentar prestígio e notoriedade.

Perante o reverendo Padre Rolim, aos 29 de setembro do recuado ano de 1886, no Sítio Prensa, Município de Cajazeiras, matrimoniou-se com Ana Antônia de Couto Cartaxo, de cujo consórcio é rebento o Dr. Cristiano Cartaxo Rolim, herdeiro dos seus pendores literários e sucessor da sua vocação de farmacêutico e humanista.

Em Cajazeiras, por várias legislaturas, exerceu as funções do cargo de vereador e, como Presidente da Câmara Municipal, administrou o município no período compreendido entre os anos de 1887 a 1889, consoante ensina o grande historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, o que para o abalizado historiador paraibano Deusdedit Leitão, corresponde aos dois últimos períodos legislativos que antecederam ao advento da República. Posteriormente, foi eleito Deputado à Assembléia Legislativa daquele Estado, para o triênio de 1896 a 1899, função na qual se investiu com os arroubos peculiares ao seu talento de líder e condutor dos destinos do seu povo.

Como professor, como farmacêutico e como político, prestou inestimáveis serviços à comunidade cajazeirense, a ponto de o já aludido historiador Deusdedit Leitão assim se manifestar a seu respeito: "Não sabemos de outro cajazeirense que, além do Padre Rolim, tenha exercido atividade mais influente em favor do progresso de Cajazeiras de que Higino Rolim. Quem se der ao trabalho de ler os velhos alfarrábios que retratam com tanta fidelidade o passado da nossa terra há de encontrar o seu nome como expressão mais alta das várias atividades intelectuais, políticas ou sociais a que se devotou naquele incontido desejo de servir bem à terra e à gente cajazeirense".

De Deusdedit Leitão são ainda os conceitos de que Higino Rolim era dotado de clarividente espírito de observação e que, como farmacêutico, o seu nome se perpetuou na lembrança dos seus contemporâneos como legenda maior de trabalho e abnegação, dizendo-nos finalmente aquele eminente pesquisador que "as notícias de sua habilidade como esculápio transpuseram as fronteiras e fizeram com que doentes de outros municípios viessem bater à porta do Dr. Higino, como era conhecido. Atendia com a sua notória solicitude e de cada doente fazia-se o amigo dedicado, integrando-se na disciplina da sua formação cristã ao edificante espírito do Amai-vos Uns aos Outros".

Higino Gonçalves Sobreira Rolim, cercado da admiração e da estima dos seus concidadãos, faleceu na cidade de Cajazeiras, aos 12 de janeiro de 1931. Morreu, segundo Deusdedit Leitão "na confortadora convicção de que a sua terra e a sua gente já começavam a receber os efúvios da nova e trepidante civilização", pela qual tanto se debateu,

a ponto de estar sempre em sintonia com os avanços do tempo no qual desenvolveu os vãos mais espetaculares da sua atividade existencial.

### *Luís Rolim da Nóbrega*

Neto, pelo lado materno, de Josefa Manoela de Araújo e de Antônio Joaquim de Souza Rolim, nasceu Luiz Rolim da Nóbrega em Lavras da Mangabeira, aos 24 de outubro de 1879, como primogênito da união matrimonial de Manoela Rolim da Nóbrega com o Dr. Fábio Cesino Deoclécio da Nóbrega, paraibano de Santa Rita do Sabugy, Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife e Deputado à Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba.

Na terra natal aprendeu as primeiras letras. Transferindo-se para Fortaleza, aqui estudou no Liceu do Ceará, onde tirou os preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito do Ceará, por onde saiu Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, aos 28 de abril de 1909, como integrante de uma turma de dezenove expressivos bacharéis, da qual, além do seu nome, sobressaíram-se, dentre outros, os de Raimundo Gomes de Matos, Álvaro Bomilcar da Cunha, José Carlos de Matos Peixoto, José Clodoveu de Arruda Coelho, Hildebrando Pompeu Pinto Acioli e Antônio Galeno da Costa e Silva, este falecido como Juiz de Direito de Lavras da Mangabeira, aos 25 de março de 1935.

Em Fortaleza, ainda como estudante, lecionou no conhecido Ginásio Cearense, do Professor Anacleto de Queirós, juntando posteriormente ao cargo, de professor, o de Funcionário da Fazenda Estadual. Depois de formado foi nomeado Inspetor da Alfândega e, mais tarde, Professor da Faculdade de Direito do Ceará, não chegando, porém, a assumir nenhum destes encargos, aceitando, entretanto, sua nomeação para os quadros da magistratura.

Como Juiz Municipal serviu nas comarcas de Pacatuba, Iguatu, Cascavel, Canindé e Senador Pompeu, sendo em 1923 posto em disponibilidade. Reingressando na magistratura, prosseguiu como Juiz Municipal de Cedro e Acopiara.

Promovido a Juiz de Direito, foi designado para a comarca de Icó, aposentando-se nesta função em 1930.

Como juiz foi "um paradigma de honestidade, de inteireza de caráter e de elegância moral", e mais: "um homem simples e modesto e um magistrado digno e incorruptível", na expressão do renomado poeta cearense Carlyle Martins. Para Jáder de Carvalho, foi o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega "um homem realmente sério, parece que feito sob encomenda", e um cumpridor religioso do seu dever. Na magistratura, segundo o historiador Mozart Soriano Aderaldo, era o Dr. Luiz Rolim da

Nóbrega um "padrão de honorabilidade e competência, e no magistério, exemplo de dedicação e desprendimento", além de "criatura boníssima que conquistou vasto círculo de relação no Ceará". Do Padre Raimundo Rolim de Moraes é a opinião de que ele, como magistrado, "se portou com respeito e dignidade e no magistério, com dedicação e serenidade".

E mais do que isso: além de magistrado íntegro na retidão da sua conduta, foi o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega um entusiasta benemérito da educação. Em Iguatú, Acopiara e Senador Pompeu fundou educandários, dois dos quais com a denominação de "Colégio 7 de Setembro". No governo do Interventor Carneiro de Mendonça, serviu durante oito meses como Prefeito de Baturité, havendo seu nome sido indicado ao então mandatário cearense pelo Des. Olívio Câmara, na época Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça do Estado do Ceará.

O Dr. Luiz Rolim da Nóbrega faleceu em Fortaleza, aos oitenta e quatro anos de idade, mais precisamente aos 24 de abril de 1933. Com sua morte, assegura Carlyle Martins, perdeu o Ceará uma das suas reservas cívicas, porque, "juiz numa terra e num tempo em que a judicatura quase não podia fugir às injunções da política e da tirania econômica", soube o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega "atravessar toda essa tempestade sem nenhum arranhão moral", como acentua finalmente Jáder de Carvalho.

### *Raimundo Rolim de Moraes*

Raimundo Rolim de Moraes nasceu em Lavras da Mangabeira, aos 08 de outubro de 1886, sendo batizado aos 31 de outubro do mesmo ano do seu nascimento pelo Padre Claudino Leopoldo da Fonseca, que foi Coadjutor da Freguesia de São Vicente Férrer das Lavras, no período de 31 de janeiro de 1878 a 05 de junho de 1888. Foram seus pais o paraibano Manoel Carlos de Moraes e Dona Josefa Rolim de Moraes, lavrense.

O pai foi tabelião público em Lavras e faleceu no Estado do Amazonas, para onde se transferiu, "como uma das vítimas da nefanda oligarquia aciolina que reduziu o Ceará a uma ignóbil feitoria", segundo dispõe registro do seu passamento assento num dos jornais fortalezenses da época.

Entrando para o Seminário Episcopal do Ceará, ali "recebeu tonsura e ordens menores a 30 de novembro de 1912, subdiaconato a 30 de novembro de 1913, diaconato a 17 de maio de 1914 e presbiterato a 30 de novembro de 1914", é o que em torno de sua pessoa nos informa

o Barão de Studart no terceiro volume do seu Dicionário Biobibliográfico Cearense, editado em Fortaleza em 1915.

Ainda segundo o Barão de Studart, é certo o afirmar-se que o Padre Raimundo Rolim de Moraes inicialmente funcionou como vigário de Independência, onde efetivamente cantou a sua primeira missa, aos 08 de dezembro de 1914, segundo registro que conseguimos identificar nos arquivos do seu irmão Carlos Rolim de Moraes. Em fevereiro de 1915, foi nomeado coadjutor de Tamboril, ali permanecendo por alguns meses, sendo a 16 de março de 1916 designado vigário de Jaguaribe, que parouquiu até novembro de 1917. Quando foi nomeado vigário de Jaguaribe, já o regia desde 28 de dezembro de 1915, porém só havendo tomado posse nesta função aos 09 de abril de 1916.

Em seguida foi designado vigário de Icó, que regeu de 18 de janeiro de 1918 a 26 de janeiro de 1937. Vindo para Fortaleza nesta oportunidade, aqui permaneceu pelo resto de 1937 em tratamento de saúde.

Em fevereiro de 1938, teve Carta Comendatícia para o Piauí onde, entre outras, parouquiu as freguesias de Picos, Batalha e Floriano. Retornando ao Ceará, em janeiro de 1940, em Fortaleza permaneceu avulso até maio do citado ano, quando foi nomeado vigário interino de Itapipoca, onde esteve até dezembro de 1940.

Em 06 de fevereiro de 1941, foi nomeado vigário de Pacatuba, que regeu até 01 de fevereiro de 1942. Em Fortaleza, para onde se transferiu, foi capelão do Educandário Nossa Senhora de Lourdes, função na qual tomou posse aos 03 de fevereiro de 1942, bem como Coadjutor da Porciúncula e Vigário-Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio. Na Capital cearense veio a falecer, aos 10 de março de 1975.

Além de sacerdote, distinguiu-se também como educador. Em 1953, editado pela Gráfica do Jornal A Fortaleza deu a lume um opúsculo intitulado Parte da Primitiva Família de Lavras da Mangabeira, onde traça a genealogia da progênie de Hermenegilda Rita de São José - matriarca de um dos mais significativos ramos do famigerado Clã do Logradouro. Deste trabalho, revista e ampliada e com nome modificado para "BEMBÉM", tirou posteriormente uma segunda edição.

### *José de Sousa Matos Rolim*

Poucas são as notícias que dispomos em torno de José de Souza Matos Rolim. Filho do Capitão Salviano Gonçalves Rolim e da lavrense Dona Cecília de Souza Matos, nasceu José de Souza Matos Rolim na então Vila de São Vicente das Lavras, possivelmente aí por volta de

1867. Foram seus avós paternos Joaquim Gonçalves da Costa e Dona Antônia Teresa de Jesus, esta irmã do Mestre Padre Inácio de Souza Rolim, abnegado educador e autêntico apóstolo dos sertões nordestinos.

Ainda em tenra idade, viu-se transportado para Cajazeiras, na Província da Paraíba, de onde o Capitão Salviano Gonçalves Rolim era natural e onde a família veio a fixar residência definitiva, mais precisamente a partir de 16 de julho de 1868.

A infância e parte da adolescência viveu-se entre a cidade de Cajazeiras e o Sítio Timbaúba, localizado naquele município e de propriedade dos seus progenitores. As primeiras letras aprendeu-as com o Mestre-Escola Trajano Alves da Silva e posteriormente veio a assimilar alguns conhecimentos no tradicional Colégio do Padre Rolim.

Vocacionado para o caminho das letras, emigrou à procura de espaço para o seu descortino intelectual, indo ter finalmente à Faculdade de Direito de Recife, onde bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1891, aos 24 anos de idade. Foi o segundo lavrense a graduar-se por aquela instituição superior de ensino. O primeiro havia sido o Conselheiro Raimundo Ferreira de Araújo Lima, em 1840, e o terceiro seria Antônio Fiúza de Pontes, em 1902.

Logo depois de formado, exatamente aos 09 de outubro de 1891, foi nomeado Promotor Público de Souza, no Estado da Paraíba. Posteriormente, viu-se transformado em Juiz Municipal de Piancó, no mesmo Estado, por ato de 23 de março de 1892. Aos 08 de dezembro de 1893, foi promovido a Juiz de Direito de Piancó e, em 25 de junho de 1903, removido para Pombal, para o desempenho de iguais atribuições. Ali, prosseguindo no exercício da função de magistrado, veio a falecer, aos 08 de fevereiro de 1905.

Em Piancó, casou-se com Francisca Leite Ferreira Rolim, filha do Coronel Tiburtino Leite Ferreira e de Violante Mariana da Silva. A sua consorte, conhecida pela alcunha de Dona Chiquinha, uma espécie de matrona dos sertões paraibanos, exerceu considerável influência política no município de Piancó e em vasta área da região, a ponto de dizer-se que, ali, nada era resolvido sem o seu consentimento.

Entre os seus descendentes, destacam-se os nomes do Dr. Elzir Nogueira Matos, Prefeito Municipal de Piancó, e o do Dr. Salviano Leite Rolim, Diretor da Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro, e Procurador dos Feitos da Fazenda Nacional, ambos rebentos da sua união matrimonial com Francisca Leite Ferreira Rolim.

Em carta que nos dirigiu a 14 de março de 1982, o historiador paraibano Deusdedit Leitão nos trouxe a notícia de que em algumas notas do seu arquivo, extraídas de jornais paraibanos que registraram o falecimento do Dr. Matos Rolim, há a informação de que o mesmo

exerceu o cargo de Promotor Público da Comarca de Icó, no Estado do Ceará, o que, infelizmente, ainda não tivemos condições de comprovar. No opúsculo Cel. Matos - Um Centenário, Rio, Gráfica Tupy, 1968, da responsabilidade de diversos autores, identificamos o seu nome como sendo José Gonçalves de Matos Rolim o que deve ser entendido como engano dos organizadores desta plaqueta, que talvez quiseram associar o seu nome ao do seu irmão, na oportunidade homenageado, no caso o Coronel Joaquim Gonçalves de Matos Rolim, o que nos parece perfeitamente explicável.

### **Algumas Fontes Consultadas**

1. Mozart Soriano Aderaldo. Rolins, Cartaxos e Afins, Fortaleza, 1961.
2. Raimundo Rolim de Moraes. Bembém, Fortaleza, 1953.
3. Barão de Studart. Dicionário Biobibliográfico Cearense, 3º vl., Fortaleza, 1915.
4. Raimundo Girão. História da Faculdade de Direito do Ceará, Fortaleza, 1960.
5. Dimas Macedo. Lavrenses Ilustres, Fortaleza. 1981.
6. José Leitão Maranhão. Confidência, in Quarenta Sonetos de Cristiano Cartaxo Rolim, Fortaleza, 1952.
7. Deusdedit Leitão. Higino Rolim, in Correio do Sertão, ano VII, nº 12. Cajazeiras-PB, julho de 1956.
8. Jáder de Carvalho. O Morto Inesperado, in Diário do Povo, Fortaleza, edição de 7.5.1963.
9. Carlyle Martins. Luiz Rolim da Nóbrega - o Cidadão e o Juiz. in O Unitário, Fortaleza, edição de 27.04.1963.
10. Cel. Matos - Um Centenário, vários autores, Rio, Gráfica Tupy 1968.
11. Arquivos de Leonardo Mota, existentes na Cúria Metropolitana de Fortaleza.
12. Arquivos particulares do Sr. Carlos Rolim de Moraes.
13. Deusdedit Leitão. Carta de 14.03.1982.

**(Revista da Academia Cearense de Letras nº 42 - 1981)**



Francisco de Vasconcelos,  
de Petrópolis, RJ

## *O Pernambucano Sílvio Júlio*

Nem bem terminara longo e emocional ensaio sobre o mais completo americanista brasileiro, que Itaytera, do Instituto Cultural do Carií publicou em sua edição correspondente ao ano de 1985 e já estou no limiar de novo estudo sobre a vida e a obra de Sílvio Júlio, por encomenda do amigo comum e conterrâneo dele, Mário Souto Maior.

Mas o autor de Bolívar é de tal forma multifacetado que, por mais que se escreva sobre ele, sempre haverá algo a acrescentar, um novo filão a explorar.

Em sua última obra *Sobre História, Arqueologia e Lingüística*, vinda a lume três mes após sua morte, o mestre, no seu estilo objetivo e incisivo, fez as seguintes confissões, muito válidas nesta oportunidade:

"Sou brasileiro e ibero-americano simultaneamente. Tudo que faço ou escrevo (que em mim é o mesmo) deriva da circunstância natural deste duplo acontecimento. Dele promana nos meus gestos, aspirações, idéias cotidianas, que a veemência de minhas emoções nasce da conjunção de forças das duas realidades, ambas unidas sempre, quer física, quer espiritualmente".

E mais adiante:

"Quando desci para o sul, vindo lá do meu Nordeste, esquecido e abandonado pelos a que chamam governos, mais uma revelação de solidez e probidade em cultura, confesso que tenho justo orgulho de haver nascido na fração daquela plaga que se conhece por Pernambuco. Origine-se do indômito Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba ou de Alagoas, para o meu coração dá no mesmo. Pertencemos, graças a fraternos e domésticos laços, a uma única família e tribo, todos nivelados em pulso rijo e imaginação mística".

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, recifense do Brum, nascido a 19 de novembro de 1895, era autêntico patrício romano, álbus quercus, isto é, carvalho branco, madeira da melhor origem, dessas em que não penetram o caruncho e o cupim, que não vergam nem se deixam abater com facilidade.

Porte atlético, pele alvíssima, testa inclinada, nariz aquilino, olhar sideral, dedo em riste de pregador eterno, passo firme, ágil e decidido, pé atrevido, elegância e pulcritude permanentes, sobrançeria de caráter e de atitudes, raciocínio vertiginoso, inteligência cintilante, talento desmedido, cultura assombrosa, clareza e simplicidade nas

exposições, eis o retrato falado de Sílvio Júlio.

Em síntese, reuniam-se no polígrafo pernambucano: espírito cristalino, cérebro privilegiado e corpo sadio, desses que jamais sentiram fisicamente uma dor de cabeça. Assim viveu o mestre seus quase 89 anos de perfeito civilizado, que na verdade representaram mais de vinte séculos de formação e aperfeiçoamento.

Um homem como Sílvio Júlio não está jungido à trivialidade da contagem terrena de tempo. Seu gigantismo interior extrapola os estreitos limites da existência neste planeta e ele se nos afigura um indivíduo cósmico na total acepção do termo. Do nosso ponto de vista bitolado pelo tempo e pelo espaço, Sílvio Júlio viveu 89 anos. Para o mundo das idéias e dos gênios, ele é eterno e universal, reunindo em si enorme experiência ancestral, haurida no mais puro espírito dos povos cultos e civilizados, experiência essa que ele soube transmitir aos pósteros através de precioso legado, conforme se verá.

O mestre pernambucano é alguns dos elos dessa longa e secular corrente que tem uma de suas pontas na Grégia antiga e a outra nestas terras de Santa Cruz.

Sílvio Júlio foi discípulo de Platão e Aristóteles, andou por Roma de braço com Cícero, passou pela Península Ibérica onde conviveu com Cervantes e Camões e chegou ao Novo Mundo, para comater ao lado de Bolívar, dos revolucionários nordestinos de 17 e 24, para condensar em páginas imortais seu americanismo, sua brasilidade, seu pernambucanismo.

As lições dos filósofos helênicos contribuíram para o embasamento doutrinário do autor de Apostolicamente, evitando que ele jamais se afastasse da ordem, do método e de suas metas. O convívio com Cícero, incutiu-lhe o amor à justiça, o fantástico poder de argumentação, a índole combativa sem visar lucros materiais e vantagens imediatas.

Frequentando Cervantes, Sílvio Júlio converteu-se num hispanista lúcido, consciente, ativíssimo. Em 1908 o grandino Samuel Nunez López fundou no subúrbio carioca do Engenho de Dentro a Livraria Espanhola, mais tarde transferida para a loja de David Duran à Rua Sete de Setembro, 204, no centro da antiga Capital Federal. Foi aí que o pernambucano de 13 para 14 anos, aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, travou conhecimento com Lope de Vega, Quevedo, Santa Teresa de Ávila, Góngora, Unamuno e outros gigantes da terra cervantina. Esse mesmo Samuel, capitaneando a colônia espanhola, acolheu com simpatia a idéia do jovem Sílvio Júlio em trazer ao Brasil Salvador Rueda. O fato ocorreu em 1914 e a propósito de tão auspiciosa visita, fez o pernambucano, no Colégio Militar, conferência sobre o ilustre hóspede, a qual veio a lume no fim de *Corrente Calamo*,

obra poética de 1915.

A fidelidade do arrebatado recifense ao autor do Quixote, levou-o a fundar, na década de vinte, no Rio de Janeiro, a Casa de Cervantes, que prestou enormes serviços à cultura hispânica e que promoveu o aparecimento em 1926 do livro Apostolicamente, coletânea de ensaios de índole hispânica da lavra de Sílvio Júlio, obra que se completaria em 1962 com o aparecimento do volume Nótulas de Literatura Espanhola.

E coroando esse entendimento com Cervantes, vale frisar, que o pernambucano, aliás no seu próprio conceito, foi um dos maiores espíritos quixotescos produzidos no Brasil. Sua vida foi respigada de pelejas contra inimigos imaginários, de polêmica que muitas vezes não passaram de monólogos, até pela falta de capacidade e habilitação de seus eventuais contendores. Fósseis no Frigorífico seria o exemplo a calhar da veia quixotesca Sílvio-juliana, de seu longo porfiar contra vermes latrinejantes do calibre de Martins de Souza e outros que tais.

Esse quixotismo contaminou sua índole doutrinária, levando-o, aqui e acolá, a tomar insólitas atitudes neste país de conchavos, de tapinhas nas costas, de cochilos ao pé do ouvido, de conluios inconfessáveis, de bambochatas.

Camões foi presença total na vida de Sílvio Júlio. Até em matéria de amor andaram empatados. Além dos casos esporádicos e acessórios, ambos tiveram três afetos fundamentais. Só que as Catarina do Pernambuco se chamaram pela ordem Carmem, Cacilda e Lastênia. Cada uma, de per si, sem simultaneidade, fez transbordar o coração do nordestino e a maneira de louvá-las não ficou aquém da lírica do autor de Os Lusíadas.

A gaúcha Carmem foi a primeira mulher do poeta, que mereceu dele em 1916 Teu Livro, obra repleta de sonoros e apaixonados versos de juventude. Melodias que viraram saudade em triste madrugada de 1930, quando a musa porto-alegrense morreu de um parto mal sucedido.

Cacilda foi a tempestade estival com raios e trovões, a permanente explosão vulcânica a espalhar torrentes de lavas, quando a mútua paixão provocava inimagináveis cenas de ciúme. Foram quase quinze anos de cavalgadas de amor por serras e abismos, até que o silêncio tomou conta de tudo em muda despedida. Do rescaldo pouco sobrou. Não houve clima para o registro em livro das emoções vividas pelo recifense no auge do verão de sua existência. Restaram alguns sonetos lapidares espalhados em revistas e jornais, sonetos cheirando a carne, a desejo, a orgasmo.

Lastênia, a doce chilena, foi o afeto derradeiro, a musa do outono sílvio-juliana, a mulher que proporcionou ao americanista já maduro, os melhores dias de sua vida, a única que com ele festejou gloriosamente

as bodas de prata. Sua morte em Lima, a 7 de agosto de 1974, chafurdou o irrequieto e desabrido recifense no mais profundo desalento. Dessa dor incessante, dessa ferida que jamais cicatrizou, nasceu *Elegias a Lastênia*, obra de 1976, como nasceram dezenas de outros sonetos néenias ainda inéditos, todos camonianos na forma e amado nervianos no conteúdo.

Mas a identidade de Sílvio Júlio com Camões não ficou somente no terreno amoroso e na maneira de brindar as musas inspiradoras. Desde os tempos do Colégio Militar, em que fora aluno de Português do grande Maximino de Araújo Maciel, o futuro americanista vivera intensamente os lances épicos, as histórias fantásticas de *Os Lusíadas*, dissecando verso por verso, penetrando no verdadeiro sentido de cada um deles e, a partir deles e, fazendo as análises, que a maioria dos ginásianos brasileiros, mal orientada por professores pífios, aprendeu a abominar.

Desse contato com Camões, da compreensão do verdadeiro sentido de sua obra, nasceu-lhe o amor e o respeito ao vernáculo, que ele defendeu ardentemente durante toda a vida, repudiando os abastardamentos que vem sofrendo a língua portuguesa no Brasil, maximé nos dias atuais.

Sílvio Júlio foi um homem que sempre primou por escrever e falar corretamente, sem pernosticismo, mas com aquele zelo e cuidado de quem defende um patrimônio que não é particular, mas da comunidade luso-brasileira.

A partir de Camões, aprendeu a apreciar os grandes vultos da literatura portuguesa - Antero de Quental, Antônio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Almeida Garret, Ramalho Ortigão. Guerra Junqueiro empolgou-o pelo talento satírico, que o pernambucano também tinha de sobra, dando prova disso em sonetos memoráveis, na sua maioria publicados em Petrópolis em 1948 e *Fósseis no Frigorífico*, livro de 1954. Camilo Castelo Branco encantou-o menos como protótipo do romantismo português, mais como desabrido e valente polemista, traço inconfundível na personalidade do recifense. Eça de Queiroz calou-lhe tão fundo que, em 1943, ele lançaria no Rio de Janeiro *Projeção Universal de Eça de Queiroz*, "dissertação em torno do espírito desfronterizado do romancista português e de sua universalização literária".

Safardanas houve em várias épocas que tentaram chamar a atenção de maneira debochada para o declarado hispanismo de Sílvio Júlio. Apodaram-no alguns, maliciosamente, de espanhol. Entretanto, quem escreve *Relações da Língua Portuguesa com a Literatura Brasileira*, Rio, 1935 e o aludido trabalho sobre Eça de Queiroz, não merece aquela coima. Posso atestar que o autor de *Elegias a Lastênia* foi tão lusófico quanto hispanófilo e o foi com elevado espírito crítico; pesando

e medindo as grandezas e misérias de cada um dos povos ibéricos.

Quando os heróis de 17 e 24 andavam em correrias pelo Nordeste, pregando e fazendo revoluções de verdade e de índole republicana, quando esses brasileiros de caráter incontestável de coragem a toda prova, tombaram heroicamente ante o bestial primarismo de Pedro I, Sílvio Júlio já andava por Pernambuco, na pele de seus ancestrais Albuquerque, que como machos altivos e honrados acabaram fuzilados pelas hostes da Coroa.

Aí nasceu o americanismo em Sílvio Júlio, tutelado pelas doutrinas de Bolívar, que então estava engajado na luta pela libertação dos povos hispano-americanos, atraindo às suas memoráveis campanhas dois pernambucanos de escol Natividade Saldanha e Abreu e Lima.

Este foi o primeiro de uma série de três Lima, todos pernambucanos, militantes do americanismo. O segundo, foi Oliveira Lima, o Quixote Gordo, segundo o magistral trabalho de Gilberto Freyre. O terceiro, o mais completo, o eminentemente bolivariano, foi Sílvio Júlio de Albuquerque Lima. Pernambucano tem, por conseguinte, mais esta láurea - é a pátria do americanismo no Brasil.

Ao contrário do que pareceu a observadores frívolos e apressados, o ibero-americanismo sílvio-juliano, tutelado pelas doutrinas do Libertador, não segregava ou postergava estas terras de Santa Cruz. Muito ao contrário, e as próprias palavras do mestre recifense trazidas no limiar deste ensaio, demonstram que sua índole era simultaneamente brasileira e ibero-americana e que, para ele, deveria prevalecer acima de qualquer circunstância o ecumenismo espiritual, solidário e anti-hegemônico, nas maneiras de sentir, pensar e agir das comunidades luso-espanholas da América.

Esse apostolado, que tinha como ponto de partida o mútuo conhecimento, foi incontestavelmente a grande motivação da vida de Sílvio Júlio, moldando o cerne de sua atividade intelectual.

Sua obra é medularmente ibero-americanista bolivariana e o Brasil se integra nela, plena e absolutamente. Só os de má fé teimam em acusar o pernambucano de antibrasileiro, de cego defensor dos povos da América Espanhola, confundindo a crítica honesta e lastreada em documentos, a exegese equilibrada dos fatos históricos e culturais, com partidarismos baratos, quanta vez subvencionados por mãos alienígenas, contrárias aos legítimos interesses ibero-americanos.

Da mais tenra idade ao último minuto de existência, Sílvio Júlio pensou grande e escreveu imenso sobre os grandes problemas desse território que vem do México à Patagônia, incluindo o Brasil. É só ver os títulos e as datas: Pampa (1919), Estudos Hispanoamericanos, (1924), Idéias e Combates (1927), Cérebro e Coração de Bolívar (1931), Penhascos (1935), Escritores da Colômbia e Venezuela (1942),

Escritores Antilhanos (1944), História, Literatura e Folclore da América Espanhola (1945), Estudos Gauchescos de Folclore e Literatura (1935), José Enrique Rodó (1954), Artigas (1960), Ensaio sobre História dos Povos Americanos (1961), Literatura, Folclore e Lingüística da Área Gauchesca no Brasil (1962) Folclore e Dialectologia do Brasil e Hispanoamérica (1974), Aproximações Folclóricas em Português e Espanhol (1975), Achegas Peruanas à Literatura de Iberoamérica (1983) e Sobre História, Arqueologia e Lingüística (1984).

Como se vê, pela diversidade dos temas abordados, trata-se de bibliografia de autêntico polígrafo.

Mas a cultura nacional pura e simples também esteve ao alcance da pena de Sílvio Júlio. As revistas e os jornais brasileiros estão eivados de colaboração sua abordando folclore, lingüística, história, arqueologia, literatura, do Brasil como um todo e especialmente de algumas de suas regiões mais representativas. Afora isso, Fundamentos da Poesia Brasileira, Rio, 1930, Reações na Literatura Brasileira, Rio, 1938 e Terra e Povo do Ceará, Rio, 1936 e 1978, lastream o curriculum silviojuliano tapando a boca dos que, tendenciosamente, usaram e abusaram do direito de ver no mestre americanista um anti-brasileiro.

Em Terra e Povo do Ceará, avulta o nordestino íntegro e integral que viveu em Sílvio Júlio até a sua morte. Em recente artigo publicado na Tribuna do Ceará de 22 de dezembro do corrente, frisou Abelardo F. Montenegro:

"Poucos homens não nascidos no Ceará amaram tanto esta terra como Sílvio Júlio de Albuquerque Lima.

No princípio da década de 1950, quando iniciei minhas pesquisas sobre a história cearense, fiquei agradavelmente surpreendido com a leitura de Terra e Povo do Ceará. E mais do que isso, orgulhei-me de ser cearense, considerado pelo autor povo decidido, sóbrio, modesto e original".

E mais ainda: "Em sua permanência em Fortaleza e nas viagens pelo litoral e sertão, soube Sílvio Júlio compreender o molequismo cearense em sua expressão sociológica no sentido de "ironia fulminante e lacônica", "agulhas da sátira". E sua poderosa intuição ajudou-o a esclarecer que esse molequismo "se aguça quando as secas desbaratam e exterminam famílias riquezas e esperanças, a maneira de arma espiritual contra tergiversações e fraquezas".

Em síntese Terra e Povo do Ceará revela o nordestino sem ufanismos palavrosos e patriotadas estéreis. Ali está o estudioso sério e descompromissado, tentando por a nu a verdadeira face cultural da terra de Alencar e as reações psicossociais aí desenvolvidas.

Resta dizer que Sílvio Júlio foi, como ele mesmo afirmava, um

pernambucano desfronzeirizado. Não se insulou num bairrismo ensimesmado a Mário Melo, Ascenso Ferreira, a Waldemar de Oliveira, que não compreendia o frevo fora da moldura do Recife (in Frevo, Capoeira e Passo).

Ao contrário, Sílvio Júlio foi um espírito ecumênico, universalista, cosmopolita.

Sua plasticidade existencial era inconfundível. Entretanto em matéria doutrinária era personalíssimo. Jamais transigiu com seus princípios, não se deixando aliciar por igrejas, escolas, correntes intelectuais eventualmente na moda. Era uma peça única.

Certa vez João Chiarini em carta a mim, achava espantosa essa capacidade de Sílvio Júlio, de ser pernambucano, cearense, carioca, petropolitano, gaúcho, peruano, chileno, enquanto ele, Chiarini, não conseguira ser mais que caipiracicabano.

A pernambucidade de Sílvio Júlio estava no justo orgulho que tinha de pertencer a uma estirpe de machos e manteúdos na luta pelos mais alcandorados ideais, de ter nascido numa terra onde a história se escreveu com sangue de verdade, de ser conterrâneo de republicanos doutrinários e de vultos como Joaquim Nabuco, Abreu e Lima, Oliveira Lima, Natividade Saldanha, Mauro Mota, Gilberto Freyre.

Convivi com Sílvio Júlio durante onze anos, os últimos de sua vida. Dele, ouvi lições estupendas, com ele aprendi imenso. Tornei-me seu biógrafo e o mestre jamais escondeu que eu era dos raríssimos brasileiros que poderiam falar com segurança sobre suas lutas e idéias. Cumpro assim o seu desiderato, trazendo a público mais esta visão panorâmica do grande ibero-americanista bolivariano, do pernambuco fiel às suas origens, descendente direto dos heróis de 1817 e 1824.

**( Folclore, do Instituto Joaquim Nabuco  
de Pesquisas Sociais, Recife - Julho de 1988 )**

## *Morrem Dois Insignes Escritores Cearenses*

**N**o mês de julho passado, faleceram, no Rio de Janeiro, Martins D'Alvarez e Edigar de Alencar, intelectuais consagrados que o Ceará e o Brasil pranteiam.

**Martins D'Alvarez faleceu em 3.07.93 e Edigar em 27.07.93.**

José Martins D'Alvarez nasceu em Barbalha(Ce), a 14 de setembro de 1904, filho de Antônio Martins de Jesus e D. Antônia Leite Martins. Fez o secundário no Liceu do Ceará. Formou-se em Odontologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. As primeiras atividades foram de auxiliar de comércio da cidade do Crato(CE). Menino, aprendeu o ofício de ouvires e a arte da tipografia, e trabalhou nas oficinas da Gazeta do Cariri, no Crato. Ingressou no jornalismo, escrevendo e publicando os primeiros versos em O Povo, de Fortaleza, no Fon-Fon, Vamos Ler, Dom Casmurro, A Notícia, Diário, Meio-Dia, do Rio de Janeiro, e na Gazeta Magazine, de S. Paulo. No setor odontológico foi dentista da Saúde Pública de Fortaleza. Entrou para o magistério como professor de Educação Sanitária da Escola Normal do Ceará. Ingressou na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil, no Rio, como assistente de Ensino. Dois anos depois, fez concurso de livre-docência da Cadeira de Clínica Odontológica da mesma Faculdade, sendo aprovado. Contratado como professor pela Escola de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio, regeu três cadeiras.

Fez concurso para catedrático de Metalurgia e Química Aplicada da Faculdade Fluminense de Medicina, sendo aprovado com distinção. Conquistou a segunda cátedra, na Universidade do Brasil, depois de submeter-se a concurso de nova livre-docência, sendo professor de Metalurgia e Química Aplicada. Faleceu em 3 de julho de 1993, no Rio de Janeiro.

**Bibliografia:** Choro Verde(versos), Rio de Janeiro, Ed.Moderna, 1930. Quarta-feira de cinzas (novela), Fortaleza, Ed.Ramos Pouchain, 1932. Vitral(poemas), Fortaleza, Ed.Ramos Pouchain, 1933. Morro de moinho (romance), Rio de Janeiro, Ed.Irmãos Pongetti, 1937. O norte canta...(poemas), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1947. Chama infinita (poemas). Ed.Fortaleza, 1949. No mundo da Lua (poemas de crianças), Rio de Janeiro, Ed.Irmãos Pongetti (3 edições). O Nordeste que o Sul não conhece (prosa), ed.do Rotary Clube de S.Paulo, 1953. Ritmos e lendas (poemas escolhidas) Rio de Janeiro,



Ed.Pongetti,1954; 2ª ed.,Universidade do Ceará. História trágica da anestesia (prosa), Rio de Janeiro, Ed.de Ouro (livro de bolso),1963. O medo no século XX (prosa), Rio de Janeiro, Ed.de Ouro(livro de bolso), 1964. Outros trabalhos científicos da especialidade.

## O Tambor Dança Típica

*Martins D'Alvarez*

No terreiro da casa de loiô  
a negrada, festiva, aquece o tambor.

Homens como pulga!  
Mulheres como trinta!

laiá sentada no alpendre,  
sisuda, gorda, bonita,  
casaco novo, de rendas,  
todo enrançado de fita.

loiô passeando, pra lé e prá cá...  
Assustando, pintando, olhando, vendo  
a negrada gozando!  
A negrada folgando!  
A negrada bebendo!

E o tambor irrompe, zabumba, retumba:  
- uruputum, uruputum, uruputum, uruputum...

E os negros se acercam...  
E o cerco se aperta...

Mãe Preta pula pro meio,  
se enrosca, se estira,  
pega na ponta da saia,  
enfia as mãos nos quadris,  
levanta a cara dengosa,  
dança miúdo, peneira,  
dá volta e meia,ligeira,  
fasta o pé, levanta a mão,  
manda uma punga atrevida  
que vai morrer, entre gritos,

na barriga do Pai João.  
E o tambor:  
- uruputum,uruputum,uruputum...  
Tocado a murro e dançado a soco.  
Pai João arremete,  
cai de cócoras, se alevanta,  
pisa em ovos: - sapateia...  
pisa em brasa: - treme todo...  
Vira bicho, fica doido,  
dá cabeçadas de cego,  
balança os braços, tesoura,  
foge às pungas de Mãe Preta,  
tira o corpo, negaceia,  
arruma os quartos pra traz,  
mete a umbigada na preta,  
que a preta rola na areia.  
Gralhada...Barulho...Zoadá...Sussuro...

E o tambor:  
- uruputum, uruputum, uruputum...  
Dançado a soco!  
Tocado a murro!

(Extraído do Livro "O Norte Canta", de Martins D'Alvarez, em nossa biblioteca "Padaria Espiritual").

**Eduardo Campos**

## *Lembrando Edigar de Alencar*

Em 1967 conheci Edigar de Alencar. Acontecia tarde de autógrafos em festa pelo livro que escrevera: "A Modinha Cearense". A Livraria Renascença, liderada por Luiz Maia e D.Elza, bem frequentada, reiniciara memoráveis instantes de deleite beletrístico. E foi o que na realidade sucedeu, menos por inusitado e inesperado episódio: na fala de apresentação proferida por Braga Montenegro, este simplesmente desconsentiu da obra então lançada.

Não se houve bem, portanto, o paraninfo, aí transformado em inquisidor. Com erudição e extensão o padrinho reduziu "A Modinha

Cearense" a mero exercício acadêmico de má interpretação dos fatos. Desnecessário acrescentar o constrangimento de todos, inclusive do autor, a se entremostrear grato (grato por quê).

Mas o livro era (e é) bom, com marca de observador perquiridor que, toda a vida, esteve em Edigar de Alencar por mais de noventa anos. Homem de múltiplas atividades, sabia julgar quer espetáculos musicais, quer encenações de teatro. Além daquele livro - e valha o francesismo - defenestrado por Braga Montenegro, Edigar de Alencar empenhou-se, a bom proveito, em resgatar a vida de Pixinguinha, de "Sinhô", assim como soube realinhar, para os pósteros, em valiosa antologia, a longa e surpreendente história do carnaval brasileiro.

Sabia vestir-se. Tocava a frase com bastante propriedade. Galanteador, estava sempre em estado de graça entre senhoras, ainda que não fossem assim consideradas. Explico mais: não deixava carta, nem remessa de livro publicado, sem uma palavra de estímulo. A tanto, por sofrer de cearencismo, estado de espírito insofreado nas pessoas de boa emoção qual ele.

Passou, ou melhor, evoluiu-se, que desse modo necrologiavam os jornais dos séculos passados, tendo os pobres mortais sobre as condições de anjos evaporáveis.

Guardo de Edigar de Alencar umas tantas provas de atenção. Foi dos raros, na condição de leitor-crítico, a descobrir visus semânticos e ancestrais bem ditos do meu "Crônica do Ceará Agrário".

Como mencionei linhas atrás, o autor de "A Modinha Cearense" se apreciava gentil, ofertando o seu sentimento de compreensão em demorados bilhetes ou cartas. Na última correspondência - descompromissado bilhete - a caligrafia lembrava o gráfico de eletrocardiograma de paciente irresoluto mas com muita vontade de viver.

Porém o pensamento prevalecia, quer lavrado nas linhas verticais, ascendentes, quer no esparramado das que, horizontalmente, pontuavam palavra após palavra...

Pensamento, acuda-se a tempo, de escritor que em vida soube exercitar-se com muita honestidade e firmeza de caráter.

Por isso, ainda que de modo bisonho, estou aqui para afirmar que o seu desempenho não foi em vão.

(Extraído do "Diário do Nordeste", Fortaleza, Ceará).

Edgar de Alencar. Pseudônimos: Lúcio Tabajara, Denicadar Alegre e A.Ladino. N.em Fortaleza(Ce), a 5 de novembro de 1901, filho de João de Alencar Araripe(guarda-livros) e D.Antônia de Faria Ramos(professora). Jornalista militante desde a juventude. Redator de O Dia e A Notícia, do Rio, Redige, a anos, o rodapé literário dominical

em O Dia. Durante 12 anos foi o redator da seção As Garotas (desenhos de Alceu), na revista carioca O Cruzeiro, como pseudônimo de A.Ladino. Fez o Curso Superior de Administração e Finanças. Chefe de Serviço no Instituto e Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes. Crítico de teatro, livros e rádio Sócio correspondente de Academia Cearense de Letras. Faleceu em 27 de julho de 1993.

**Bibliografia:** Carnáuba (poesia), Rio de Janeiro, 1932. Mocaroró (poesia cômica), Rio de Janeiro, 1957. O suave e ameno historiador (perfil literário). Curitiba, 1957. O carnaval carioca através da música (2 vols), 1ª e 2ª eds, Rio de Janeiro, 1965. A modinha cearense, Imprensa Universitária do Ceará, 1967. Nosso sinhô do samba (biografia do compositor popular Sinhô), Rio de Janeiro, 1968. "Papagaio-pipa-arraia", separata de Rev.Bra.de Folclore, Rio de Janeiro, 1971. Flamengo força e alegria do povo (história pitoresca e real do Clube de Regatas do Flamengo), Rio de Janeiro, 1971. Poesia quase perdida (versos), Rio de Janeiro, 1973. A publicar. O carnaval carioca através da música (3ª ed., refundida e atualizada). O cajueiro árvore lírica do Brasil (ensaio); Trilho de ferro(romance cearense). Copacabana bacana (romance carioca). Carnaval do Rio - festa do mundo (documentário); Sonetos brasileiros de ontem, hoje e amanhã (coletânea).

*("Ceará em Brasília") - Setembro 93.*

## *Cinquentenário de Ordenação do Pe.Ágio Augusto Moreira*

**F**oram festejados, com alegria e grande confraternização dos fiéis, os 50 anos de ordenação do Pe.Ágio Augusto Moreira, em Crato.

Nasceu ele em Assaré aos 5 de Fevereiro de 1918, filho de Augusto Moreira e Raimunda Moreira. Aos dez de Fevereiro do mesmo ano foi batizado pelo Pe.Emílio Cabral, que muito contribuiu para a sua formação sacerdotal.

Ingressou na Escola Apostólica Divino Salvador, em Vila Arens, Jundiá, SP no dia 27 de Dezembro de 1930. Ali cursou o 1º e 2º graus, concluindo em 7 de Janeiro de 1937.

Fez o Curso Superior Filosófico e Teológico no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, concluindo a 30 de Novembro de 1943. Afinal, em 18 de Dezembro de 1943 recebeu das mãos de Dom Francisco de Assis Pires, 2º Bispo do Crato, na Catedral de Nossa Sra.da Penha, a unção sacerdotal.

Exerceu, em 50 anos de vida sacerdotal, as seguintes atividades: Vigário Cooperador de Jardim - 1944 -; Vigário Cooperador de Icó, 1945; Vigário Ecônomo de Farias Brito (1945); Pároco Amovível, da mesma cidade, 1946; Vigário Substituto de Lavras, 1948; Vigário Cooperador de Iguatu, 1948;

Foi, ainda, Professor no Seminário Menor do Crato (1949-1961).

Professor do Seminário Sagrada Família em Crato - 1962;

Professor dos Colégios de Crato: Estadual, Municipal, Escola Técnica de Comércio, Santa Teresa, e mais, da Faculdade de Filosofia do Crato e Escola de Educação Artística Heitor Vila Lobos (esta, desde 1967).

Capelão da Igreja de Nossa Sra. das Graças, no Belmonte.

Fundador da Escola de Educação Artística do Belmonte.

A Diocese realizou, em 18 de Dezembro de 1993, solene concelebração, em sua homenagem, na Catedral do Crato, contando com as participações de: Coral Santa Cecília (interpretando cantos gregorianos) Mons.Expedito Silveira de Sousa, vigário de Camocim(CE) Mons.Solon Correia Aragão, vigário de S.João do Piauí; Cônego João Cartaxo Rolim, Vigário de Sousa (Paraíba).

Essa concelebração foi presidida pelo bispo diocesano do Crato, Dom Newton Holanda Gurgel e marcou o ressurgimento das celebrações em Latim, canto gregoriano e grande fausto litúrgico. A Banda de Música do Crato participou.

## *"Noites de Lua Cheia", Livro de Emerson Monteiro*

**E**m fase de publicação, na Gráfica Universitária, livro de crônicas de Emerson Monteiro, prefaciado por Jurandy Temóteo, a ser lançado ainda no primeiro semestre de 1994. Trata-se da seleção de trabalhos já editados em jornais sobre temas variados, desde política a religião, fruto de experiências, estudos e análises, propondo vivência de um novo modelo de comportamento para ser adotado no instante crítico em que vive a humanidade.

Emerson é o atual Vice-Presidente do Instituto Cultural do Cariri e ocupará nº 6, titulada pelo Dr. Irineu Pinheiro, antes preenchida pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo.

## *Escritor Jurandy lança mais um livro no Crato*

**O** escritor, professor universitário e jornalista cratense, Jurandy Temóteo, professor da Urca, está lançando, nesta semana, mais um dos seus livros, intitulado Pouco Mais ou Menos, editado em conhecida gráfica do Crato.

Trata-se de um repositório de contos e crônicas, em estilo ameno e saboroso, que, se publicadas antes (algumas) viviam esparsas, precisando reunir numa só publicação.

Na apresentação, utilizando a "orelha" do livro, o jornalista Emerson Monteiro Lacerda, vice-presidente do Instituto Cultural do Cariri, afirma o seguinte: "Testemunhos dos que não se conformam em deixar fluir o tempo sem anotar os momentos destacados das emoções, flagrantes do rio da vida que transcorre obstinado na literatura, função de pessoas raras que aguardam de outros solitários seres a atenção dos evadidos para comungar seus sentimentos.

Este livro de Jurandy Temóteo fala disso, de um mundo confessional de quem pensa e acredita no resultado da cultura, em dias melhores que

se avizinham.

Alma nobre, ele sempre demonstra coragem de artistas que não entrega a bandeira de suas convicções como saída alternativa. Constrói idéias e formas a refletir substância de quem renovou a linguagem do jornalismo cratense, em O Ideal, veículo estudantil que marcou época, e Folha do Cariri, dos anos 60". (J.Lindemberg de Aquino).

TC.07.01.94

## *O Intelectual José Peixoto Júnior Aplauda "Itaytera" 92.*

"Itaytera" 92 causou-me surpresa. Não ouvira falar desta edição. Sai folheando a revista, sem consultar o índice, a procura de "Evolução da Medicina do Cariri Através dos Tempos" e deparo com as minhas bestidades em prosa e verso. Redobram-se as surpresas! "Itaytera" é uma publicação que oferece o que ler. Costumo fazê-lo como se faz com um livro - página a página, do começo ao fim".

(Trecho de carta a Napoleão Tavares Neves.)

## *Alexandre Arraes : Centenário de Nascimento*

Prepara-se a cidade do Crato para levar a efeito, a 13 de Fevereiro de 1995, brilhantes celebrações do Centenário de nascimento de Alexandre Arraes de Alencar, vigoroso exemplo de homem público e cultor das letras, que faleceu aos 48 anos, a 15 de Agosto de 1943, nas funções de Prefeito do Crato.

Familiares do ilstre jornalista e orador virão de todo o país para comungar com os cratenses a comemoração dessa grata efeméride.

## *Documentando:*

### *Joaquim Citó e Antônio Lins, Cidadãos Cratenses*

**E**m sessão solene e festiva, realizada, excepcionalmente, na sede do Sport Club do Crato, em 15 de Janeiro de 1994, os srs. Joaquim Citó Sobrinho e Antônio Bezerra Lins receberam os títulos de Cidadãos do Crato. Seguiu-se uma festa em homenagem ao acontecimento. Na documentação que se segue, o discurso de saudação aos novos cratenses e seus respectivos currículos. Itaytera continua sendo um veículo de documentação da vida da cidade e da região.

#### **Saudando os novos cratenses**

Exmo. Sr. Francisco Tavares de Oliveira - Presidente da Câmara Municipal

Exmo. Sr. Antônio Primo de Brito - Prefeito Municipal

Exmo. Sr. Antônio Nirson Monteiro - Juiz de Direito

Ilustres Ladeadores

Ilmos. Srs. Dr. Antônio Bezerra da Costa Lins e Joaquim Citó Sobrinho,

Ilustres Cidadãos Cratenses - Meus Senhores - Minhas Senhoras

A Câmara Municipal do Crato, de gloriosas tradições, escreve hoje mais uma brilhante página de sua história. Além disso, resgata, também, uma grande dívida para com dois cratenses de coração que se tornarão, hoje, Cidadãos Cratenses, de fato e de direito, por deliberação unânime desta Casa, que acolheu o Projeto de Resolução da Mesa Diretora: Dr. Antônio Bezerra da Costa Lins e Joaquim Citó Sobrinho.

Associando-se às comemorações esportivas dos CEM ANOS DO FUTEBOL DO BRASIL, dos SETENTA E CINCO ANOS DO CRATO FUTEBOL CLUBE - Primeiro Time do Crato e dos CINQUENTA E CINCO ANOS DO SPORT CLUB DO CRATO, o Poder Legislativo transferiu-se do PALÁCIO JOSÉ VALDEVINO, de acordo com o seu Regimento Interno, para a sede do Sport Club do Crato e outorgar a CIDADANIA CRATENSE a dois grandes amigos do Crato, Dr. Antônio



Bezerra da Costa Lins e Joaquim Citó Sobrinho, fundadores e ex-Atletas do Sport Club do Crato, dando assim melhor significação ao evento, no âmbito da IV FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO.

Os dois ilustres agraciados com o Título de Cidadão Cratense, nesta noite, são por demais identificados com o Crato e entre si, pela semelhança das circunstâncias que o trouxeram ao Crato e pela vida e atividade que aqui exerceram.

Dr. Antonio Bezerra da Costa Lins chegou ao Crato aos nove anos de idade, em 1936, vindo de Ouricuri-Pe. Três anos depois, fundava, com um plêade de jovens, amante do Futebol, o Sport Club do Crato, que tantas glórias deu ao esporte bretão de nossa Terra. Estudou no Grupo Escolar do Crato, Escola Técnica de Comércio e Colégio Diocesano, formando-se em 1961 em Odontologia na FESP- Recife, onde se tornou um Cônsul do Crato. Anualmente, retorna às suas origens e promove a Festa de Confraternização, no aniversário do clube que fundou, o Sport Club do Crato.

O Sr. Joaquim Citó Sobrinho chegou ao Crato também em 1936, com 12 anos, oriundo de Tauá-CE, dedicando-se ao comércio. Estudou o antigo Ginásio do Crato, foi um dos atletas-fundadores do Sport Club do Crato. Em 1940, transferiu-se para Fortaleza, mantendo-se como comerciante até hoje, com Loja Prestígio, que a transformou num verdadeiro Consulado do Crato.

Ao propormos nós da Mesa Diretora o Título de Cidadão Cratense para Dr. Antônio Bezerra da Costa Lins e para o Sr. Joaquim Citó Sobrinho, a fizemos em reconhecimento aos seus relevantes serviços prestados ao Crato, como seus verdadeiros cônsules em Fortaleza e Recife, amantes e defensores de nossa Terra. Se os dois agraciados já são cratenses de coração, nada mais justo do que o Poder Legislativo torná-los, agora, Cidadãos Cratenses de fato e de direito.

Ao encerrarmos nossa palavra de saudação, congratulamo-nos com esta Casa pela feliz iniciativa e com os dois novos Cidadãos Cratenses.

Amigos Dr. Antônio Bezerra e Joaquim Citó: Sede bem-vindos novamente ao Crato, porque nesta Terra há lugar para todas as pessoas de boa vontade. Amem sempre ao Crato que o Crato os amará sempre.

**Muito obrigado.**

(Discurso Proferido pelo vereador Sobreira Coriolano, saudando os Srs. Dr. Antonio Bezerra da Costa Lins e o Sr. Joaquim Citó Sobrinho como Cidadãos Cratenses, em sessão solene da Câmara Municipal, realizada no dia 15.01.94. Na sede social do Sport Club do Crato, Bairro do Seminário).



de Comércio e antigo Ginásio do Crato já como Colégio Diocesano, onde fez os Cursos Primário, Técnico em Contabilidade e 2º Científico.

Atuou com destaque na sociedade cratense e nos meios esportivos. Em 1º de Janeiro de 1939 fundou, juntamente com outros companheiros, o SPORT CLUB DO CRATO, famoso time de futebol, que deu as maiores glórias esportivas a nossa Cidade, tendo completado 55 anos de criação, possuindo hoje esta imponente sede social, no Bairro do Seminário, pelo qual atuou como centro-avante e grande artilheiro, bem assim na Seleção Cratense.

Em 1950, transferiu-se para Recife, onde concluiu o terceiro científico, lecionou em vários colégios e formou-se em Odontologia pela FESP, tendo hoje moderna clínica com grande clientela, desde 1961. Exerceu ainda, por 35 anos, as funções de Fiscal de Tributos da Prefeitura Municipal de Recife, de cuja Associação foi presidente por dois mandatos. Foi também Presidente do D.A.O. por 2 mandatos.

Tem Cursos de Odontologia Legal, Odontologia de Urgência pela Sociedade dos Cirurgiões Dentistas de São Paulo, Curso de Câncer da Boca, ministrado pela Equipe de Cancerologistas do Hospital de Câncer de Recife, Curso de Periodontia, Curso de Hipnose, pela Sociedade de Cirurgiões Dentistas de Pernambuco, Curso de Prótese Buco-Facial na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Curso de Aplicação de Fluor para Ninos e Fluoretação das águas em Palmares-Ce, Curso de Odontologia Ocular, ministrado pelo Prof. Varela Gamboa. Em solenidade realizada na Academia Pernambucana de Letras, recebeu o Título de Sócio Remido, concedido pelo Conselho Regional de Odontologia. Em Recife, transformou-se no verdadeiro Cônsul do Crato, onde pretende fundar também a AFAC.

Casado com Dra. Ilídia, também odontóloga, tem um casal de filhos: Marco Antonio, Engenheiro Eletricista - Professor Universitário PHD, ora fazendo Curso na Espanha e Andréa Maria, residente em J. Pessoa.

Dos seus cinco irmãos, Elvira reside em Ouricuri, enquanto Anália, Lindalva, José e Savani residem em Crato e Hercília faleceu.

Aristélio Andrade

*Bruno Pedrosa:  
"...do sertão a Mury"*

**B**runo Pedrosa é dessas pessoas que a gente conhece num dia e no outro tem-se a impressão de sermos amigos há anos. Comigo foi assim. Conheci-o no escritório de outro cearense, outro Raimundo - Bruno é apelido, é nome artístico - corretor de imóveis em Mury e, no dia seguinte, já estava de papo com ele no alpendre de sua casa. A conversa rolou gostosa, quando percebi a luz já estava acesa, o frio castigando e na hora de me mancar. Afinal, artista também trabalha, tem família e não pode ficar a tarde toda de conversa fiada com um sujeito que ele mal conhecia. Mas o fato é que nos tornamos amigos. Eu invado a sua casa sem-cerimônia e gosto quando ele e Lila, sua mulher, fazem o mesmo.

Bruno é surpreendente. No dia em que o entrevistei, fiquei sabendo que ele também é arqueólogo. Que conhecia história, música sacra e popular, religião, arte, antiguidades, plantas, folclore (adora um forró), poesia, arquitetura, literatura de cordel, pintura, eu já sabia. Mas tudo isso vem aos poucos, cada dia a gente descobre as artes e artimanhas dessa figura chamada Bruno Pedrosa.

Não é só isso. Tem mais, a gente vai descobrindo também seus desenhos, suas pinturas. Ele não mostra tudo de vez. Com ele - não sei ainda se por modéstia ou sabedoria atávica - seus tesouros vão surgindo aos poucos. Um dia ele mostra os desenhos que fez no Mosteiro de São Bento, quando era monge. No outro, um álbum de desenhos do Rio de Janeiro que Carlos Drummond de Andrade não hesitou em fazer o texto. Com seus óleos, é a mesma coisa: cada visita que a gente faz, vê um diferente, de uma força, de uma profusão de cores que faz a gente suspeitar de uma afirmação dele: "Sou desenhista; pintura eu faço mas continuo aprendendo" Fico imaginando como será Bruno Pedrosa no dia em que se der por satisfeito com a sua pintura. Será a grande surpresa de nossa amizade e tenho certeza que irei gostar muito.

**A Voz da Serra:** - *Como Explicar essa paixão pelas artes num jovem nascido e criado no sertão do Ceará?*

**BRUNO** - Essa é uma pergunta que minha mulher sempre faz: por que Belas Artes? Acho que a explicação é a minha avó. Ela era a arquivista da família. Não só dos registros: nascimentos, casamentos,

mortes. Mas também do patrimônio artístico da família. Eu vivia com ela. Foi com ela, no alpendre da nossa casa dos "Torrões" que descobri e aprendi amar nossa história, nossas tradições, e nosso seco sertão do Ceará. Depois fui estudar no Crato que era, na época, o centro intelectual do interior do Ceará. Foi realmente em Crato que descobri a realidade da arte na minha vida. Em Crato me conscientizei de que havia de viver da minha arte. Depois, fui para Fortaleza. Lá meu horizonte se expandiu. Entrei em contato com vários artistas. Um deles, Pierre Chabloux, suíço, que chegou ao Brasil durante a II Guerra Mundial e fincou raízes no Ceará, era um grande incentivador e animador das artes. Era o próprio animador cultural. Depois, vim para o Rio, cursar Belas Artes.

**AVS:** *E a cabeça? Como ela funcionava?*

**BRUNO:** - Em primeiro lugar me apavorei. Descobri nos primeiros dias que não conhecia nada de arte. Estava inteiramente cru. Sobre História da Arte, então, não sabia nada. Morria de vergonha até de conversar. Me vali da Biblioteca da Escola de Belas Artes. Meti a cara nos livros.

**AVS:** - *Não te perturbava, por exemplo, o fato de que um pintor, um artista, só é reconhecido depois de morto?*

**BRUNO:** - Perturbava pelo lado da sobrevivência. Queria provar ao meu pai, um sertanejo que fazia um esforço danado para me sustentar, que arte era coisa séria. Enquanto eu estudava, recebia mesada e sobrevivia. Mas a pergunta: e depois de 1974? não me saía da cabeça. Terminaria o curso e teria de me sustentar com meu trabalho. Tinha que provar, não só para o meu pai, mais para todos os conterrâneos que me olhavam com aquela certeza que eu vivia no Rio, às custas de minha família e no final seria um inútil, se não fosse coisa pior. Isso me faz lembrar alguns encontros que tinha, principalmente no ônibus da Varzealegrense que fazia a linha Rio-Ceará (ele trazia os enganados e voltava com os arrependidos). De vez em quando topava com um olhar desconfiado: "Você né Raimundinho de Raimundo André?"

Depois: "Você estuda praquê meu filho? Quando dizia Belas Artes, ouvia um: "Ah!, que não era de admiração. Já era pura certeza que no mínimo aquilo era coisa de desocupado ou de viado.

**AVS:** - *Dessa época não há nenhum trabalho seu?*

**BRUNO:** - O que vale citar citar é um álbum que fiz sobre a cidade de Ouro Preto, que foi vendido para a Fundação Bristol, nos Estados Unidos. Foi bom para quem estava começando, principalmente que era a primeira satisfação que dava ao meu pai. Um trabalho sério podia ser

bem pago e, no caso, em dólar. Mas aprendi a minha primeira lição na comercialização do meu trabalho. Vendi os originais e fiquei sem nada. Sei que o álbum foi exposto em dezenas de cidades americanas mas perdi o controle. Mas essa foi a minha primeira vitória.

**AVS:** - *Em geral o artista é um desligado e não cuida da parte financeira. Como é no seu caso?*

**BRUNO:** - Aprendi muito com meu primeiro marchand. Foi ele quem me ensinou a estrutura de sobrevivência de um artista, me deu o bê-a-bá de como mostrar meu trabalho profissionalmente.

**AVS:** - *Em geral um artista se descuida muito. Parece que ele não conhece o seu valor. Um exemplo era o Pancetti.*

**BRUNO:** - Melhor que Pancetti era o Guinard: Até hoje seu trabalho é exemplo da falta de profissionalismo. Era uma criança. A Fundação Guinard nada mais era que uma camisa-de-força para ele. Ficava preso e com a tarefa de pintar tantos quadros por mês. Outro exemplo da falta de gerenciamento é o Victor Meireles que, no fim da vida, ficava na porta de seu atelier cobrando ingresso de quem quizesse ver o painel do Rio de Janeiro.

**AVS:** - *Estamos ainda na Escola de Belas Artes. Como você vivia?*

**BRUNO:** - No início vivia com um companheiro dividindo um apartamento na Rua Senador Vergueiro. Depois fui para Pendotiba, em Niterói, morar com um parente que foi mais que isso: foi um amigo. Eu o chamava de "Seu Pedrosa". Chegou ao ponto de construir, no terreno onde morava, o meu primeiro atelier. Era ali que reunia os amigos. Ali que vendi meus primeiros trabalhos. Era um ponto de encontro. De lá saíram as minhas primeiras exposições em Niterói. Vendia muito. Só saía de lá para entrar no Mosteiro de São Bento.

**AVS:** - *O que você procurava num mosteiro? Paz de espírito?*

**BRUNO:** - Não foi só paz de espírito. Um livro me fez a cabeça: "A Montanha dos Sete Patamares", de Thomas Merton. Um jornalista marxista, poeta, que um dia resolveu ser monge. O livro é a sua experiência monástica. Um dia ele visitou uma abadia e encasquetou de ser monge. A descrição de Thomas Merton me revelou o que eu sempre busquei na vida: uma sociedade socialista. Onde não exista propriedade privada, onde cada um trabalha em benefício da comunidade. Onde não existem vaidades. Onde não existe guerra pelo poder, por acúmulo de riquezas. Onde o mais rico não explora o mais pobre.

Enfim, onde tudo é de todos. li a regra de São Bento e concordei

com ela. Eram regras de vida perfeitas. O dia contava de sol a sol. Começava com o nascer do sol e terminava quando ele se punha. O dia era dividido em etapas. Trabalho, estudo, meditação.

Tudo equilibrado. No princípio gostei.

**AVS:** - *Pelo jeito alguma coisa fez você retornar ao que eu chamaria de vida pagã.*

**BRUNO:** - Fui me desiludindo aos poucos. Quando mergulhei fundo na vida monástica, fui percebendo que tudo não passava de uma fachada. O mosteiro era um grande teatro. Uma grande encenação. Por trás, ao contrário do socialismo perfeito que tanto buscava, havia um capitalismo, sobre determinados aspectos, mais feroz do que existe fora dos muros do mosteiro. Lá se comercializa com um produto muito triste que é a fé dos homens. Por isso é que os mosteiros são divididos.

Quando se entra para um mosteiro, assina-se um compromisso de cinco anos. Findo o período, que é de iniciação, ou experiência, pergunta-se ao noviço se ele quer continuar ou não. Eu cumpri os cinco anos iniciais e depois desisti. Foi lá, no Mosteiro de São Bento, que ganhei o nome de Bruno. Lá dentro a gente muda até de nome. Como eu falava muito e um monge não fala, por ironia me chamaram de Bruno por causa de São Bruno, fundador dos cartuchos, que é uma ordem muito mais rígida que as demais. Seus monges vivem isolados nas suas celas individuais e só tem contato com o mundo exterior por uma janela. Por ela, que recebem comida e entregam o fruto do seu trabalho que, em geral, é um trabalho intelectual ou artístico. Por outro lado havia a história de Giordano Bruno, um rebelde. Bruno, portanto, foi um nome em homenagem a minha rebeldia, a minha desobediência, e à minha mania de falar demais.

**AVS:** - *Desiludido?*

**BRUNO:** - Não. Desiludido não. Esclarecido.

**AVS:** - *E a sua volta ao mundo, cinco anos depois?*

**BRUNO:** - Inteiramente desestruturado. Todos meus contatos sumiram. "Seu Pedrosa" havia morrido. Sua família estava inteiramente despreparada para tocar os negócios. Assim, me tornei comerciante. Era uma empresa de produtos agrícolas. Me tomei empresário, ao mesmo tempo que me reorganizava para retornar ao meu trabalho. Para sobreviver, descobri que primeiro tinha de me tornar comerciante e depois ser artista. Depois comecei a vender artigos do Ceará. Bordados e rendas. Abri lojas em Niterói e em Ipanema. Passei a "viver de rendas".

Na sobreloja de Ipanema retomava a minha vida de artista. Ali expunha meus trabalhos. Os amigos, aos poucos, foram colocando meus trabalhos nas galerias. Em 1984 comprei um apartamento no Flamengo e montei meu atelier. A minha mulher montou uma loja de confecção e eu fechei as minhas. Voltei a ser artista.

**AVS:** - *E Friburgo, como surgiu na sua vida?*

**BRUNO:** - Nasceram minhas filhas, Andréia e Tereza. Fomos assaltados três vezes no Rio. Tomamos a decisão de sair da selva de pedra. O que fazer? Lecionar no Ceará? Não dava. Seria renunciar a minha carreira. Ouro Preto? Também não dava. Muito longe. Lá é bom para quem pode manter uma estrutura no Rio. Petrópolis? Em certos aspectos é pior que o Rio. A violência já chegou lá. É uma cidade típica de turistas, com sua estrutura e até seus preços voltados para quem tem muito dinheiro. Teresópolis, além de ter uma infra-estrutura que atendesse as necessidades de minha família. Optei por Friburgo. Aqui há ótimas escolas para as meninas. A cidade tem uma vida econômica independente.

É a menos depredada. Os hábitos deixados pelos imigrantes alemães e suíços, preservam um pouco a natureza. Apesar da violência também estar chegando aqui, existe uma relativa tranquilidade. Mas é uma cidade sensível a arte. Aqui há concertos frequentes. A pintura não está totalmente esquecida. Resolvemos, eu e minha mulher, fincar nossas raízes aqui. Um dia parei em Mury, no escritório do Raimundo, e ele me levou para ver uma casa. A princípio ele não queria me mostrar porque era uma casa velha. Ele mal sabia que eu queria era isso mesmo. Fomos lá e fechamos o negócio na hora. Tudo isso aconteceu por acaso. Tínhamos ido passar a Semana Santa em Pádua. Na volta paramos no escritório do Raimundo. A casa tinha o que eu queria. Era perto do ponto de ônibus. Eu não dirijo. Não sei dirigir e não quero aprender. Era relativamente perto do Rio. Havia como instalar um telefone. É o tal caso. Se me escondo, eu moro. Comprei sem um tostão em maio. E em julho me mudei. Há um ano.

**AVS:** - *Friburgo tem fama de ser uma cidade fria sobre vários aspectos: de clima e de receptividade. Como está sendo sua adaptação? De homem do sertão e como artista?*

**BRUNO:** - Quanto ao clima fiz estágio no Rio, em Niterói. Deixei de ser sertanejo. Quanto a receptividade está sendo muito boa. O artista leva vantagem sobre a maioria dos mortais. Ele tem fácil entrada na sociedade, isto é, se for realmente um artista sério. Ele, normalmente, tem penetração nos meios de comunicação. Ele é uma fonte geradora de notícias. Assim, mais fácil que os outros, consegue uma divulgação



de sua pessoa e de sua obra. Há um ano atrás, quando cheguei aqui, só conhecia Geraldo Simplício, o Nêgo, escultor da maior qualidade. Fomos companheiros no Crato. Numa exposição sua, há anos, Cecília Falk, conheceu o seu trabalho e o convenceu a mudar-se para Friburgo. Desde então, Nêgo, trabalha quase que exclusivamente para os alemães. Cecília o adotou e o apresentou à colônia alemã.

Se a sociedade friburguense, como um todo, não estivesse me absorvendo, seus anticorpos já teriam tempo suficiente para uma rejeição e eu estaria acabado.

### **Curriculum Vitae de Bruno Pedrosa**

Nasceu na Vila de Mangabeira, Município de Lavras, Estado do Ceará, a 11 de janeiro, 1968 - Ingressa na Escola Fluminense de Belas Artes, Niterói, onde foi aluno de Braulio Poiava, Aluizio Valle e Clau Deveza, 1970 - Entra para a Escola de Belas Artes da UFRJ, 1972 - Lança o álbum de desenhos "Ouro Preto, Cenário de Tiradentes", 1974 - Bacharel-se professor pela Escola de Belas Artes, UFRJ e arqueólogo pelo Centro Brasileiro de Arqueologia. Expõe na Galeria do Departamento de Belas Artes da Universidade de Tennessee, USA, 1975 - Lança a segunda edição do álbum "Ouro Preto" com patrocínio da Fundação Hartford-Bristol, NY. Expõe na Panamerican Union, Washington. Galeria Couturier. New Haven. Galeria Bristol - Minneapolis, EUA - Participa do Cherry Chasse Art Festival. Sunnysvale, Califórnia. Expõe no Palácio das Belas Artes, Cidade do México. Participa do concurso de Artes Plásticas e Literatura Ruben Dario, Managua, Nicaragua. Expõe na Gallery of Contemporary Art, Washington. 1976 - Entra para o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro onde permanece por cinco anos. 1979 - Pinta sob encomenda o retrato de João Paulo II, posteriormente integrado ao patrimônio do Vaticano. 1980 - Lança o álbum de desenhos "Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro". Realiza exposição com lançamento do referido álbum no Museu de Arte de São Paulo - MASP. Realizou exposições individuais entre 1968 e 1986 nas seguintes cidades: Niterói, RJ, Ouro Preto, MG; Rio de Janeiro; Santos, SP; Cuiabá, MT; Crato-Ce; Petrópolis, RJ; Fortaleza-Ce; São Paulo. No mesmo período participou também de exposições coletivas nas cidades de Crato-Ce; Recife-PE; Niterói-RJ; Petrópolis-RJ; Curitiba, PR; Nova Friburgo, RJ; Rio de Janeiro; Natal-RN; Goiânia, GO; Belo Horizonte, MG; Santa Maria, RG; Valença, RJ; Porto Alegre, RG; Juiz de Fora, MG. Seus trabalhos estão expostos em coleções particulares, museus, instituições oficiais e religiosas nos seguintes países: Brasil, Estados Unidos, Nicarágua, México, Argentina, Itália e França.

(Jornal "A Voz da Serra", Nova Friburgo, RJ, 13.08.88)

Napoleão Tavares Neves

## *Perfil Artístico-Cultural do Caririense*

### Introdução

Se não fossem as fisionomias amigas que aqui agora vejo, sinceramente, a sensação que me invadiria neste momento poderia ser figurada por aquela conhecida imagem bíblica: Daniel na cova dos leões.

Mas, para amenizar tudo, aqui vejo pessoas amigas que me querem e que eu igualmente quero, a começar pelo Magnífico Reitor da URCA, Prof. Manoel Edmilson, a quem devo inúmeras atenções e favores, favores e atenções até além do meu modesto merecimento.

Meus amigos!

Sou apenas um médico de aldeia que tem curiosidade por nossa História e pelos costumes e folclore da nossa terra. Só isto. Sem falsa modéstia, aqui não vim ensinar, porque vim aprender.

Sem didática e carente de experiência de cátedra, não sou conferencista. Se aqui agora ocupo episodicamente esta honrosa tribuna na abertura deste oportuno "Seminário De Arte e Educação Numa Perspectiva Curricular" é por conta e risco da Universidade Regional do Cariri através da sua assessora cultural, Tica Fernandes, que aqui me trouxe quase a muque.

Relutei em aceitar o atencioso convite da URCA, não por comodismo, mas por via de uma meticulosa autocrítica do que sei e do que ignoro do tema que me foi proposto.

Posso dizer que dele sei uma gotinha e ignoro um oceano!

Sou um homem de consultório médico há 35 anos ouvindo as queixas da nossa clientela carente. Só nas horas vagas é que me tem sobrado tempo para a leitura, sendo, portanto, quase um estranho no meio educacional.

E tudo isto foi ponderado quando do convite para esta conversa no dia 22 de outubro próximo passado.

Debalde foi a minha argumentação.

Usando a linguagem do vaqueiro com quem tanto convivi, Tica Fernandes aqui me trouxe "Estrovado".

Vim para não faltar a quem tantas atenções já devo.

Ainda bem que minhas palavras aqui serão apenas de abertura da cortina do proscênio onde outros mais categorizados farão oportuno seminário de suma importância para a vida cultural do Cariri.

Vale dizer que abrirei a cortina para que, no palco, os verdadeiros artistas da cena possam aparecer, enquanto me recolho à platéia para aprender mais, eterno aluno que quero ser.

Diz muito bem Alceu de Amoroso Lima, mestre dos mestres da nossa espiritualidade: "O Ensino Universitário é uma reciprocidade"! Aqui estou, pois, fundamentado neste princípio, estribado neste pé-suposto.

Isto posto, sem mais delongas debatamos o tema que nos foi dado: Perfil Artístico-Cultural do Caririense.

### Perfil Artístico-Cultural do Caririense

Diz o jornalista João Brígido, polêmico, audaz e combativo:

"Os Índios Cariris que habitavam a nossa região, vivendo à margem de belos regatos, desfrutavam um clima temperado, dispoendo de inumeráveis frutos silvestres, que lhes forneciam um alimento rude, mas abundante, tendo amor a seu paraíso e lutando de contínuo contra hordas que lho queriam roubar, sobretudo os Cariús, Calabaças e Inhamuns".

Portanto, vem desde tempos imemoriais a vaidade do caririense pelas belezas naturais da sua estremecida gleba que sempre foi: Oásis ecológico, oásis topográfico, pela presença sempre imponente e dominante da Chapada do Araripe, oásis climático, pelo clima ameno e temperado, oásis hídrico em uma região semi-árida, pela presença de cerca de 210 fontes, aproximadamente, jorrando águas cristalinas do seio da Chapada do Araripe.

Isto significa dizer que o Cariri é uma dádiva da Chapada do Araripe tão mortalmente golpeada pelo homem caririense, incendiário e predador!

A partir de 1660, segundo ainda João Brígido, embora outros discordem, o homem branco começou a importunar os índios Cariris, sobretudo os aventureiros baianos e sergipanos que, partindo do Rio São Francisco, abordavam a nossa região.

A partir de então, pouco a pouco, os índios Cariris foram sendo dizimados até sua total extinção, enquanto o homem branco assenhoreou-se do Cariri, a princípio com o gado e depois com a cana de açúcar atraída pelos nossos baixios de aluvião.

Assevera-nos Irineu Piheiro: "Já em 1738 rangia no Riacho dos Porcos uma engenhoca de moer cana"! E quem o diz é o biógrafo maior do Cariri. E os aventureiros que aqui chegavam vinham por conta própria, porque os tentáculos da poderosa Casa da Torre, de Garcia d'Ávila, não adentraram o Vale do Cariri.

É ainda o irrequieto capixaba, João Brígido, quem o afirma:

"A estética do colono do Cariri devia parecer-se com as circunstâncias da terra".

Ora, se a terra era bela e realmente o era, foi fácil o surgimento, através dos tempos, do sentimento artístico-cultural do caririense, nestes presumíveis 333 anos da nossa civilização, sobretudo inspirados por uma luxuriante natureza dominada sempre pelo perfil azul-esverdeado da Chapada do Araripe, mãe das nossas águas cristalinas de inigualável potabilidade, genitora do nosso ameno micro-clima com temperaturas de 18 a 20°C nos seus sítios sopedâneos, realmente oásis no inclemente calor do Nordeste semi-árido onde a monotonia dos infintos horizontes produz, paralelamente, a monotonia dos espíritos.

Aqui, não, o perfil da Chapada do Araripe a nos abraçar parece um convite a subir, inclusive aos píncaros das conquistas do espírito e da mente, sobretudo nas vertentes da inspiração poética e musical, vale dizer, artístico-cultural.

Talvez por isto seja o Cariri um rico manancial de tantas tradições artístico-culturais ao longo dos séculos, derivando, não raro, para movimentos político-revolucionários que só mentes bem polidas e politizadas poderiam conceber numa vertente de civismo que apenas os espíritos bem formados podem atingir.

Se Dona Bárbara Pereira de Alencar não fosse a mente arejada que foi será que teriam acontecido os movimentos político-revolucionários de 1817 aqui no Cariri? Fomos República 72 anos antes do Brasil! Com certeza, foram os ventos da Revolução Francesa que abriram a mente de Dona Bárbara Pereira de Alencar e de seus heróicos filhos para o utópico devaneio de um regime político mais equânime e mais justo, a partir de noções políticas mais modernas auridas no parlatório do vetusto Seminário de Olinda, nas conversas dos seus cultos padres, quando ela lá comparecia para deixar os seus filhos candidatos à batina: José Martiniano de Alencar e Carlos Pereira de Alencar.

Acreditamos que a avançada concepção política de Dona Bárbara, a chamada "Heroína do Crato", não pode ter caído de pára-quadras, como por encanto aqui, mas foi fruto de leituras e sobretudo do convencimento de pessoas mais cultas e viajadas, como os padres do Seminário de Olinda, a maioria verdadeiros sábios formados no velho mundo que passava por grandes transformações, sobretudo na França.

Acreditamos que desta trama bem urdida pelas mãos do tempo, surgiu, certamente, a heroína republicana do Cariri, a primeira mulher revolucionária do Brasil, a primeira republicana, a primeira feminista no bom sentido, a primeira dama que ousou deixar a cama e a cozinha pela praça pública: Bárbara Pereira de Alencar, genitora do herói Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, do gênio político do seu tempo,

Padre Senador José Martiniano de Alencar e do mártir Padre Carlos Pereira de Alencar, avó paterna e tia materna de José Martiniano de Alencar Filho, o José de Alencar, de "Iracema" que todos nós lemos e admiramos.

Mas, saudemos Bárbara de Alencar nos espontâneos versos do poeta Caetano Ximenes Aragão:

"Pelos vertentes da noite  
A manhã já se fazia  
Quando lansã abriu as grades  
Das cadeias da Bahia  
Prá ver Bárbara passar  
Por dentro da luz do dia!"

Meus Amigos!

Quem sabe, talvez a inspiração do romancista José de Alencar criando o romance indianista do Brasil, sobretudo "Iracema", "Ubirajara" e "O Guarany", haja nascido dos relatos dos seus ancestrais sobre as constantes lutas dos índios Cariris, primitivos habitantes desta região, neto do Cariri que era.

E José de Alencar, ainda adolescente, atravessou o Nordeste a cavalo, de Fortaleza a Salvador, nascendo-lhe daí a inspiração para escrever o romance "O Sertanejo" que tanto sublima o heroísmo do vaqueiro nordestino:

"Adiante tinha um pau caído,  
Na descida de um riacho.  
O "Russo" passou por cima  
E Arnaldo passou por baixo".

Meus Amigos!

O próprio Padre Ibiapina, "Apóstolo do Nordeste", foi cria política e cívica da família Alencar, pois o seu genitor foi um dos fuzitados da fracassada Confederação do Equador, movimento nacionalista e nativista inspirado nas lutas pela independência dos Estados Unidos, sonho de um Brasil independente, nacionalista e republicano.

O Padre Ibiapina quando adolescente foi, inclusive, pretendente à mão da jovem Clarence, neta de Dona Bárbara e filha de Tristão Gonçalves, presidente do Ceará na Confederação do Equador que teve vida efêmera.

## Meus Senhores e Minhas Senhoras!

Os ágeis dedos do tempo plasmaram o perfil artístico-cultural do caririense nesta ambiência de belezas naturais e muito idealismo cívico!

Daí o seu pioneirismo em vasta área do Nordeste que aqui vem buscar ilustração a partir do vetusto Seminário São José, do Ginásio do Crato, do Colégio Santa Tereza e hoje da URCA, ponto de apoio do nosso sistema educacional em um raio de 50 léguas!

Aqui as explosões artístico-culturais pontilham as nossas cidades de vultos eminentes da nossa literatura, da música e das artes em geral, sobretudo no artesanato, na cerâmica, na xilogravura, na pintura, na escultura, no cordel, no repente, e na poesia popular.

Aqui a cultura convencional e a cultura popular andam de braços dados, uma ajudando a outra.

O Cariri sempre foi um avantajado núcleo folclórico do Ceará, atraindo estudiosos de além fronteiras.

Para ilustrar o que afirmei, citarei apenas um fato: recentemente o antropólogo, Prof. João Evangelista de Andrade, lente de Artes Populares da moderna Universidade de Brasília, passou três meses hospedado anonimamente no Hotel Municipal de Juazeiro do Norte observando e catalogando material que resultou numa obra de vulto, de caráter nacional: "Mestres do Juazeiro", enfocando maravilhosamente bem os humildes artesãos do barro da terra juazeirense.

Há artesanato do barro em todo o Brasil, sobretudo em Caruarú, Tracunhaem e Piri-piri, mas o culto pesquisador brasileiro fixou-se no Cariri exatamente atraído por nossas tradições culturais na rica vertente da cultura popular, verdadeiro empório dela que somos.

E aqui, esquina do Nordeste, e em Juazeiro onde o Nordeste se encontra o ano inteiro, experiências artístico-culturais se mesclam com o misticismo e a religiosidade popular fazendo daquela cidade, filha do Crato, um imenso laboratório para os pesquisadores da antropologia, da sociologia, da parapsicologia, do messianismo e da religiosidade popular atualmente tão saliente.

No mínimo isto mostra, insofismavelmente, o valor além fronteiras da nossa robusta cultura popular.

Graças ao livro "Mestres do Juazeiro", da Editora Universidade de Brasília, os humildes artesãos do barro do Cariri ficaram na berlinda nacionalmente.

São eles: Cizim, Manuel Graciano, Cícera Maria de Araújo, "Cícera do Barro Crú", Cícera Fonseca da Silva, Maria de Lourdes Cândido e suas duas filhas: Maria Cândido Monteiro e Maria do Socorro Monteiro, Nino do Crato, Zulmira e José Ferreira, todos devidamente biografados,

fotografados e estudados em um livro de rara importância e de âmbito nacional, "todas pessoas de grande resistência na arte da sobrevivência". Aliás, no perfil artístico-cultural do Cariri jamais se poderá ignorar o chamado ciclo Padre Cícero Romão Batista e o seu Juazeiro, verdadeira oficina de artes populares em geral.

### Meus Senhores E Minhas Senhoras!

Mas o Cariri atualmente é também um imenso, até incomensurável laboratório mundial da Paleontologia. Cientistas da Europa e dos Estados Unidos vêm anualmente ao Museu de Fósseis de Santana do Cariri, menina dos olhos do Prof. Plácido Cidade Nuvens, observarem, estudarem e classificarem novos achados fossilíferos de cerca de 115 milhões de anos de que o Cariri é rico manancial.

E aí a cultura científica mundial aqui se junta à nossa popular para deleite e encantamento de todos nós que vivemos em uma região privilegiada onde tudo isto é possível acontecer.

Aqui a cultura científica, erudita, e técnica se juntam à cultura popular para ajudarem na definição do perfil artístico-cultural do caririense.

### Meus Amigos!

Segundo Vinícius de Moraes, citado pelo eminente Prof. Plácido Cidade Nuvens, da URCA, "A poesia serve para transmitir aos outros uma série de experiências peculiares a todos nós. O poeta é um intérprete do seu povo e da sua terra, dotado de antenas que lhe permitem sentir o mundo"!

O mesmo conceito vale para o artista em geral, já que o poeta é o artista do verso.

Tanto isto é verdade que o Prof. João Evangelista de Andrade, analisando a expressividade das peças de barro dos artesãos, diz que "Nas faces das peças de barro dos artesãos está expressa toda a problemática social do grupamento humano onde o artista está inserido".

É ainda Vinícius de Moraes quem afirma, segundo citação de Plácido Cidade Nuvens; "A função primordial da poesia e em sentido mais lato, das artes, creio eu, é cantar o que existe de belo no mundo. Como o mundo bonito que o poeta traz dentro de si contrasta com o mundo perverso que o cerca, o poeta, o artista, se revolta, nascendo daí a poesia social" que verbera os erros dos homens.

E Plácido Cidade Nuvens, em luminosa conferência recentemente proferida, cita o poeta Geir Campos, enfatizando: "O que caracteriza o

verdadeiro poeta é a indignação, a sua falta de acomodação às indignidades do mundo.

O poeta se revolta e ajuda o leitor a revoltar-se, sentindo que não está sozinho na sua revolta". Estendo tais conceitos para o artista em geral em todos os níveis das manifestações artísticas.

É ainda Plácido Cidade Nuvens quem cita Gustavo Dahl dizendo com ele: "O artista tenta realizar a síntese das sínteses, aquela da autenticidade, da moral e da História, acreditando piamente no advento desta utopia e para ela trabalhando".

Em todos estes casos a função do artista é eminentemente social, muitas vezes até sem perceber.

É que a sensibilidade do artista, de um modo geral, fá-lo sentir, como ninguém, a dor da sua gente, a problemática do seu grupamento humano, da sua região, do seu país. Com as antenas invisíveis porque fincadas no coração, e na aguçada sensibilidade, o artista canta as dores da sua gente, verbera os erros dos homens e dos dirigentes políticos e aponta soluções sempre muito justas, porque é sempre justo tudo o que tem raízes na sensibilidade do artista.

E o artista produz obras a partir daí, seja qual for a sua arte, sempre como intérprete da sua gente que nele tem um mito, um ídolo, porque uma pessoa realmente "com antenas para sentir o mundo", como muito bem diz alhures o poetinha Vinícius de Moraes.

Foi a perversidade da escravatura negra que fez Castro Alves produzir obras-primas como "Vozes d'África" e "Navio Negreiro".

E na aguçada sensibilidade do artista, tanto mais horrenda a causa, mais sublime será o seu efeito em versos e em obras de arte, efeito que é resposta da comunidade da qual o artista é intérprete.

E quanto mais povo for o artista, mais fiel será a sua resposta às injustiças porque sentidas na própria pele, seja na música, na poesia, na escultura ou em outra manifestação artística.

Para prová-lo aí estão Patativa do Assaré, gênio poético da raça sertaneja cor das tardes sem sol e Luiz Gonzaga, "O Rei do Baião", ambos homens do povo, sem escolaridade, mas artistas natos que superaram suas notórias limitações e ultrapassaram as barreiras da arte eminentemente popular para deleitar elites daqui e dalém mares!

E ambos são crias do Cariri que abriram os olhos para o mundo vendo ao longe o perfil inconfundível da Chapada do Araripe de quem o Cariri é uma dádiva como "o Egito é uma dádiva do Nilo", segundo Heródoto.

Meus Amigos!

Aqui vale a confiança: nasci os dentes e vivi minha doce



adolescência com os vaqueiros da minha família andando a cavalo no cimo da Chapada do Araripe exatamente onde ela é mais fértil, mais verde, mais alta, mais fria e dadivosa: em Porteiras.

Daí o meu acendrado amor à grande Chapada cujas dores eu sinto quando o mortal machado do homem corta os seus seculares pequizeiros a troco de nada. Se fosse poeta, se músico fosse, que poema de amor não sairia de mim para ela? Como não o sou, extravaso a minha revolta mostrando em crônicas o que lhe fazem de mal, nas brocas e nas queimadas criminosas em um doentio utilitarismo que diminui a estatura humana do homem cariense!

Da Chapada do Araripe conheço tudo porque palmilhei as suas veredas muito antes do advento do automóvel nas suas estradas e o fiz a pés ou a cavalo, sentindo de perto as suas belezas que pouco a pouco vão desaparecendo. Hoje ela está totalmente desfigurada, infelizmente!

Sua vocação não é ser pasto de gado ou roça de mandioca. Sua vocação é ser mata mesmo, reserva florestal, santuário ecológico, ninho da nossa fauna específica, jardim botânico da nossa rica e bela flora!

Meus Senhores.

Minhas Senhoras.

Quando no início da década de 40 vinha para o Crato, a cavalo, a partir dos pés de serra de Porteiras para o velho Ginásio do Crato que me deu régua e compasso para traçar os meus caminhos no intrincado mapa da vida, atravessava a Chapada do Araripe em viagem de 12 horas, em verdadeiro devaneio de filho: demorando à sombra de suas árvores, conversando com as reses encontradas com a marca da nossa fazenda, roendo pequi crú, matando a sede do cavalo na Fonte da Pendência que ainda hoje costumo visitar, respirando o seu ar puro como que querendo guardá-lo para a temporada de aulas no velho Ginásio onde fui burilado, qual pedra butra, pelas mãos de educadores de escola, mestres como Padre Francisco de Holanda Montenegro, Padre Antônio Feitosa, Padre Antônio Gomes de Araújo e Prof. Aluizio Epiácio Pereira, mestres que a Universidade não me fez esquecer. Eram 12 horas de penosa viagem amenizada pelo clima ameno da Chapada do Araripe.

E, tenho certeza, quem palmilhou as sombrias veredas da Chapada do Araripe a pés e a cavalo no trote típico dos vaqueiros, jamais esquecerá os seus encantos.

Isto acontece comigo, como com todos os que com ela conviveram nos bons tempos, inclusive com o Dr. José Peixoto Júnior, que foi

vaqueiro no platô da grande Chapada e hoje é bacharel em Direito em Brasília, mas, telefonicamente me mandou um recado: "Não deixe de atender ao convite da URCA para não perder a oportunidade de falar da Serra do Araripe. Fale por você e por mim que dela não me esqueço".

São assim, amorosos, os filhos adotivos da colossal Chapada.

E num rompante de ternura e lirismo sentencia o poeta José Peixoto Júnior:

"Serra do Araripe, uma ternura,  
Envolve este teu corpo de montanha;  
Resvalando nas folhas, se pendura,  
Réstia de sol, no orvalho que te banha!"

Meus Amigos!

É sabido que o homem é ele próprio e suas circunstâncias.

Pois o caririense é ele próprio e as ímpares circunstâncias ambientais do Cariri que são circunstâncias muito específicas daqui, deste vale que a Chapada do Araripe abraça num amplexo de zelo e ternura, chorando pelas lágrimas cristalinas das suas românticas fontes que sobem a mais de duas centenas, muitas delas "bebidas" de gado e ponto de apoio de cangaceiros e vaqueiros, tais com "Pendência", oásis caririense de Lampião, "Côcos" e "São Joaquim" onde os cangaceiros Marcelinos tomavam banho e lavavam suas roupas suarentas pela vida de nômades na Chapada do Araripe no fim da década de 30.

Pois bem, estas circunstâncias mui especiais produziram intelectuais e artistas do mais fino quilate que seria enfadonho enumerar. Assim, citarei apenas uns, como vitrine, mostruário, píncaros expressivos das suas comunidades:

Escultor José Rangel, jardinense, de fama nacional, autor do monumento aos "18 Do Forte de Copacabana", no Rio de Janeiro, entre muitos outros monumentos da outrora "Cidade Maravilhosa", hoje, infelizmente ferida mortalmente por uma autêntica guerrilha urbana.

Maestro Luis Róseo e Silva, compositor, instrumentista e regente, jardinense, por longo tempo regente da grande orquestra da Ceará Rádio Clube, de Fortaleza.

Poeta boêmio, Barbosa de Freitas, jardinense, o Castro Alves cearense pelo estilo condoreiro, de apenas 21 anos de idade.

Prof. Joaquim Teotônio Sobreira de Melo, latinista de renome que em 1820 preparou o jovem José Antônio Pereira Ibiapina, futuro Padre Mestre Ibiapina, para seu ingresso no Seminário de Olinda. Este

aprendizado foi feito na cidade de Jardim.

Poetisa, escritora e educadora Ana Lygia Ayres de Alencar, jardinense.

Poeta, jurista e escritor, Juarez Ancilon Ayres de Alencar, um dos biógrafos de Dona Bárbara Pereira de Alencar, jardinense, talentoso humanista.

Poeta, médico e escritor Napoleão Neves da Luz, jardinense, de rara inspiração.

Poeta e odontólogo Fernando Novais, jardinense, escritor.

Escritor, poeta e beletrista José Peixoto Júnior, cariense radicado em Brasília sem esquecer o seu pé-de-serra.

Luiz Pereira Lemos, jovem artista plástico jardinense, hoje já despontando como autêntico valor da nossa pintura.

Antônio Marchet Callou, escritor, poeta e odontólogo, cariense adotivo, filósofo natural cuja vida é uma lição de vida.

Escritor Otacílio Anselmo e Silva, militar e escritor brejosantense.

Padre Antônio Gomes de Araújo, brejosantense e maior historiador do Cariri.

Poetisa e escritora barbalhense, Nívea Leite.

Poetisa e escritora barbalhense, Helena Lutécia Luna Coelho, catedrática de Farmacologia da Universidade Federal do Ceará, hoje fazendo doutorado em toxicologia em Milão, Itália, autoridade nacional na matéria.

Poetisa, médica e cientista barbalhense, Maria Herbênia de Oliveira Duarte, geneticista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, São Paulo.

Poeta barbalhense José de Matos, grande sátiro do nosso passado.

Poetas barbalhenses Reinaldo Carleial, Hermes Carleial e Nilo Carleial, irmãos, autênticos reservatórios humanos de sensibilidade poética.

Escritor e historiador barbalhense, Odálio Cardoso de Alencar, premiado nacionalmente como romancista através do romance "Recordações da Comarca".

Poetisa, escritora e musicóloga Maria Alacoque Sampaio, educadora barbalhense, reserva humana de bondade.

Poeta popular, Bio Pereira, missãovelhense.

Escritor juazeirense Daniel Walker de Almeida Marques, jovem brilhante e futuroso, biólogo, pesquisador da nossa História.

Pintora Maria Assunção Gonçalves, cujo pincel leva para as telas a História de sua amada terra, Juazeiro do Norte.

Poetisa Iris Tavares, escritora, jovem e talentosa representante de Juazeiro do Norte.

Mestre Noza, juazeirense adotivo, pernambuco de nascimento, maior nome da nossa Xilogravura, lídima expressão do povo nas artes e cujo acervo artístico forma o "Mini-Museu Noza" que o pesquisador Renato Casimiro organizou, mas não tem a quem entregar por absoluta falta de sensibilidade dos poderes públicos pelas artes.

Walderedo Gonçalves, grande valor do Crato na Xilogravura.

Cego Aderaldo, pincaro do repente do Crato que o Nordeste admira e sublima.

Escritor, pesquisador e historiador, J. De Figueiredo Filho, jornalista cratense que todo o Nordeste admira.

Irmãos Aniceto, o folclore que o Crato exporta.

Jornalista Elói Teles de Moraes, o homem que guarda o nosso rico folclore no cofre do coração e mantém o programa radiofônico "Coisas do Meu Sertão" há quase trinta anos difundindo a poesia popular nordestina.

Escritor de renome nacional, Nertan Macedo, cratense que o Brasil aprendeu a admirar por seu talento e versatilidade com o regional no nacional.

Violonista Nonato Luiz, lavrense de fama internacional.

Escultor Sérvulo Esmeraldo, cratense que Paris internacionalizou para brindar Fortaleza com magníficos trabalhos de escultura.

Padre Ágio Augusto Moreira, gênio musical que Assaré deu ao Crato onde fez nascer a SOLIBEL, Sociedade de Cultura Artística do Belmonte, a meu ver o principal ponto turístico do Cariri, onde operários braçais do eito empunham o arco do violino com a mesma desenvoltura com que empunham o cabo da enxada!

Repórter Francisco José de Brito, coragem do Crato para o mundo pela televisão.

Monsenhor Antônio Feitosa, cratense adotivo, cérebro de computador que armazena a maior cultura geral da metade sul do Ceará e quiçá de todo o estado.

Reitor Emérito, Prof. Antônio Martins Filho, barbalhense que, por seu valor, não coube nos limites da nossa região, grande memorialista aos 90 anos!

Poetisa e jurista Ana Valdez Ayres Neves de Alencar, jardinense que brilha em Brasília como vice-diretora das Edições Técnicas do Senado Federal.

Luiz Gonzaga do Nascimento, "O Rei do Baião", filho do Exu, cria da Chapada do Araripe, plasmado na feira do Crato e maior valor musical da nossa região, que tão bem soube retratar musicalmente as nossas mágoas e sofrimentos e também as nossas alegrias e valores maiores, inclusive, levando o baião para Paris!

Plácido Cidade Nuvens, sociólogo e antropólogo, da URCA, cientista

social, nome tipo exportação da nossa Paleontologia, criador do magnífico Museu de Fósseis de Santana do Cariri, pouco conhecido aqui, mas grandemente cortejado nos meios científicos da Europa e Estados Unidos onde anualmente são editados álbuns coloridos com suas peças, num paradoxo que abisma!

Antônio Linard, santanense que foi o artista dos engenhos de ferro de todo o Nordeste, o artesão da fundição, deixando um precioso legado que o seu filho, Maraton Linard, robustece cada dia em Missão Velha, hoje exportando máquinas para a Índia e Europa como prova do valor artístico do caririense.

Joaryvar Macedo, pesquisador, genealogista e escritor lavrense, tão cedo pela morte arrebatado do nosso convívio onde ainda tinha tanto a nos ensinar.

Padre Antônio Vieira, escritor que veio da Serra dos Cavalos, em Várzea Alegre, para atingir o mundo em um grande sócio da grandeza do Cariri, o jumento, quase em extinção pelo homem que tanto beneficiou, provando que dos dois o menos jumento é o próprio jumento!

E finalmente, para não me alongar mais, o fenomenal Patativa do Assaré, nome que o mundo todo admira, expressão maior do valor artístico-cultural do homem caririense, gênio da raça sertaneja cor das tardes sem sol, expressão humanizada de todos os nossos valores, certamente o maior poeta popular do Brasil e quiçá do mundo, o homem que, com apenas três meses de escolaridade, tem a sua obra poética estudada nas universidades da Europa!

Neste final de item, como esquecer os grandes plantadores de faculdades: Dom Vicente Matos, Prof. José Newton Alves de Sousa, Prof. Raimundo de Oliveira Borges, Prof. Pedro Felício Cavalcante, Prof. Luiz de Borba Maranhão, Monsenhor Francisco Montenegro.

O que enumerei foi, obviamente, apenas um pálido mostruário do que o Cariri tem em termos artísticos culturais.

Creio que já basta para abrir a cortina do palco onde outros valores maiores aparecerão neste oportuno Seminário da nossa cultura artística.

Longe de mim a idéia de esgotar o tema que é inesgotável!

Minha participação aqui apenas quis ser o fermento que outros multiplicarão, com base no perfil artístico-cultural do caririense em uma moldura de valores nascidos do povo!

Agradeço à URCA pela oportunidade desta conversa amiga. Ao seletor auditório agradeço pelo cativante silêncio, sinal máximo de compreensão e acolhimento.

Efetivamente, razão tinha Alceu de Amoroso Lima mestre maior da espiritualidade brasileira, quando sentenciou:

"O ensino universitário é uma reciprocidade.

Educar não é impor um modelo! E propor uma formação!

A arte de educar é, antes de tudo, a arte de educar-se.

Não há cultura autêntica, e muito menos liberdade e progresso cultural, sem essa prévia disciplina de rigorosa aprendizagem.

O processo de saber é feito de grandes renúncias e de um amor que transcende a todas as recompensas humanas.

Só fazemos bem o que fazemos com amor!

A educação é um humanismo comunitário e não individualista, é um meio e não um fim.

Nada se conquista de uma vez por todas. Temos de recomeçar cada dia a rude escola do amor à vida e de tornar a vida menos dura para a imensa legião de deserdados da sorte para quem a vida, com sobradas razões, não tem sentido.

É nos momentos de crise em que julgamos tudo perdido, que se processam as verdadeiras vitórias!

Graças à humildade dos jardineiros é que floresce o esplendor das rosas!"

Meus Amigos!

Deixemos de lado o universalismo filosófico do mestre Alceu de Amoroso Lima e encerremos a nossa conversa com o regionalismo do maior nome da nossa cultura popular, repetindo os magistras versos desta obra-prima da nossa poesia social que é, inquestionavelmente, "Lição do Pinto", do mestre Patativa do Assaré, assumindo, inclusive, a sua filosofia de vida:

"O pinto dentro do ovo  
Aspirando um mundo novo  
Não deixa de beliscar.  
Bate o bico tico tico  
Bate o bico, bate o bico,  
Pra poder se libertar!"

Imitemos o pinto de Patativa para sermos galo no nosso terreiro!!!

Muito Obrigado.

**Barbalha, 9 de dezembro de 1993.**

*Napoleão Tavares Neves*

Nertan Macêdo

## *Histórias de um tempo de gente alegre*

**D**urante anos assessor da Presidência da Confederação Nacional da Indústria, fui inseparável companheiro de viagens pelo interior do Brasil, particularmente à região nordestina, do antigo deputado federal Antonio Horácio Pereira (PSD/Ceará) e nesse tempo um dos admirados e competentes funcionários das entidades empresariais.

Sempre jovial e alegre, nutrindo o mesmo horror que eu também tenho pelo transporte aéreo, Horácio era um maravilhoso camarada nessas longas jornadas que, juntos, fizemos pelo País. Ele sabia contar fatos pitorescos como poucos.

E um deles aconteceu precisamente no Icó(Ceará) onde chegamos, uma noite, extenuados pelo cansaço e o senegalesco calor dos sertões do Salgado e do Jaguaribe. Fomos ali então acolhidos num pequeno hotel, que ostentava uma placa na fachada dizendo ser o mesmo "obra da Sudene", e depois de um banho no mais fétido "WC/chuveiro" que já vi no mundo, fomos ambos para o "salão" de jantar, e ali atendidos por um garçom que era a "presepada" em pessoa: trajava camisa branca imunda, gravatinha borboleta torta, calça preta puída e, ainda, munido de uma velha bandeja de propaganda de uma já falecida cerveja, tinha os pés metidos nuns chinelos "japoneses" feitos de pneus sucitados dalguma oficina da escaldante cidade.

Horácio, cansado e nervoso com a viagem e o calor brutal, chamou esse garçom, um cearense "amarelinho" e perguntou ao referido pálido treponema da estalagem icoense:

- Meu filho, tem muita muriçoca (pernilongo) por aqui? É que eu estou sentindo uma coceira danada desde que saí do banho...

E o "amarelinho" revelando de repente uma surpreendente face de tremendo gaiato: "Ao que eu saiba "seu" doutor, até hoje de manhã só tinha apenas uma...Mas já deve ter falecido e certamente chegaram mil outras pro funeral da pobrezinha!".

## *Zé Borrego, um cadáver invisível*

**J**oão Clímaco Bezerra, meu velho amigo e excelente romancista, hoje infelizmente afastado da literatura, autor de romances aplaudidos como Não há estrelas no céu, Sol Posto e Vinha dos Esquecidos, todos editados por José Olympio, é também magnífico causeur.

Filho de Lavras da Mangabeira, pequena cidade do sertão do Ceará, às portas do vale do Cariri, Clímaco era naturalmente o homem mais indicado para escrever a curiosa gesta do berço natal que foi também o lugar onde viveu e mandou uma das mais impressionantes matriarcas sertanejas, dona Fideralina Augusto Lima, cujos netos e bisnetos ainda influem hoje na política do Estado. A velha Fideralina era uma daquelas mandantes terríveis, um verdadeiro "coronel" de saia, mãe do prefeito e deputado Gustavo Lima ao tempo do governo de Justiniano de Serpa, o avô do nosso conhecido Jorge Serpa.

Naquele tempo o "coronel" Gustavo, como todos os régulos do sertão, podia acumular vários cargos, sendo pois prefeito, deputado estadual e coletor de rendas.

Justiniano, presidente do Estado, como se chamava na época o governador, decidiu acabar com tais acumulações e fez um decreto sumário em tal sentido, o que muito irritou os mandões do tempo.

Entre eles o poderoso Gustavo Lima, que logo se mandou para Fortaleza afim de derrubar a lei de Justiniano, o que de fato conseguiu sem muita demora com o apoio dos colegas da Assembléia Legislativa, a qual no tempo se reunia praticamente uma só vez por ano apenas para apreciar o orçamento.

Mas para viajar com tranqüilidade à Fortaleza, o "coronel" de Lavras de Mangabeira tinha que deixar ocupando a sua cadeira na prefeitura local alguém da sua estrita confiança.

Lembrou-se então de um sobrinho, mais conhecido pelo apelido de Zé Borrego, e deu posse ao dito personagem.

De volta de Fortaleza, já vitorioso contra Justiniano e disposto a reassumir a prefeitura no dia seguinte ao da chegada, Gustavo foi surpreendido pelos parentes e correligionários com o aviso de que Borrego tomara gosto demasiado pelo poder e estava até mesmo disposto a não devolver o cargo ao Tio...



Gustavo não se alterou e disse apenas que retomaria posse da prefeitura na manhã do dia seguinte.

Acordou cedo, vestiu-se e após o café, sozinho e desarmado, caminhou na direção do prédio da prefeitura onde Borrego havia colocado alguns "cabras" armados para impedir a entrada do "coronel".

Caminhava Gustavo pois tranqüilamente na direção da prefeitura e ao chegar pertinho dos cangaceiros de Borrego viu de repente o afoito personagem saltar à sua frente e gritar para que todos escutassem:

- Gustavo, meu cunhado, nem mais um passo adiante! Só entras aqui passando por cima do meu cadáver".

E o "coronel" com ar de desprezo e empurrando o Borrego para trás, "cagando solenemente para a sua bravata" como se diz, respondeu-lhe à queima-roupa:

- "Saí da frente, Borrego, tu tens lá cadáver!"

E novamente tomou posse do cargo.

## *Memorandum contra o calote*

O poeta Antonio Girão Barroso, que recentemente completou setenta anos, figura boníssima, sempre desambicioso e desligado do mundo, tomou certa vez em Fortaleza a inexplicável decisão de transformar-se em "homem pragmático" - e para tanto montou uma representação de livros, a fim de vendê-los inclusive sob consignação.

Fracassou o poeta rapidamente tantos foram os calotes contra ele e a sua honrada e erudita firma. E um dos seus maiores caloteiros foi precisamente um dos seus professores na Faculdade de Direito do Ceará.

Mas o poeta, apesar disso, não se rendia à evidência do mestre, respeitado sobretudo pela contumácia inadimplente e, num belo dia, à porta da Livraria Alaor, na Praça do Ferreira, jurou que arrancaria do mau pagador todas as prestações que estavam totalmente atrasadas:

- Duvido!, exclamou um dos companheiros do Grupo Clã, pois você sabe melhor do que ninguém meu poeta, que o professor não paga nem remédio para a mãe que esta morrendo!

E o poeta respondeu com a maior dignidade e certeza:

- Paga, sim senhor, a mim ele vai pagar!

- Como, Antonio?, perguntaram todos em derredor e a um só tempo.

E o Girão, inocente como um frágil santo da igreja do Rosário:

- Porque se ele não pagar eu mando um memorandum!

## *Corajoso, mas muito sem-vergonha*

Outra história engraçada do "coronel" Gustavo: era presidente do Ceará uma figura ilustre, o engenheiro João Tomé, que um belo dia resolveu largar o conforto e a mordomia de Fortaleza para visitar o Cariri, pernoitando nessa longa viagem precisamente em Lavras da Mangabeira.

Havia em Lavras na época um maestro da banda de música local, mestre Zé Bezerra, quase negro, que além de comandar a "furiiosa" do município não perdia ocasião solene para solicitar a palavra e proferir sublimes bestialógicos oratórios.

Gustavo, prevendo a fatal oração do negro Bezerra e não querendo desprestigiá-lo, mandou chamá-lo e foi logo avisando:

"Zé Bezerra, você será convidado ao banquete em homenagem ao presidente, mas está desde já proibido de pedir a palavra e proferir suas besteiras! Ouvia bem?"

Bezerra assentiu com humildade e o "coronel" também não desperdiçou aquela oportunidade advertindo ao poluente orador:

"E para você não pensar que estou lhe proibindo de falar por causa da sua cor, fique desde logo sabendo que o dr. João Tomé será saudado pelo Juiz de Direito, dr. Targino, que também é negro como você mas não diz "besteira" quando discursal!"

A saudação do dr. Targino foi perfeita. E o banquete estava no auge, os convidados já aguardando o agradecimento do dr. João Tomé, quando o "coronel" Gustavo pressentiu de longe que alguém pedia lá da ponta de uma das mesas, em voz baixa e tímida - a palavra.

Não deu outra: era o Zé Bezerra louco para proferir um dos seus habituais bestialógicos discurso em homenagem ao ilustre visitante.

E já ia começando a falar sob o silêncio geral mas espiando com o canto do olho a reação do rude chefe político de Lavras, disse:

"Senhores, eu não tenho coragem de elevar a minha voz em ágape tão distinto e solene..."

Gustavo então, indignado ante a desobediência do mestre da banda, berrou por cima da austera figura do presidente Tomé:

- "Senta, Zé Bezerra! Coragem, vosmincê tem de sobra. O que não tem é vergonha na cara!"

E assim murchou de vez o "solene ágape" o Demóstenes e regente da "furibunda" de Lavras

Senador Fernandes Távora

## *O Crato de Minha Infância*

Nascido em Jaguaribe, criei-me no Crato, segundo e formoso berço sobre o qual adejam minhas saudades e recordações.

Foi, certamente, por isso, que o meu prezado amigo, vereador José Caminha Alencar Araripe, me pediu para dizer algo sobre a lendária Princesa do Cariri, quando ela vai celebrar, com justificado orgulho, seu glorioso centenário.

Mui pouco e desvalioso será o que possa respingar no apagado arquivo da minha memória, mas tentarei recordar alguns fatos que, gravados em minha retentiva de criança, conseguiram escapar à ferrugem do tempo e vir à tona nestes longínquos dias da velhice.

Narrando apenas alguns episódios, deixo aos historiadores o encargo, bem mais sério, de interpretá-los, quando houverem de escrever a crônica definitiva da cidade heróica.

Cheguei ao Crato nos últimos anos do século passado, quando a seqüestração em que vivia, dava àquela cidade, já notável, um cunho "sui generis", de núcleo formado com os próprios recursos, o que vale dizer, uma civilização autóctone, quase estreme dos fatores externos que influíam ao evolver dos nossos agregados humanos, menos afastados do mar.

Daí essa feição particular que a caracterizava, naquele tempo; e que facilmente se deduzirá dos fatos ou episódios que tentarei rememorar.

Crato teria, então, 5 a 6 mil habitantes e vivia quase exclusivamente da agricultura, em que era "magna pars" a lavoura canavieira, com os respectivos engenhos, movidos, quase todos, pela energia animal. Os gêneros alimentícios, produzidos em grande quantidade, obtinham baixas cotações e as frutas magníficas dos seus vastos pomares, apodreciam em grandes montes, no seu mercado, apesar de oferecidas por preços irrisórios, naquela época do vintém e do tostão.

As habitações, de estilo, eram quase todas térreas, existindo apenas dez sobrados.

Religiosamente, vivia o Crato em plena Idade Média, e as mulheres de capona (chamadas beatas), de hábito preto e murça branca, eram as donas das igrejas e formavam grupos em torno desse ou daquele sacerdote, que erigiam em seu diretor espiritual e proclamavam

o...primus inter pares em matéria de santidade.

E os homens, pelo menos os das classes inferiores não eram mais esclarecidos, no que diz respeito à sociedade e à religião: logo às 10 horas da noite, quando as casas de família cerravam suas portas, era comum verem-se grupos de penitentes, nus da cintura para cima, a fustigarem as costas com afiadas disciplinas, entoando soturnos cânticos religiosos, pelas ruas da cidade.

E os homens, pelo menos os das classes médias, não eram mais esclarecidos...

Menino arrojado e creio que o mais vadio da cidade, quis verificar, "de visu", o que se passava naquelas procissões noturnas. Arranjei um par de disciplinas e meti-me, certa noite, no meio de um dos tais grupos, retalhando um pouco as costas, como iam fazendo os outros e recolhi-me à casa com as costas lanhadas. Pelas manchas de sangue que me nodoaram a camisa, foi denunciado meu empreendimento e não houve sofisma ou mentira capaz de livrar-me de uma boa surra, que me tirou o gosto pelas penitências...

Havia, em todos esses usos, uma forte dose de ignorância, e fanatismo, que só a civilização iria, pouco a pouco, eliminando. Nos casamentos, como nos enterros, o traje preto era obrigatório, pois só ele era considerado de rigor para tais atos.

Os comerciantes do Cariri abasteciam-se em Recife, apesar da enorme distância de cerca de 200 léguas, todas percorridas a casco de cavalo. O comércio de Fortaleza era muito reduzido; e embora bem menor a distância a ser vencida, as dificuldades oriundas da falta de porto e outras, encareciam demasiadamente o preço das mercadorias. Nomeado Vigário do Crato, em 1883, o Padre Fernandes Távora, patriota de larga visão, tratou logo de modificar tal situação, servindo-se de sua grande autoridade religiosa e prestígio social para induzir os comerciantes do Cariri a mudarem o rumo de suas transações para Fortaleza, demonstrando-lhes, em sermões e conversas particulares o mal que acarretavam ao nosso Estado e ao seu desenvolvimento, deixando de abastecer-se na sua Capital.

Dentro de poucos anos, mercê dessa incansável propaganda, o comércio daquela região era realizado, na sua quase totalidade, em Fortaleza, com grande satisfação patriótica daquele meu tio que, para incentivar tal movimento, chegou a dar cartas de apresentação e até endossos, a mais de um comerciante. Pena que posteriormente, circunstâncias que são do conhecimento de todos, tenham levado o Cariri a restabelecer suas transações com Pernambuco.

As opiniões políticas dividiam-se pelos quatro partidos militantes no Estado: Paulas, Pompeus, Graúdos e Miúdos que tinham como chefes, na Capital, respectivamente: o Conselheiro Rodrigues Júnior, o Comendador Nogueira Acióli, o Barão de Ibiapaba e o Barão de Aquirás. Os Pompeus mais em evidência eram Antônio Luís Alves Pequeno, José Antônio de Figueiredo, Hildebrando Sisnando Batista e Laurênio Brizênio; os Paulas - Juvenal de Alcântara Pedroso, Manuel Sedrim de Castro Jucá, Luís Alves da Silva Bacurau, Farmacêutico Joaquim Secundo Chaves, os conservadores, Raimundo Gomes de Matos, Joaquim da Cunha Freire, Manuel Leandro Bezerra de Menezes, Padre Fernandes Távora; os Miúdos - Pedro José Gonçalves da Silva, Manuel Teles de Quental, Antônio Esmeraldo, e a quase totalidade dos membros das famílias Bezerra e Pinheiro.

As eleições eram disputadíssimas e, não raro, marcadas por episódios sangrentos. Numa delas, Juvenal Pedroso mandou ocupar a frente da Casa da Câmara pelos célebres cangaceiros Birós, a fim de nela impedir a entrada aos eleitores adversários.

O Pe. Fernandes, Raimundo Gomes e outros chefes Conservadores-Graúdos, reuniram mais de 200 eleitores e se dirigiam à Casa da Câmara, para exercerem o direito do voto. No momento em que se aproximavam daquele prédio, Sedrim ordenou, reiteradamente, aos Birós que fizessem fogo, mas estes não lhe obedeceram, entrando os Conservadores na seção eleitoral. Sedrim, que era cardíaco, caiu fulminado por uma síncope, ao subir a escada, os Birós foram afastados e a eleição se processou normalmente. Soube-se depois que Juvenal, conhecedor do temperamento irritadiço de Sedrim, dera ordem expressa ao chefe dos cangaceiros para não obedecerem às determinações daquele político.

Havia no Crato daquele tempo, homens assaz interessantes, entre os quais merecem destaque o velho Bembém (Joaquim Pedroso Bembém) e Domingos Lopes de Sena, ambos filósofos a seu modo.

Bembém, filósofo por temperamento, teve essa tendência sublimada pela leitura das obras de Sócrates, Platão e Aristóteles, seus autores prediletos, e sempre citados. Narrou-me um seu neto, o Dr. Dario Peixoto, alguns episódios que bastam para comprovar a filosofia desse filho de Crato.

Informado de que um seu inimigo se achava arranchado sob árvores, nas proximidades de sua residência, mandou um empregado convidá-lo para ir repousar em sua casa. O viajante recebeu mal o mensageiro, proferindo muitos desaforos; mas Bembém não se deu por ofendido, e

foi entender-se pessoalmente com o irritado adversário, dizendo ao avistá-lo: "Fulano, eu soube que você é meu inimigo, mas eu nunca encontrei razão para considerá-lo como tal. Deixe-se de tolice e venha repousar em nossa casa, em vez de estar curtindo o sol de meio-dia nestes matos". Não me recordo se o interpelado aceitou o convite, ou se reiterou os desaforos: sei, porém, que Bembém voltou, calmamente, a casa, sem brigar...

É da mesma fonte esta outra informação: na seca de 77, possuía Bembém uma grande boiada a serra do Araripe (onde os proprietários costumam fazer "soltas") e soube que um seu sobrinho, o Cazuzaga, estava comendo os bois e vendendo os couros. Encarregou um outro parente de fazer ao sobrinho desonesto a seguinte proposta: dar-lhe 10 bois, para ele deixar em paz o resto da boiada. E advertiu: "Eu desconfio muito que aquele patife não aceitará a minha proposta: mas vá tentar". Quando o mensageiro lhe transmitiu o recado, Cazuzaga lhe respondeu sem rodeios: "Quero lá saber de propostas como esta! Isto é lá negócio?!" Recebendo a sarcástica resposta, Bembém iimitou-se a exclamar, conformado: "Eu bem que disse que aquele sem-vergonha não aceitaria a minha proposta!" E não incomodou mais Cazuzaga, que continuou a passar bem, sem dar a menor satisfação.

Aqui vai um outro episódio, transmitido pelo Dr. Gomes de Matos: Amélia, filha de Bembém, moça muito prendada e estudiosa, entendeu que deveria se diplomar em Medicina e o velho iniciou a viagem para levá-la à Bahia. Logo na primeira pousada, disse-lhe ele: "Amélia, minha filha, você é moça e bonita. Vai demorar anos na Bahia, no meio dos rapazes ricos do Brasil, seus colegas na Faculdade de Medicina. Eu vou voltar daqui; se você não se botar a perder com os estudantes, com este negro é que não se perderá". Depois de um brilhante curso, casou-se ela com o ilustre cirurgião e Professor daquela Faculdade, Dr. Perouse Pontes, falecendo, há poucos anos, no seu sobrado da Ladeira de S. Bento onde a visitei muitas vezes. Serviu carinhosamente à sua família, educando muitos parentes e honrando sobremodo à terra do berço.

Bembém era amante da música, tocando bem violino, o que só lhe aprazia fazer, segundo dizia, em companhia de moças, pois elas lhe traziam inspiração...

Era, pois, um cidadão da Hélade, devaneando em terras do Ceará. Domingos Lopes de Sena tinha uma filosofia diferente e divergia fundamentalmente de Bembém. Homem dotado de formidável personalidade, suas atitudes eram inflexíveis e suas convicções

inabaláveis. Estatura abaixo da média, rosto fino e pele encarquilhada pelas rugas, muito magro, pequena barbicha, coxeava de uma das pernas (efeito de bala, recebida num pleito eleitoral), conversação, instrutiva e atraente.

Na mocidade, fôra abastado, senão rico, e gozara de não pequeno prestígio político. Quando o conheci, era absolutamente pobre e vivia de uma subvenção modesta que lhe proporcionava o Pe.Fernandes Távora para ministrar tratamento homeopático aos pobres de sua freguesia. Nunca lhe ouviu ninguém uma queixa e, quando lhe perguntavam pela saúde respondia invariavelmente: "Vou bem e muito bem, só vejo flores!" E, se lhe pediam explicação de tal euforia, a resposta era também sempre a mesma: "Digo bem e muito bem, para não dar desgosto ao amigo, nem gosto ao inimigo". Para ele, o amigo tinha direito a tudo, o inimigo a nada! Vou citar alguns fatos que testificam, cabalmente, o valor de sua personalidade.

Nos últimos anos da monarquia, Graúdos, Miúdos e Pompeus uniram-se contra os Paulas, num pacto que recebeu o nome de Tríplice Aliança. Juvenal Pedroso, chefe dos últimos, senhor das posições oficiais e dispoendo de muitos cangaceiros, exigiu dos chefes coligados um abono de 40 votos, sob pena de não permitir a realização do pleito, ameaçando levar tudo a ferro e a fogo, caso não fosse aceita a sua exigência. Contando com esmagadora maioria, os chefes coligados concordaram entre si satisfazer o capricho do chefe adversário, faltando apenas o consentimento de Domingos Lopes. Por mais que procurassem demonstrar a inocuidade daquela concessão, que, de modo algum lhes impediria a vitória, por larga margem, Domingos Lopes lhes respondia com seu "slogan" implacável: "A inimigo não se deve dar nem uma palha"!

Descoroçoados, retiraram-se todos na maior tristeza e apreensão, certos de que a intransigência do correligionário iria desencadear um dilúvio de fogo sobre o Crato. Domingos Lopes, porém, não manifestou o mínimo receio, aguardou, tranqüilo, os acontecimentos. Juvenal, que desejava apenas uma capitulação simbólica dos adversários, julgou mais acertado evitar a luta, e o pleito decorreu sem maior novidade. Ou por simples amor a seus princípios, ou por conhecimento perfeito da psicologia do adversário, Domingos Lopes não cedeu e foi, realmente, o único vitorioso. Note-se, porém, a disciplina, a dignidade daqueles que, senhores de esmagadora maioria, preferiram, entretanto, afrontar um grande perigo, para não desrespeitar a opinião de um correligionário!

Criticando uma família que militava em partido contrário, e era tida como dotada de pouca inteligência, e algo versátil em política, um correligionário não discordou do julgamento, mas advertiu-o de que entre os novos representantes daquela grei havia rapazes mais esclarecidos e firmes, que não mereciam aquelas restrições. Limitou-se Domingos Lopes a responder: "Em poldros, pode ser que se aproveitem alguns!" Vê-se, assim, que sua ironia não era menor que sua intolerância.

Sob o aspecto religioso, era ainda interessante o velho político. Por qualquer motivo, não gostava dos Padres que, então, residiam no Crato, aplicando a todos apelidos pejorativos com exceção do Pe.Fernandes Távora, que sendo seu correligionário, mereceu o cognome de Sto.Antônio.

A Mons.Francisco Rodrigues Monteiro, chamava "Chico Fuxico"; a Mons.Joaquim Sother de Alencar, "Vaqueirote"; ao Pe.Manuel Félix de Moura, "Cabra Félix"; ao Pe.Cícero, "Cícero Biró" (alusão ao desalinho dos cangaceiros desse nome).

Não freqüentava a igreja; e quando alguém lhe perguntava porque não se confessava, respondia: "Só me confesso a Deus. Entre mim e Ele não admito ninguém". Poucos minutos antes de morrer, perguntando-lhe um amigo o que desejava, respondeu, zombeteiro: "Quero que me enterrem nas Capoeiras do Céu" (local próximo do Crato), para que, quando Chico Fuxico, Cabra Félix e outros perguntarem: - "Onde está Domingos Lopes?"

- possam responder-lhes: Está no céu".

Ao Padre assistente que o convidara a se confessar, respondeu com serenidade: "Não é tempo ainda". Quando sentiu que se aproximava o último momento, tomou a mão do Padre e disse-lhe, com voz quase inaudível: "É tempo agora". E, recebendo a absolvição, cerrou os olhos.

Domingos Lopes era um paradoxo vivo: coração de granito para os seus adversários, era todo complacente para os seus amigos e de uma dedicação e doçura incomuns para com os clientes pobres, dos quais nada recebia pelos seus serviços.

Chamava os clientes "meus miringotes" e, quando, ao deixar a casa de um deles, lhe perguntavam: como está o doente, dava esta resposta invariável: "Vai vivo". Dessa forma, nunca errou no prognóstico.

Dura e estranha personalidade a desse homem singular que, vivendo num meio cuja religiosidade atingia as raias do fanatismo, com



ele não se conformou e, "ridendo" castigava a filáucia dos adversários e os desmandos do fanatismo! Dele podemos divergir (como eu o faço) no que tange à ortodoxia religiosa e à implacabilidade com que tratava os que lhe eram adversos. Mas seria injustiça malsinar-lhe as atitudes sociais e políticas, porque elas brotavam de uma convicção inamalgável e de uma sinceridade irreprimível, que o seu temperamento de sertanejo destemeroso e desmanilhado transformava em verdades contundentes.

Individualidade como a de Domingos Lopes não aparecem mais neste século de homens-lesmas, fortes apenas na disputa feroz aos dinheiros da Nação e às prerrogativas do poder. Não conheci, em toda a minha vida que já vai longa, uma personalidade tão maciça e integral, como a dêsse velho matuto jaguaribano, que passou pela terra lutando sem quartel, nunca se curvou aos seus semelhantes, e mergulhou na eterna sombra, sem pedir misericórdia, senão a Deus! Se lhe quisessem fazer justiça, bastaria colocar na modesta lápide de sua sepultura este singelo epitáfio, mais significativo que o de alguns conquistadores: "Aqui jaz Domingos Lopes de Sena. Foi um homem".

Bembém e Domingos Lopes não eram seres vulgares. Ambos filósofos, cada um a seu modo e mesmo antagônicos, dir-se-iam representantes de outras civilizações transplantados à gleba americana.

Verifico agora que, na minha descuidosa corrida atrás de políticos e de filósofos, deixei de lado muitos aspectos interessantes do velho Crato: os banhos no Lameiro, com a cachacinha de Nelson, as cavalhadas e as serenatas, as lutas da polícia com o cabroeiro dos engenhos, o Maneiro-Pau, o Xis, o Marcos Rosal, o José de Matos, o Cruz Chapeleiro, o Teófilo Siqueira e tantos outros episódios e tipos que eu desejaria relembrar. Mas, a memória, quando despertada, é ardego corcel desenfreado, a galopar em campo ilimitado, sem programa e sem rumo, confundindo, muitas vezes, os fatos e as datas que procura ressuscitar, na estreiteza dos momentos.

Outros que se encarreguem de dizer mais e melhor, sobre homens e coisas do vetusto Crato, torrão querido, cuja lembrança me faz bater mais forte o coração.

E, ao reviver neste momento, um pouco daquilo que vi e senti nos dias de antanho, quando eu era apenas inquieta borboleta humana, no olente rosal daquele jardim formoso, e as horas me corriam céleres e fugazes como os adejos da felicidade, o Crato se me afigura "branca ermida lá no outeiro do sonho"; e, no ocaso da vida, eu me surpreendo

a balbuciar, na recordação e na saudade dos dias idos, aquelas expressivas estrofes do bardo sertanejo na linda elegia "Ao por do sol".

"...E o poeta também chora,  
Relembrando nesta hora  
Um dia, dos dias seus;  
E olhando para a velhice,  
Recordando a meninice  
Envia à infância um adeu!"

### *Saudação ao Crato*

Aqui vim, Crato amigo, trazer-te minhas saudações e meu abraço.  
Se aqui não nasci, tive, entretanto, a fortuna de em ti viver a minha meninice; e, tão criança aqui cheguei, que posso dizer ter sido meu berço embalado pelas tuas auras.

Vindo do sertão adusto, meus olhos se deslumbraram no eterno verdor do teu vale admirável, onde as águas fluem, como fontes perenes de vida e de abundância.

Nenhum recanto de teu solo escapou à minha insaciável curiosidade, pois todos percorri em desabaladas correrias "pés descalços, braços nus"; e os seus detalhes agora se delineiam claros na minha memória, fazendo-me recuar 70 anos, na torrente da vida, para evocar, na doçura de um sonho bom, a meninice feliz.

Naquele tempo, era apenas uma longínqua cidade dos confins do Ceará, seqüestrada pelas distâncias, dificilmente transpostas pelos arautos da civilização por que tanto ansiavas, portadora da liberdade que sempre foi o teu grande sonho secular.

Nos teus brejos ubertosos ondeavam, ao sabor dos ventos, os roxos pendões dos canaviais virentes; nos teus campos, medravam os cereais que te propiciavam vida farta; nos teus extensos pomares amadureciam os mais doces frutos; na tua urbs viviam homens que te davam orgulho e honravam a espécie.

Teus filhos, esparsos pelos quadrantes do mundo, traziam-te de volta à terra materna, como José Marrocos e aquele ilustre Dr. Marcos de Macedo, as primícias do saber coetâneo; e tu estremecias no vôo para o céu da glória e da civilização.

Já no meado do século XIX, a tuba da imprensa conclamava os teus

filhos, e grandes jornalistas exaltavam a tua devoção ao culto da Pátria.

Nunca renegaste a memória dos que por ti sofreram e deram a vida e estiveste sempre na primeira linha dos defensores indômitos da liberdade. Derivado do grego Kratos, que significa força, vigor, - teu nome é um símbolo, e com ele nasceu teu glorioso destino.

Como filho afetuoso, acompanhei, cheio de emoção e de contentamento, tua evolução, a princípio lenta e agora vertiginosa; conheci-te, ainda hirsuto, a dormir nos braços do fanatismo, assisti o teu lindo despertar, na minha mocidade; envaideço-me de te encontrar agora em plena ressurreição e impetuosa marcha para o progresso e para a glória.

Teus políticos não se maculavam na lama das transações indecorosas e costumavam lutar e morrer pelo ideal que acalentavam.

Teus heróis e teus mártires escreveram, com o próprio sangue, as páginas imortais da tua história e os seus descendentes, herdeiros de tão alto legado, serão eternos e vivos pregões de tua excelsitude e do teu civismo.

Terra abençoada que amei na minha infância, admirei na mocidade e venero na velhice; cidade formosa sobre a qual adejam irremovíveis as minhas saudades, serás sempre o meu segundo berço e fraternalmente repartirás, com a gleba jaguaribana, os afetos do meu coração.

Quis, ao festejares teu centenário, trazer-te, num grande amplexo o imenso reconhecimento por tudo que recebi do teu carinho; pelos inesquecíveis exemplos dos teus grandes cidadãos que me ensinaram a prática intrastejável das fortes virtudes humanas; pelas altas lições de fé na liberdade, braço eterno de teus bravos filhos.

Crato querido, urna das minhas recordações, sacrário dos meus sonhos de moço, aceita a homenagem da minha reverência; e no altar em que o patriotismo de teus filhos celebra, hoje, a tua glória, recebe, terra amada, a carícia do meu beijo!

(O Povo, outubro 1953)

Valdelice Alves Leite

## *Sombras e Luzes*

**A** Vida, do princípio ao fim, se caracteriza por sombras e luzes. As sombras do anoitecer e as auroras do raiar dos dias. Na sombra do dormir se sonha que a vida é alegria. Ao acordar se percebe que a vida também é ação, serviço, e que quando se serve, o servir se transforma em alegria que é luz.

Por isso que a vida é o primeiro dom de Deus, infinitamente sábio, pois nos deu "dias de plantar e de regar, dias de esperar e de colher", portanto dias de sombras e de luzes...prêmio para a humanidade.

O profeta Isafas em seu livro, diz: "As trevas envolvem a terra e nuvens escuras cobrem os povos. Sobre ti porém, Jerusalém (figura da Igreja), brilha a luz do Senhor". E Jerusalém resplandece de luz a iluminar as nações.

São palavras de Santo Agostinho: "É preciso viver como quem sabe que vai morrer um dia, e morrer como quem sabe que vai viver para sempre, porque a vida mortal é a esperança da vida imortal", onde a luz é eterna.

Roque Schneider é de opinião que a vida é um eterno "vir-a-ser", e que residimos nas tendas do provisório. Pensando bem, isso pode até ser verdade, e, nessa caminhada contínua e provisória, cujo percurso só terá sentido se marcado pela fé que é luz e pela esperança, devemos nos preocupar em viver bem, iluminados, e não em viver muito, porque a nossa vida está nas mãos de Deus.

O homem, no seu dia-a-dia, revolve-se num universo às vezes conturbado com injustiças, opressões, falta de entendimento, com a paz ameaçada; só sombras...Entretanto, ao impacto do mundo sensível, sombras e luzes da maneira maravilhosa, as reações mais íntimas do ser humano que na tessitura de sua vivência se envolve em surpresas e deslumbramentos e consegue finalmente vencer, e tudo se transforma em luz.

Para se obter tal transformação, precisamos sim, de harmoniosa ordenação da vida, um coração generoso, aberto à alegria de viver. Semeando a bondade, teremos frutos de compreensão e amor, sem tristeza. "No entardecer da vida seremos julgados pelo amor", que é luz.

**Oremos com Santo Tomás de Aquino:**

"Concede-me Senhor meu Deus  
uma inteligência que te conheça  
uma angústia que te procure  
uma sabedoria que te encontre  
uma vida que te agrade  
uma perseverança que te espere  
com confiança  
uma confiança que te possua, enfim".

Ainda numa prece, imploramos:

"Permite-nos Senhor colaborar  
na tua grande tarefa de abrir  
novos caminhos e levarmos um  
pouco de luz à toda esta escuridão".  
Deus nos abençoe e nos ajude neste ano que  
principia - 1993.  
O importante, amigos, "é que se saiba vitalizar as  
Sombras e aproveitar a Luz".

*Valdelice Alves Leite*

Wellington Alves

## *A AFAC é uma realidade*

**O**s filhos e amigos do Crato povoam cidades em todo o País. Em Fortaleza, principalmente, este aspecto assume proporções imensas. Há os que para aqui vieram para cursar uma faculdade e se definiram pela "cidade grande". E ficaram... Há os que para aqui vieram em busca de um trabalho diferenciado, um progresso em suas ambições. E ficaram... Há os que cederam aos fascínios que o mar exerce e por isso largaram o sertão e vieram para perto da praia. E ficaram... E há os que nasceram na Capital mas são filhos de cratenses e herdaram, por esta razão, um amor sem fim por aquela cidade.

São os filhos e amigos do Crato.

Pois essas pessoas congregadas agora numa sociedade: AFAC - Associação dos Filhos e Amigos do Crato. Dia 7 de outubro de 1993, à rua Monsenhor Bruno, 866, depois das oito da noite, algumas dezenas de participantes deram forma concreta à esta que há muito tempo habitava em mentes cratófilas.

O delineamento programático da AFAC é muito abrangente. Nossos objetivos se dirigem para um cultivo eficiente das tradições do Crato, seu folclore, sua gente, suas credences, suas estórias, seus filhos. Sonhamos em sermos uma ponte de ligação entre o "pé-de-serra" cratense e o litoral, numa comunhão fraterna entre os filhos e amigos do Crato que lá permanecem. Como se fôssemos uma extensão imaginária de nossas lembranças nascidas, curtidas e plasmadas no Crato, desejamos ser um referencial lógico e válido, algo assim como um consulado que funcione deveras...

Todos achamos que o Crato é mágico, é carismático, é de longe a cidade mais gostosa do Ceará. Mas também todos sentimos que o Crato vem sendo mal-administrado ao longo do tempo: se há honestidade, sobra incompetência. Se há competência, falta dinheiro e assim por diante. Mas a verdade que se torna cada vez mais flagrante e dolorosa é que o Crato, nos últimos trinta anos, não registrou uma única administração merecedora do seu nome e de sua tradição.

Nossos representantes políticos desapareceram. Uma cidade que na década de 50 mantinha na Assembléia Legislativa, na Câmara Federal e no Senado da República uma ou mais vozes para defendê-la, queda-se hoje isolada, relegada a planos inferiores, esquecida dos

poderes, das verbas públicas, minimizada em sua importância. Na última disputa eleitoral, o Crato dirigiu votos para mais de três centenas de candidatos à deputação federal, a maioria parte deles inteiramente desconhecida por nossa gente. Por que? Por que grandes nomes são ignorados e até marginalizados pela população cratense, em detrimento de nossos interesses e em proveito de compromissos alienígenas?

Acreditamos que a efetivação de tais fatos tem raízes muito profundas, mais profundas até que a nossa curiosidade e nosso interesse em desvendá-los. Como psiquiatra, até me aventuraria a rotular este comportamento de masoquista, já que me falta um título menos cruel. O Crato destrói os seus líderes ou é destruído por eles?

Claro que seguimos o ritmo decadente da região. Recente pesquisa evidenciada na reunião da Assembléia Legislativa em Juazeiro do Norte confirmou que somos "insignificantes" em termos de PIB cearense. Se fomos, há alguns anos, mais de um quarto do poder econômico do Ceará, somos hoje ridículos 3%.

Sem desejar ser o farol iluminador para as soluções da problemática caririense, a AFAC se propõe também a contribuir mais profundamente no estudo das razões do declínio sócio- econômico da região, sobretudo do Crato, motivo maior de nossa sociedade.

Por ser um grupamento de pessoas que residem fora do Crato, acredita-se que a AFAC terá a necessária neutralidade para analisar, estudar e sugerir um encaminhamento mais promissor para os seus destinos. Afinal, o único objetivo que norteia esta nova sociedade é o progresso, o bem-estar e a sobrevivência das tradições e sentimentos da "Princesa do Cariri".

Mariza Abath

*Um Lugar Chamado Planeta*

Deus de um sopro fez a terra, a qual chamamos de planeta. Neste planeta colocou o homem, a água, as aves e os animais. O homem, Ele o fez à sua semelhança e deu-lhe a razão; às aves deu o gorgoeio, para sutilmente alegrar este mesmo planeta; da água formou os rios e os mares para dar frescor e beleza à natureza; ao animal deu as matas para que vivessem tranqüilamente. Era tudo perfeito e harmonioso. O homem no seu primitivismo vivia em cavernas onde bem ou mal tinha toda a natureza ao seu alcance. Porém ele um dia despertou e descobriu que havia algo chamado Ambição. Daí começou a desenvolver seu raciocínio, não para o bem, porém contra toda aquela harmonia em que até então vivia. E assim começaram as guerras, um matando o outro pelo poder, pela ambição de possuir algo mais. Não se contentando com a guerra contra o próprio semelhante, voltou-se contra a natureza, e foi descobrindo a riqueza no cofre da terra, então tornou-se ladrão dessas riquezas: A paz que existia entre os animais foi destruída pois o seu couro, penas e carne servem para um comércio ilegal, haja vista o que se passa aqui no Brasil, deixando de lado outros países. No pantanal Matogrossense, santuário ecológico do país, já não se vê um jacaré nadando feliz, tranqüilo, adormecido nos pântanos. Os rios que recebem a poluição das fábricas que ali jogam seus produtos químicos de alto poder destruidor, já não conservam no seu manancial cardumes que ali viviam. As matas são agredidas todos os dias com poderosas moto-serras a lhes decapitarem desde o tronco até seus galhos mais frágeis, não mais há exuberância no seu verdor, pois produtos agro-tóxicos são espalhados como nuvens a lhes descolorir. As aves não encontram lugar para seus gorgoeios pois o barulho ensurdecedor das mesmas moto-serras abafam os seus cantos. Os mares outrora verdes, tomam outra cor, pois os rios que os alimentam já não são puros, são turvos e sem vida. O homem, ah o homem! Este destruidor insensato e assassino tudo está fazendo para se auto-exterminar. A tecnologia avançada, trouxe as usinas nucleares, a bomba atômica, o urânio, o cobalto e o céσιο retirados da própria terra para ser seu próprio exterminador. As usinas nucleares já deram prova da incapacidade humana, com o desastre incontrolável de Chernobil na União Soviética, de fatais conseqüências. No Brasil, com uma pequena cápsula contendo céσιο 137, que fez, e fará vítimas mil na cidade de Goiânia. Se uma pequena cápsula, minúsculo fragmento,



causa tão grande problema, dê-se como visto uma monumental usina como a que criminosamente temos em Angra dos Reis! Para ressaltar, não temos no país técnicos gabaritados para resolver o problema de Goiânia, eis que preciso foi trazer especialistas estrangeiros! Em Angra dos Reis, se um dia houver qualquer acidente em sua Usina, como será resolvido? Falta competência, técnica, estrutura, autoridade e sobretudo Governo!

E agora para onde irá o lixo atômico? A Serra do Cachimbo, no Pará, será sua sepultura? Mas o que dirão a flora e a fauna da própria Serra, será que ficarão felizes com este presente? Outra insensatez realizada neste país foi a destruição das Sete Quedas, ainda hoje cobrada pela natureza naquela região. Como se não bastasse, temos a cidade de Alcântara no Maranhão, onde a insensibilidade do homem chegou até lá. Cidade patrimônio histórico do Estado, guardando no silêncio dos casarios do seu passado não só vidas, mas a cultura pátria, e que, nesse silêncio e bucolismo serão sepultados junto aos seus mortos pelo campo de pouso de mísseis que ali se constrói. Porém, é verdade, fantasma de barões e baronesas levantarão seus brados reclamando a volta do silêncio para poderem continuar no seu sono eterno. Isto é assalto aos que ali ainda vivem, é destruição total de um pedaço do planeta criado para vicejar a beleza, harmonia e paz. Tudo que se faça ao contrário, chama-se ambição.

X - X

Mariza Abath

### *Celso de Oliveira, Meu Pai*

Celso de Oliveira, descendente de uma das mais tradicionais famílias do Crato, foi meu Pai. Apresentando projeto que batizou uma das ruas do Crato com seu honrado nome, o que mereceu gratidão eterna da família, o vereador José Sampaio apresentou a seguinte "justificativa", sobre a qual nada mais tenho a acrescentar:

CELSO OLIVEIRA E SOUSA nasceu a 17 de Janeiro de 1.896, na cidade do Crato, filho de Esperidião Oliveira e Sousa e Rita Martiniano de Oliveira.

Infância descuidada e feliz, nos pés de serra do Crato e no sítio

Misericórdia, onde aprendeu a amar e a respeitar a natureza da nossa terra, da qual, durante sua longa vida, foi um dos maiores defensores.

Casou-se com Claudiana Bezerra de Oliveira (D.Santa) das principais famílias locais, e desse casamento vieram os seguintes filhos:

Maria Isabel de Oliveira Abath, casada com o advogado Edizio Abath. José de Oliveira, jornalista em Brasília.

Teresinha Maria de Oliveira Martins

Francisco Pedro de Oliveira

Celso Bezerra de Oliveira

Marta Bezerra de Oliveira

Celso Oliveira inicialmente trabalhou como funcionário das Casas Pernambucanas, tendo como colegas de trabalho, na época o dr.Martins Filho, Macário Oliveira, José Teixeira, Ernani Silva, Unias Norões, João Alves Rocha, Silvio Fernandes Pequeno, dentre outros.

Foi, por muitos anos, pecuarista.

Fiel depositante do Banco do Brasil, viajou, a serviço, por todo o Nordeste brasileiro.

Leitor infatigável, Celso Oliveira era autoridade em assuntos de Lampião e foi amigo do Cel.Mañoel Alexandre de Sá, de Santana do Cariri.

Homem de caráter intocável, possuidor de sólida formação cristã, era um exemplo de honestidade para a sua comunidade.

Celso Oliveira criou e projetou sua digna família e se impôs pelo seu espírito tolerante, sua simpatia e seu bem querer, que a todos conquistava. Faleceu esse grande vulto do Crato aos 97 anos, em Crato, no dia 11 de Maio de 1993.

Muito justo que seu nome seja perpetuado numa das nossas ruas.

Valdelice Cartaxo Pinheiro

## *Histórico da Capela de São Sebastião do Riacho-Seco*

O major Felipe Teles de Mendonça, casado com Teresa Augusta de Jesus, residia numa gleba de terra situada a uma légua do Crato, em torno do seu sítio Currais ou Riacho-Seco. Lá também apareciam os seus filhos:

1º) - Manuel Teles de Quental: casado pela primeira vez com Maria da Penha Gonçalves (Santa) e em segunda núpcias com Joáquina Maia (Quinô). Moravam no sítio Francisco Gomes, (hoje de Raimundo Pinheiro Couto).

2º) - Pedro Teles de Quental: casado com Joana Angélica Filgueiras - (Joaninha).

Era conhecido por Pedro da Baixa, porque morava no sítio Baixa.

Tiveram cinco filhos: Maria Filgueira Teles (Dona).

Pedro Filgueiras Teles (Pedrosa).

José Filgueiras Teles (Zeteles).

Antonio Filgueiras Teles (Padre).

Nininha Filgueiras Teles

3º) - Amâncio Teles de Quental, casou-se pela primeira vez com Isabel Fernandes Lopes (Bela). Filha de Henrique Fernandes Lopes. Não tiveram filhos.

Em segunda núpcias, casou com sua sobrinha: Maria Bezerra Teles (Dona de Artur, moravam no sítio São Vicente. Deste Matrimônio teve uma única filha: Maria Leopoldina Pinheiro Teles (Sinhá).

Hoje pertence aos herdeiros de Antônio Gonçalves, o referido sítio.

4º) Francisco Teles de Quental: casou em primeira núpcias com Josefa Filgueiras Teles, deste casamento teve três filhos:

João Teles de Quental

Maria Filgueiras Teles (Bibia)

Ana Filgueiras Teles (Donana)

Em seguida núpcias com Gerônimo Bezerra de Meneses: deste casamento teve os seguintes filhos:

Raimunda Bezerra Teles

Teresa Bezerra Teles

Maria das Dores Bezerra Teles

Antonia Bezerra Teles

Eugênia Bezerra Teles

Amélia Bezerra Teles

José Bezerra Teles

Antonio Bezerra Teles

Francisco Bezerra Teles

Gerônima Leopoldina Bezerra Teles (chamada por toda família de Sinhá). Moravam no sítio São Joaquim em Barbalha - Ceará.

5ª) Ana Teles de Quental: casada com o Cel. José Pinheiro Bezerra de Meneses. Moravam no sítio denominado Currais. (Avós do Gen. Raimundo Teles Pinheiro).

Deste casamento teve os seguintes filhos:

Antonio Pinheiro Bezerra de Meneses

Joaquim Pinheiro Bezerra de Meneses

Rosa Pinheiro Bezerra de Meneses

Hermógenes Pinheiro de Meneses

Pedro Pinheiro Bezerra de Meneses

José Pinheiro Bezerra de Meneses

Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses

Epifanio Pinheiro Bezerra de Meneses

Clotilde Pinheiro Bezerra de Meneses

Ana Pinheiro Bezerra de Meneses (Donana)

Conceição Pinheiro Bezerra de Meneses

Teresa Pinheiro Bezerra de Meneses e Quitéria Pinheiro Bezerra de Meneses (Ambas gêmeas).

Maria Pinheiro Bezerra de Meneses (Marica)

Leopoldina Pinheiro Bezerra de Meneses (Dina)

Artur Pinheiro Bezerra de Meneses.

Hoje os Currais pertencem aos filhos de Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses.

6ª) Raimunda Teles de Quental (Mundô): casada com Leandro Bezerra de Meneses. Moravam no sítio Currais (hoje pertencente aos herdeiros de meu tio Filemon), vizinho ao sítio Currais de sua irmã Ana Teles de Quental.

7ª) Teodorico Teles de Quental: o mais novo dos irmãos morava na casa de seus pais, no sítio Riacho-Seco. Casou-se em primeiras núpcias com Ana Balbina da Encarnação Lopes. Deste Matrimônio, nasceram 08 filhos:

1. Fernando Teles

2. Filemon Fernandes Teles

3. Maria Fernandes Teles (Micota), casou-se com André Brasiliense do Couto Cartaxo (nossos pais).

Deste matrimônio nasceram 17 filhos:

- Ana Juvenil - faleceu com um ano de nascida.
- Maria Letícia Teles Cartaxo
- Rosaly Cartaxo Esmeraldo
- Odite Teles Cartaxo
- Eunice Cartaxo Teles (1ª esposa do Gen.Raimundo Teles Pinheiro).
- Antônio Teles Cartaxo
- Décio Teles Cartaxo
- Darival Teles Cartaxo
- Teodorico Fernandes Teles Cartaxo.
- Amárico Teles Cartaxo
- Valdelice Cartaxo Teles Pinheiro (viúva) 2ª esposa do Gen. Raimundo Teles Pinheiro.
- Henrique Airton Teles Cartaxo, pertencente a arma de Infantaria do Exército Brasileiro.
- Ana Aidil Cartaxo Bezerra
- Zuleide Teles Cartaxo
- Maria Isolda Cartaxo Peixoto
- Carlos André Teles Cartaxo
- Francisca Teresinha Teles Cartaxo

4. Joaquim Fernandes Teles (Quinco - Dr.Teles)

5. Henrique Fernandes Teles

6. Antônio Fernandes Teles (Toinho)

7. Teresa de Jesus Teles (Tetê), mãe do Gen.Raimundo Teles Pinheiro.

8. Januária Fernandes Teles (não contraiu matrimônio e faleceu com 93 anos).

Teodorico Teles de Quental, casou-se em segunda núpcias com Gerônima Filgueiras (Bandum) viúva do Henrique Fernandes Lopes. Não tiveram filhos.

Henrique Fernandes Lopes é nosso bisavô materno. Nasceu no dia 6 de maio de 1826, na cidade do Porto, em Portugal.

Estabeleceu-se no Recife-Pernambuco e depois em Vila Bela (atual Serra Talhada), em Pernambuco, vindo para Crato, em 1877, onde radicou-se. Era rico comerciante e proprietário de muitos imóveis urbanos e rurais. Cidadão de ilibada conduta moral, gozava de grande conceito por parte de seus contemporâneos, sendo muito respeitado por todos.

Faleceu no dia 1º de Julho de 1889. Foi sepultado no cemitério de

Crato, em Jazigo próprio, ainda hoje destacado pela sua boa aparência. Casou-se três vezes, sendo sua segunda esposa: Januária Coimbra Fernandes Lopes, é natural de Vila Bela (atual Serra Talhada em Pernambuco).

O Dr. Irineu Pinheiro em "O CARIRI", Edição 1950 - página 245 forneceu-nos os seguintes dados:

"Em 1862, prometeu o major Felipe Teles de Mendonça erigir, uma capela, em seu sítio Currais (Riacho-Seco), a uma légua do Crato, dedicada a São Sebastião, se não morresse de Cólera-morbus nenhum dos membros de sua família ou de seus moradores.

Naquela época, a epidemia do mal asiático abateu milhares de pessoas, em todo Ceará. Nada sofreram o Major Felipe, os de sua casa e de seu sítio.

Em 12 de Outubro de 1863, para cumprir seu voto, pediu ao Bispo Dom Luiz Antônio dos Santos, licença para edificar a Igrejinha, Licença que lhe foi dada, no dia 13 do mesmo mês e ano, depois de informação, favorável do vigário Manuel Joaquim Aires do Nascimento.

Mas, só em 1888, após ter o segundo Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, confirmado a graça concedida por Dom Luiz, foi erguida a capelinha e benzida pelo vigário do Crato, Antônio Fernandes da Silva Távora".

O major Felipe Teles de Mendonça faleceu, antes de construir e cumprir o seu voto, deixando em testamento o patrimônio, e a quantia necessária para ser construída.

Soube que o seu filho mais novo Teodorico Teles de Quental, meu avô, construiu a capela de São Sebastião.

Em 1993, depois de 105 anos, a capelinha de São Sebastião do Riacho Seco, foi reconstruída por seu neto Dr. Carlos André Teles Cartaxo.

Em diversas épocas, a capelinha serviu para cerimônias festivas de missas, casamentos, batizados, primeiras comunhões e novenas; Teresa de Jesus Teles, filha do Teodorico Teles de Quental, nasceu em 12 de Outubro de 1890, domingo, às 18:30 horas. Batizou-se à 16 de novembro de 1890 pelo vigário Antonio Fernandes da Silva Távora, na Capela do Riacho Seco; Padrinhos: Cel. José Pinheiro Bezerra de Meneses, (Zeco dos Currais) e Ana Teles de Quental (a mãe Naninha).

Teresa de Jesus Teles também se casou com seu primo Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses, na Capela de São Sebastião, no dia 26 de novembro de 1906. Este casal, foram os genitores do Gen. Raimundo Teles Pinheiro, que tanto amou este chão de sua

meninice.

Houve outros batizados, nesta pequena capela, dos netos do Major Felipe Teles de Mendonça.

Em 23 de Maio de 1958 foi celebrado em cerimônia simples, mas muito aconchegante, o casamento de Maria Isôlda Teles Cartaxo, neta de Teodorico Teles de Quental e bisneta do Major Felipe Teles de Mendonça, com o Dr. José Ulysses Peixoto Neto.

Deste casal nasceram:

José Ulysses Peixoto Filho

Eunice Ulysseia Peixoto Maia

Jorge André Cartaxo Peixoto.

Deve ter havido outros casamentos que não foram do meu conhecimento.

Fui testemunha de várias missas festivas, organizadas por minha Tia Fernandina (Januária Fernandes Teles), de saudosa memória.

Ela preparava um grupo de criança para primeira comunhão por ocasião da festa de São Sebastião, festejado no dia 20 de Janeiro, precedido com o novenário.

Tive a graça e a oportunidade de ensinar-lhes as orações: Padre-Nosso, Ave Maria, Salve-Rainha, os mandamentos da Lei de Deus, os mandamentos da Igreja e os Sacramentos, assim, como todos os ensinamentos do catecismo.

E, por este meio levava aquelas crianças do sítio-Riacho Seco e dos vizinhos à mesa Eucarística.

Na véspera da Missa, vinha do Crato o padre para confessá-las e completar a sua preparação, assim como das pessoas da região. Geralmente era Mons. Raimundo Augusto Araújo Lima, nosso primo. Também algumas vezes, celebrou o Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo, bisneto do Teodorico Teles de Quental e trisneto do Major Felipe Teles de Mendonça.

Depois da Missa, a Tia Fernandina oferecia, em casa, um café bem reforçado: leite com chocolate, bolos diversos, biscoitos, bolinhos, sequilhos e pães para todos, as crianças, amigos e parentes.

Como sinto saudades das minhas férias em nossa casa, do Riacho Seco!

Era uma casa grande de taipa com 8 ou 10 degraus de frente para o norte, defronte à Capelinha tão bonitinha e acolhedora. A estrada passava em frente, separando a casa da Capelinha.

Na moagem sempre a mamãe com a família ia ao Riacho-Seco, passar uns dias para bater alfinins e fazer companhia a Tiá, como era

tratada a nossa Tia.

O Riacho Seco pertencia a mamãe e a tia Fernandina por herança dos nossos avós. Sendo que quem administrava era nossa Tiá.

Tenho recordações dos São João alegres que passamos em família.

Um grupo folclórico representado pelas pessoas da Terra nos deixava felizes naquela noite.

A moagem era o ponto alto do Riacho-Seco, o clima, o cheiro da rapadura, e o do mel fervendo nos tachos que se espalhava por todo sítio.

O banho na cachoeira, com sua queda d'água, salpicando gotinhas cristalinas ao longe, que delineavam uma paisagem belíssima; a sua água era gelada, causando um impacto ao nosso corpo.

O silêncio da Capela me atraía, a oração e a meditação, quando permanecia debaixo de uma mangueira frondosa e acolhedora, com um livro de formação, ou sobre a vida de São Francisco, assim, como a de Santo Antonio, a minha principal leitura era a vida de Cristo.

Eu gostava de conversar com aquelas pessoas simples, principalmente com o velho José Vieira. Era um negro de cabeça branca, respeitado por todos nós. Era como se fosse uma pessoa da família. A cor preta escondia a alma pura que possuía. - Homem de caráter, fiel e amigo do meu avô Teodorico e de todos os da família. A sua grande satisfação era falar dos nossos antepassados: bisavós e avós que ele conheceu.

A Capelinha de São Sebastião hoje está recuperada a nos lembrar sua história; graças ao nosso irmão mais novo o Dr. Carlos André Teles Cartaxo. É formado em odontologia, exerceu a sua profissão em Fortaleza como cirurgião dentista na Escola Aprendizes Marinheiros e exerceu o cargo de professor na Faculdade da Universidade de Fortaleza. Logo que contou tempo de trabalho, resolveu voltar as suas origens, tomar o seu tempo, nas suas propriedades rurais.

O primeiro passo, foi adquirir o São Vicente e a parte do Riacho Seco que pertencia ao nosso irmão Darival - Já falecido.

O primeiro objetivo, tinha em mente: recuperar a Capelinha que se achava desmornada. Agora a Capelinha se acha erguida e bonitinha como no tempo dos nossos ante-passados.

No dia 20 de Janeiro de 1994, foi benta e celebrada uma Missa em honra ao nosso Padroeiro, São Sebastião, pelo Vigário Geral, da Diocese do Crato, Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo.

O Riacho-Seco ainda pertence a família. Com desaparecimento de Maria Fernandes Teles, a sua filha Rosaly Cartaxo Esmeraldo, recebeu de herança, e agora está nas mãos do seu filho Dr. Paula Nertan Cartaxo Esmeraldo, por tanto bisneto de Teodorico Teles de Quental e trineto do Major Felipe Teles de Mendonça.



José Claudio de Oliveira

*O Banco Provincial do Ceará*

O padre José Martiniano de Alencar tomou posse no Governo da Província a 6 de outubro de 1834, sucedendo a João Carlos Oeynhausén (Marquês do Aracati), até 25 de novembro de 1837, quando se retirou em virtude da renúncia do Regente Feijó e conseqüente queda dos liberais. Voltou à Presidência da Província de 1840 a 1841. Filho de dona Bárbara, senador vitalício, revolucionário de 1817 e 1824, irmão de Tristão Gonçalves Pereira de Alencar Araripe (Presidente em 1824), tinha as qualidades de vero estadista.

O padre Alencar foi um clarividente, antecipando-se em iniciativas e providências governamentais além do comum e bastante avançado para a sua época. Lançou - como afirmou João Brígido - "Os fundamentos do progresso moral e material do Ceará, ensaiando com grande intuição do futuro quantos melhoramentos a Província mais tarde veio a considerar indispensáveis à sua civilização".

Em seu governo reconstituiu a economia geral e as finanças da Província, em desordem ambas, determinadas por muitas causas, sobretudo pela difusão de dinheiro falsificado de peso inferior ao legal que após a Independência começou a tumultuar os negócios nas províncias.

A moeda divisionária de cobre se avolumou pela falsificação e ocasionou o desaparecimento da moeda de prata.

Havia "fábricas" de moedas até nos matos, à vista de todo mundo. De tão fina em sua espessura, recebeu o nome jocoso de xexém, sem dúvida onomatopaico. Em 22 de outubro de 1830 o Governo Imperial determinou que fosse pesado o dinheiro no momento das pagas. Mesmo assim, continuaram as falsificações nas províncias.

As moedas de cobre foram substituídas por papel-moeda (metade por cédulas e metade em "conhecimentos" provisórios) emitidos pelas províncias. As cédulas enviadas eram insuficientes, tendo sido forçado o Governo das províncias a emitirem enormes somas de "conhecimentos provisórios".

Em meio a tais aperturas e no desejo de melhorar as condições do comércio, resolveu o padre José Martiniano de Alencar criar um estabelecimento de crédito, instalando a 7 de setembro de 1835, o

Banco Provincial do Ceará. Depois que Dom João VI fundou o Banco do Brasil, o primeiro a funcionar em território nacional foi o Banco da Província do Ceará, com caráter emissor, de circulação e depósito e a duração estatutária de 10 anos, se antes a maioria de acionistas não resolvesse extingui-lo. O seu capital foi de 400 contos de réis divididos em ações de 100\$000 transferíveis e realizáveis em moedas de prata e ouro, em pagamentos semestrais. As notas emitidas pelo banco eram de 5\$000; 10\$000; 20\$000; 50\$000 e 100\$000 (títulos ao portador, assinados pelo presidente e tesoureiro).

Com a retirada do presidente José Martiniano de Alencar, o banco deixou de transacionar em 30 de maio de 1839. Parsifal criou o BEC e Plácido o instalou.

José Bonifácio de Sousa

*Testamento do Senador Alencar*

**R**eproduzimos, abaixo, devidamente anotado, o "testamento do senador José Martiniano d'Alencar", obtido no Arquivo Nacional, pelo ilustre engenheiro conterrâneo José Oriano Menescal Netto, a quem devemos a cópia de que ora nos servimos.

Esse precioso documento traz, no original, a data de 29 de agosto de 1854, tendo sido, portanto, redigido seis anos antes do falecimento do testador. Alencar adiou, entretanto, a sua legalização, somente o fazendo a 13 de março do ano seguinte, quando se achava ocasionalmente doente, conforme constatou o serventuário que, naquela ocasião, fora chamado à sua residência, para dar validade a esse ato de última vontade.

Tal formalidade foi confiada ao tabelião da Corte, chamado Francisco José Fialho, e foi executada no próprio instrumento escrito pelo testador, o qual, além da fé pública, traz as assinaturas das seguintes testemunhas presentes ao ato: Dr. Joaquim Cândido Soares Meirelles, Dr. Victorino do Rêgo Toscano Barreto, Iclirélico Nabal Pamplona, Joaquim Bento de Sousa d'Andrade e Antônio Correia de Macedo Lima.

Dentre os signatários acima, destacam-se o dr. Toscano Barreto, genro do Senador, casado com sua filha Maria Amélia, e Iclirélico Pamplona, cearense, filho do então notário público de Fortaleza, Cândido José Pamplona.

O testamento é do teor seguinte, apenas modificada a ortografia: - "Em nome de Deus, amém. Eu, José Martiniano d'Alencar, estando em estado de saúde e em perfeito uso da razão, mas prevendo a morte, faço o presente testamento, como declaração de minha última vontade, para que os meus testamenteiros, neste mesmo testamento nomeados, o façam cumprir depois que eu falecer. Declaro que sou natural da freguesia de Missão Velha, da Província do Ceará (1), filho legítimo de José Gonçalves Santos e Bárbara Pereira d'Alencar, ambos falecidos, presbítero secular do hábito de São Pedro(2) e senador do Império. Declaro que, por fragilidade humana, tive oito filhos, a saber: o bacharel José Martiniano d'Alencar Júnior, nascido em primeiro de maio de mil oitocentos e vinte, (3) o bacharel Leonel Martiniano d'Alencar, nascido

em cinco de novembro de mil oitocentos e trinta e dois; Tristão, nascido em seis de julho de mil oitocentos e trinta e sete; Maria, nascida em treze de agosto de mil oitocentos e quarenta; Bárbara, nascida em sete de junho de mil oitocentos e quarenta e dois; Joaquina, nascida em vinte e três de setembro de mil oitocentos e quarenta e três; Agustina (4), nascida em vinte e três de março de mil oitocentos e cinqüenta, e Carlos, nascido em seis de outubro de mil oitocentos e cinqüenta e três, todos filhos de Ana Josefina d'Alencar, os quais todos reconheço por meus filhos e como tais os tenho legitimado perante a autoridade competente, conforme a lei e, por este testamento, os instituo meus únicos e universais herdeiros, deixando, porém, a minha terça (5) às minhas quatro filhas e ao filho menor Carlos. Instituo meus testamenteiros, em primeiro lugar, a meu filho, bacharel José Martiniano d'Alencar, em segundo lugar a meu filho, bacharel Leonel Martiniano d'Alencar, em terceiro lugar a meu sobrinho, bacharel Tristão d'Alencar Araripe na falta de algum destes, a meu amigo, cônego Geraldo Leite Bastos. Deixo para a minha escrava Angélica (6) e meus testamenteiros lhe passarão carta d'alforria. Meus testamenteiros me mandarão fazer um enterro decente e conforme o meu estado sacerdotal e a representação que tenho na sociedade como senador. Mandarão distribuir quatrocentos mil réis pelos pobres da freguesia do Crato, onde vivi desde a mais tenra infância. Mandarão dizer uma capela de missas pelas almas dos meus pais e outra pel'alma do meu padrinho e benfeitor, o vigário Miguel Carlos da Silva Saldanha (7) como um testemunho da lembrança que tenho dos benefícios que me fez. Peço aos meus testamenteiros hajam de receber e cumprir este meu testamento e por mercê a mim e serviço a Deus façam valer todas as suas disposições como a expressão exata da minha última vontade, e rogo às Justiças do Império façam cumprir este meu testamento, ainda que alguma ou algumas cláusulas ou formalidades lhe faltem. E, para toda a validade deste, o escrevi e assinei do meu próprio punho. Rio de Janeiro, na chácara do Maruí, em São Cristóvão, número sete-A, lugar da minha residência (8), aos vinte e nove de agosto de mil oitocentos e cinqüenta e quatro. José Martiniano d'Alencar".

O falecimento do Senador Alencar ocorreu no Rio de Janeiro, a 15 de março de 1860, determinando a abertura do testamento e a adoção de formalidades legais para a sua execução. Conforme estava previsto, funcionou como testamento o bacharel José Martiniano de Alencar, que se investiu nestas funções a 28 do referido mês e ano.

X - X

(1) Não é de estranhar que Alencar se declarasse natural da

freguesia de Missão Velha, pois em 1794, ano do seu nascimento, a povoação (hoje cidade) de Barbalha, onde realmente nascera, ainda não se havia erigido em freguesia, o que somente ocorreu em 1838.

(2) Ante essa declaração, não subsiste a hipótese, já suscitada, de que Alencar não teria chegado ao sacerdócio, tendo permanecido como simples diácono, como o era quando se envolveu na revolução de 1817.

(3) A data do nascimento de José de Alencar, tal como está consignada no testamento, comporta os seguintes esclarecimentos:

Com relação ao ano, há um engano evidente, motivado provavelmente pela omissão gráfica da palavra nove, pois é sabido, sem contestação, que o romancista nascera em 1829 e não em 1820, como consta daquele documento.

Relativamente ao dia do nascimento, a referência a 1º de maio revive uma controvérsia que já se julgava superada. Até 1929, tinha-se como certo que Alencar havia nascido naquele dia, isto é, 1º de maio. No citado ano, porém, o jornalista Gilberto Câmara, ao organizar as comemorações do primeiro centenário do escritor, verificou, através de sua certidão de batismo, que ele havia nascido a 1º de março e não a 1º de maio.

Apesar da constatação de alguns pesquisadores, baseada em documentos de outras origens, passou a prevalecer a data de 1º de março, consignada no documento mais autorizado para fixar a certeza sobre o assunto.

Já agora, porém, é o próprio pai que declara, em documento não menos veraz, que o filho nascera a 1º de maio.

Onde está a verdade?

Inclinamo-nos a aceitar esta última data como verdadeira, máxime se admitirmos certas considerações já formuladas em torno do modo por que se processavam antigamente os registros de batizados. Tais registros baseavam-se em assentamentos manuscritos, redigidos muitas vezes em condições precárias, em papéis avulsos. Só posteriormente é que os vigários colecionavam essas anotações e as trasladavam para o livro competente, observada a ordem cronológica das mesmas. Mas, no caso em exame, bem pode ter acontecido que onde houvesse sido escrito 1º de maio, embora mal escrito, o trasladante houvesse lido 1º de março e, por via desse engano, houvesse situado o registro dois meses antes de sua verdadeira data. É o que provável e, portanto, digno de aceitação.

(4) Deve ter havido engano de transcrição caligráfica: Argentina, tal como está nos autos de execução do testamento, e não Agustina, é que era o verdadeiro nome da quarta filha do Senador.

(5) De acordo com a legislação da época, era a terça a parte disponível do testador.

(6) Parece faltar no texto uma palavra que corresponda à idéia de libertação, emancipação, alforria.

(7) Antigo e prestigioso vigário do Crato, a quem Alencar deve em grande parte a sua educação, e de cuja influência se socorreu quando viera pregar naquela cidade a revolução de 1817.

(8) Referindo-se a essa residência, escreveu o romancista José de Alencar, na sua autobiografia literária: "Já então havíamos deixado a casa da rua do Conde, e morávamos na chácara da rua de Maruí, nº 7, donde também saíram importantes acontecimentos da nossa história política" Aludia Alencar à revolução liberal de 1842, de que seu pai fora fervoroso aderente no Rio de Janeiro, onde ela havia sido urdida, se bem que o levante armado houvesse de eclodir, como aconteceu, nas províncias de São Paulo e de Minas Gerais. "Nos paroxismos - esclarece o romancista - quando a abortada revolução já não tinha glória, mas só perigos para os seus adeptos, foi na chácara do Senador Alencar que os perseguidos acharam asilo; em 1842 como em 1848".

Eduardo Bezerra Neto

## *Caxias e a Integridade Nacional*

**A** cada ano, na Semana do Soldado, o País reverencia a memória de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro. A evocação de sua memória tem uma razão de ser: Caxias concretizou no seu exemplo de vida os princípios que inspiram as atribuições constitucionais das Forças Armadas.

É vasta a bibliografia sobre o Duque de Caxias. Isso ocorre porquanto a sua folha de serviços tem relação direta com os principais acontecimentos da História do Brasil no século passado. Atinge, por igual, fatos na esfera militar e na esfera civil. Ademais, apresenta-se densa de significado, permitindo múltiplas formas de abordagem, em função dos objetivos a que se propõem os pesquisadores.

Neste breve estudo será adotado um enfoque analítico, ao invés do enfoque abrangente, que dificilmente poderia ser sintético. Far-se-á um exame em maior profundidade de um dentre os múltiplos serviços que o Duque de Caxias prestou à sua Pátria. Destaque será dado à contribuição de Luís Alves de Lima e Silva na garantia da integridade do território nacional.

### *A Contribuição da Ciência Política*

A fim de entender com clareza o sentido das decisões tomadas por Caxias e a dimensão dos fatos delas decorrentes, revela-se necessário desenvolver algumas considerações acerca de conceitos pertinentes ao tema, no âmbito da Ciência Política.

Quando Maquiavel, no início do século XVI, adotou o vocábulo "Estado" para designar, como termo genérico, as nações politicamente organizadas, independentemente da sua forma de governo, o Brasil contava com menos de 15 anos de descoberto. Daquela época, ao século atual, a Ciência Política evoluiu em ritmo acelerado. Hoje, as suas teorias ajudam a entender os elementos constitutivos da estrutura intensa e a dinâmica do ordenamento da sociedade.

Identificam-se como elementos essenciais do Estado: o povo, o território e o poder político. Jellinek reuniu os três numa breve, mas muito conhecida definição, ao exprimir que o Estado "é a corporação de um povo, assentada em um determinado território e dotada de um poder originário de mando".

O conceito de "povo" distingue-se do conceito de "população". Povo

é um termo que tem conotação jurídica; população tem conotação demográfica. A idéia de povo está associada à de cidadania; população se refere ao conjunto de pessoas presentes em um determinado território. É a cidadania que estabelece, no plano individual, o vínculo da pessoa com o Estado e, por extensão, no plano social, do povo com o Estado.

Nessa ordem de raciocínio, os estrangeiros, cidadãos de outros países, fazem parte da população, mas não integram o povo brasileiro. A recíproca se aplica a qualquer país, em relação a cidadãos brasileiros que aí são estrangeiros.

No contexto jurídico, o entendimento do termo "povo" sofreu alterações ao longo da história. No período do absolutismo, o povo era objeto do direito. Sujeito do direito era o soberano. Com o advento do constitucionalismo, através do sistema representativo o povo passou a determinar as regras da sua própria organização social. Tornou-se, por conseguinte, sujeito do direito. A revolução liberal-burguesa, no final do século XVIII veio a desencadear essa transição.

Não obstante, ainda no início do século XIX, em vez de se indagar de que Estado se era cidadão, era comum indagar de quem se era súdito. Isso representa sinal evidente de que a revolução liberal-burguesa não foi universal e instantânea. A transição foi demorada e penosa.

É importante notar a coincidência de épocas. O absolutismo vigorou do século XVI ao século XVIII. Ou seja, teve início quando se deu o descobrimento e veio a terminar no momento imediatamente anterior à independência. Cobriu, por conseguinte, todo o período colonial brasileiro.

O termo "território" refere-se à "extensão espacial da soberania do Estado", na definição de Fricker. É elemento constitutivo e essencial do Estado, porquanto nele se situa o povo e nele é exercido o poder. Um agrupamento humano privado de território pode constituir uma nação, mas não chega a constituir um Estado.

O exemplo recente dos judeus demonstra concretamente essa questão. A partir do ano 70, quando Jerusalém foi destruída por Tito, até 1947, o povo judeu manteve a duras penas a sua identidade e sobreviveu como nação, em territórios os mais diversos, em todos os continentes conhecidos. Somente a 15 de maio de 1948 veio a constituir-se em Estado, sendo-lhe, então, assegurado um território próprio, desmembrado do antigo protetorado britânico da Palestina. Com precisão técnica se afirma hoje ser aquela data a de "criação do Estado de Israel".

Exatamente por representar a base física do Estado, bem assim, por ser o espaço em que se fixa o povo e se determina o direito aplicável, o território tem sido, tão frequentemente, palco de inumeráveis lutas e



objetos de inúmeros tratados.

A história tem revelado a extrema mobilidade das fronteiras territoriais, ao longo do tempo. Esta observação é válida, inclusive, no decurso da história do Brasil, nos quatro séculos que se seguiram ao seu descobrimento. Apenas no início deste se chegou ao final do processo de definição jurídica e delimitação geográfica das nossas fronteiras.

Conceituar "poder" é tarefa das mais difíceis. Autores renomados têm adotado formulações bastante diversificadas, muitas vezes conflitantes. Forte conteúdo ideológico permeia as expressões usadas. Existem posicionamentos que vão desde "a imposição da vontade dos mais fortes sobre os mais fracos", conforme Duguit, até formulações mais brandas, como "a faculdade de tomar decisões em nome da coletividade", na expressão de Afonso Arinos.

Preferível, por sua clareza e isenção, é o conceito de Paulo Bonavides, assim exposto: "o poder representa aquela energia básica que anima a existência de uma comunidade humana num determinado território, conservando-a unida, coesa e solidária".

A importância do "poder" deriva do fato de que nele se baseia a soberania do Estado. Esta configura o poder mais alto, e apresenta uma dupla conotação: interna e externa. A primeira se exerce sobre o território e a população e posiciona o poder político acima de todos os demais poderes sociais. A segunda traduz a independência do poder do Estado em relação aos demais Estados.

A partir do conceito de que "Estado é a nação politicamente organizada", infere-se que esta é o elemento antecessor e formador daquele. No ensino de Mancini, toda nação tem o direito de tornar-se Estado. Não existe, pois, um Estado sem um espírito nacional que o inspire.

Contudo, conceituar "nação" não tem sido fácil. A formulação de Hauriou torna-se preferível por sua simplicidade: "nação é um grupo humano no qual os indivíduos se sentem mutuamente unidos, por laços tanto materiais como espirituais, bem como conscientes daquilo que os distingue dos indivíduos componentes de outros grupos nacionais".

A formação de um espírito nacional, anterior à criação do Estado, permite entender as lutas pela auto-determinação das colônias. Assim, transparece claro que o Brasil tornou-se nacionalmente distinto de Portugal muito antes da independência.

Retomando a idéia do início, os conceitos apresentados formam um sistema de referência que torna possível aquilatar a fé de ofícios de Caxias, seja no desempenho das missões militares, seja no exercício das funções públicas civis de que foi investido.

## *O Aporte da História e da Geografia*

Uma análise da evolução territorial do Brasil, cotejando-se, quando necessário, com fatos ligados às ex-colônias espanholas, oferece elementos merecedores de reflexão. Permite, outrossim, derivar referências adicionais para avaliar a contribuição de Caxias no sentido de preservar a integridade da soberania nacional.

Nos primeiros anos do século XIX, imediatamente antes do início das guerras de independência, as colônias espanholas eram constituídas de três Vice-Reinados: o do Peru, o de Nova Granada e o do Rio da Prata. Portugal tinha um único Vice-Reinado, o do Brasil.

As guerras de independência fracionaram os três vice-reinados espanhóis nas nove nações latino americanas hoje conhecidas: Colômbia (cujo território, na época, abrangia também o atual Panamá), Venezuela, Peru, Equador, Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Inversamente ao que aconteceu no restante do continente, a colônia portuguesa manteve-se íntegra. Ao Vice-Reinado sucedeu o Reino Unido e, com a independência, o Império do Brasil.

A primeira vista pode parecer que a unidade territorial brasileira foi preservada em todo o decorrer do período colonial.

A história revela algo bem diferente. De um lado, a movimentação espontânea dos colonizadores ignorou as fronteiras políticas, determinando uma configuração geográfica próxima da atual. De outro, os sistemas administrativos adotados pela metrópole acarretam drásticas oscilações territoriais, com períodos de fracionamento e de reunificação.

Surpreende esta constatação, mas, de direito, a fronteira oeste do Brasil já estava definida antes mesmo do descobrimento. Com efeito, pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494, o papa Alexandre VI havia partilhado entre a Espanha e Portugal as terras a serem descobertas no Novo Mundo.

A fronteira oeste da área de descobrimentos portugueses corria ao longo do meridiano 49, aproximadamente. Hoje corresponde a uma linha que passando ao norte perto de Belém, vaia alcançar ao sul quase à altura de Florianópolis.

Essa fronteira existiu apenas na letra do tratado. Para os colonizadores foi como se não existisse. Os deslocamentos das entradas e bandeiras no sentido oeste, norte e sul, bem como a penetração do território subindo o curso do rio Amazonas e entrando nos seus afluentes, determinaram uma feição inteiramente nova para América Portuguesa, não prevista no tratado de 1494.

A expansão territorial do Brasil serve de exemplo evidente da

importância do povo na formação de uma nação e, adiante, na formação de um novo Estado. Efetivamente, o Brasil só chegou a ser o que é hoje, em termos de território, porque o Tratado de Tordesilhas foi ignorado pelo povo.

Entretanto, o que localmente não foi assumido, a diplomacia transformou em problema a reclamar solução.

Apenas em 1750 esta foi encontrada, através de novo tratado, o de Madri. Coincidentemente, um brasileiro, Alexandre de Gusmão, seria a peça mestra da diplomacia portuguesa para obter vantagem sobre os espanhóis.

O Tratado de Madri referendou o princípio do "uti possidetis", ou seja, seria português o território ocupado por portugueses e espanhol o território ocupado por espanhóis.

O que se constata, portanto, é que a evolução territorial decorrente dos deslocamentos dos colonizadores foi sempre crescente. No entanto, decisões régias determinaram, por diversas vezes, alterações bruscas no espaço geográfico da colônia.

Retornando, uma vez mais, ao século XVI, o que se observa nos três primeiros decênios de presença portuguesa no Brasil é que não houve, propriamente, qualquer forma de administração.

Ocorreu, apenas, o envio periódico de naus e caravelas armadas, com a missão de patrulhar a costa, defender as poucas feitorias estabelecidas e expulsar os estrangeiros. A unidade territorial era apenas uma situação de fato.

Quando Portugal se dispôs a instalar uma administração em bases estáveis, a colônia já contava com 32 anos de descoberta. O sistema de capitânicas hereditárias foi a forma aprovada e implantada por D. João III. Ora, esse sistema fracionou o território em 15 unidades administrativas, cedidas a 12 donatários, cujas capitânicas eram autônomas entre si, mantendo vínculo apenas com a metrópole. Vale dizer, a administração portuguesa no Brasil começou pela partilha do espaço territorial.

Como se sabe, das capitânicas praticamente apenas duas tiveram êxito: Pernambuco ao norte e São Vicente ao sul. Por isso, menos de vinte anos após era instituído o Governo Geral, tendo por capital a cidade de Salvador. Com a sua efetiva instalação, em 1549, a unidade territorial foi restabelecida.

Contudo, o foi apenas em parte. São conhecidas as resistências antepostas pelos donatários de Pernambuco ao Governo Geral, respaldados no fato de que a doação anterior do rei não se tornava nula com a implantação do novo sistema administrativo.

A reação era justificada. A leitura do Regimento trazido por Tomé de

Sousa demonstra explicitamente, na letra do documento, que o Governo Geral do Brasil não fora criado para substituir o sistema de capitanias hereditárias, mas, apenas, para introduzir algumas inovações essenciais ao desenvolvimento da colônia. Era objetivo do Rei de Portugal prover um sistema unificado de defesa, de implantação dos serviços de justiça, de administração da fazenda real e outras matérias relevantes indicadas nos quarenta e cinco parágrafos do Regimento.

Não obstante, a evolução natural dos dois sistemas provou a procedência das preocupações dos donatários de Pernambuco. Enquanto o Governo Geral afirmou-se, fortalecendo-se cada vez mais, inversamente, o sistema de capitanias hereditárias tendeu ao enfraquecimento, até que veio a extinguir-se de todo em meados do século XVIII.

O ano de 1608 assinala nova forma de divisão. Felipe III da Espanha, igualmente rei de Portugal, dividiu o Brasil em dois governos. Sediado em Salvador, continuava o Governo Geral do Brasil. Não obstante, tendo por sede o Rio de Janeiro, passava a existir a Repartição do Sul.

Esta, ao ser criada, reunia as capitanias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. O grande fluxo migratório estimulado pela mineração do ouro determinou um crescimento do território sob jurisdição do Governador, que acumulava em sua pessoa o título de Superintendente das Minas.

A Repartição do Sul durou pouco mais de um século, terminando em 1709. O dinamismo econômico do ciclo do ouro levou a metrópole a estabelecer um novo ordenamento no governo do Estado do Brasil.

Ao rei Felipe IV, do mesmo modo, reinou sobre Espanha e Portugal, deve-se outra mudança na administração da colônia, com a criação do Estado do Maranhão. Constituído em 1621, mas instalado em 1626, a ele foram integradas as capitanias do Ceará, Maranhão e Grão Pará. Teve sede, primeiramente, em São Luis, depois transferida para Belém.

Martim Soares Moreno, Capitão-Mor do Ceará, logo se insurgiu contra o novo vínculo administrativo. Apresentou ao Rei as suas razões, argumentando que o regime contrário dos ventos e a inexistência de estradas faziam com que as comunicações com São Luis demorassem cerca de cinco meses, enquanto que com cerca de quinze dias a comunicação era possível com Pernambuco. Suas razões permaneceram no esquecimento por mais de trinta anos.

Somente em 1656 o Ceará foi desmembrado do Estado do Maranhão, passando a compor o Estado do Brasil.

O Piauí não figura na documentação do século XVII, relativamente à nova divisão administrativa. Escassamente povoado, só veio a ser integrado ao Estado do Maranhão em 1715.

A administração autônoma do norte perdurou até 1774, sendo extinta pelo Marquês de Pombal, o poderoso Primeiro-Ministro do rei

D. José I de Portugal.

Em resumo, a partir do segundo decênio do século XVII, até ao primeiro decênio do século XVIII, o que hoje constitui o Brasil estava dividido em três governos: do Estado do Maranhão, do Estado do Brasil e da Repartição do Sul.

A reunificação territorial da colônia veio a ocorrer por etapas. Como visto, em 1709 deixou de existir a Repartição do Sul, mantendo-se Salvador como capital do Estado do Brasil. Em 1763 a capital foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro. Em 1774 era extinto o Estado do Maranhão.

O Vice-Reinado merece considerações especiais. De direito, a sua existência não está provada. Desconhece-se qualquer documento com chancela real definindo a constituição do Vice-Reinado do Brasil.

Anteriormente a 1720, o título de Vice-Rei foi concedido, como privilégio pessoal, a alguns Governadores Gerais. Após aquela data, foi concebido a todos os Governadores do Estado do Brasil. Em síntese, o status pessoal do Governador se transmitiu à colônia como decorrência de uma concepção assumida pela população. E isso atingiu marcas tão profundas que o Vice-Reinado passou a ser admitido de fato, embora sem o ser de direito.

Recapitulando, a América Portuguesa permaneceu dividida de 1608 a 1774, ou seja, por mais de um século e meio. E um outro detalhe relevante: a extensão territorial do Estado do Brasil modificou-se grandemente no transcorrer desse tempo.

Extinto o Estado do Maranhão, restabelecia-se a unidade administrativa e territorial da colônia, que iria alcançar a independência sem grandes alterações. Entretanto, a consolidação do Brasil independente viria a apresentar situações novas em relação ao território e à população.

Entreabre-se a conclusão. As tensões que nas colônias espanholas se verificaram a partir das guerras de independência, também vieram a se manifestar no Brasil. Todavia, no caso brasileiro, a sua eclosão veio a se multiplicar quando o Império já estava constituído. Aqui, porém, Caxias imprimiu aos acontecimentos um desfecho diferente. Sobre isso irá tratar o tópico que se segue.

### *Um Homem na Vanguarda do seu Tempo*

Longa, rica em acontecimentos, balisada por atos de grandeza, a biografia de Luis Alves de Lima e Silva oferece inspiração não apenas para os militantes de todas as armas, mas, igualmente, aos civis. A lição de sua vida demonstra a indissolubilidade das qualidades de militar e de cidadão. E não podia ser diferente, porquanto não existe contradição entre elas.

Na folha de serviços prestados ao Brasil por Caxias, como militar, ganham relevo: sua participação nas Lutas da Independência, na Bahia; sua ação controladora dos excessos, na Abridada, no Rio de Janeiro; a Rebelião dos Balaios, no Maranhão; a Sedição de Sorocaba, em São Paulo; a Rebelião de Barbacena, em Minas Gerais; a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul.

O serviço à Pátria o levou, também, a ações externas. Participou da Campanha Cisplatina, sendo ainda Capitão. Já no posto de Marechal, comandou as operações contra Oribe, no Uruguai; Rosas, na Argentina; Solano Lopez, no Paraguai.

Outrossim, se enfrentou momentos por demais difíceis na vida militar, outros momentos, também de dificuldade extrema, teve de enfrentar no exercício de funções civis. Entre as dificuldades, a diferença cingiu-se apenas quanto à natureza.

Investido de funções executivas, Luis Alves de Lima e Silva exerceu os cargos de Presidente da Província do Maranhão; Vice- Presidente da Província de São Paulo; Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Alcançou ser eleito Deputado à Assembléia Legislativa do Maranhão e Senador pelo Rio Grande do Sul. Foi, ainda, Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros.

Os documentos oficiais que registram os serviços prestados ao País, deixam transparecer a dimensão do homem que ele foi. Igualmente densa de significado é a memória de seus atos. E meridianamente claros transparecem os seus pensamentos na correspondência que deixou.

Destaca-se na personalidade de Caxias sua irrestrita observância aos princípios que norteavam sua vida. Por isso desenvolveu a capacidade e soube aplicar nos momentos oportunos duas virtudes, aparentemente contraditórias, mas de fato complementares: a firmeza do militar e a flexibilidade do estadista.

Do mesmo modo quanto é inquestionável a sua qualificação excepcional como militar, com igual rigor técnico do termo é aplicável a Caxias o reconhecimento como estadista, isto é, pessoa de atuação notável nos negócios políticos e na administração do seu País.

As considerações desenvolvidas nos itens precedentes oferecem o padrão para se melhor avaliar o papel desempenhado por Caxias na História do Brasil.

Vistos isoladamente, os vários conflitos internos a que Caxias foi chamado a intervir são reduzidos à condição de insurreições locais. Nem sempre se tratava, propriamente, de revolução. A Abridada, no Rio de Janeiro e a Balaiada, no Maranhão, foram movimentos de indisciplina, alimentados por insuflamento político. Não chegaram a configurar, propriamente, movimentos de larga repercussão. A Sedição de Sorocaba e a Rebelião de Barbacena tiveram coloração absolutamente política. O Partido Liberal não aceitava a ascensão do

Partido Conservador. A Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, esta sim, teve a dimensão de guerra interna. Extensa, demorada e sangrenta.

Todas, entretanto, apresentaram uma característica comum: o espírito separatista. Caso evoluíssem, o Brasil fatalmente se fracionaria. A Guerra dos Farrapos quase chegou a esse extremo.

Repassando os registros referentes aos movimentos separatistas no Brasil, nota-se que, em geral, as revoluções brasileiras criaram mártires. Sua memória está associada às crônicas dos fatos em que se envolveram. São lembrados os nomes dos que sofreram penalidades por participarem da Inconfidência Mineira, da Revolução de 1817, da Confederação do Equador e tantas outras. Entretanto, e é importante observar esse detalhe, as rebeliões e guerras a que Caxias foi convocado a debelar não geraram mártires!

É natural indagar: por quê? Exatamente porque Caxias sempre coroou a sua ação militar com a resolução dos conflitos políticos. Quando possível, assentou as bases de uma solução duradoura. Quando não, estabeleceu condições para uma convivência razoável entre as partes em confronto. Com justiça lhe foi associado o epíteto de "O Pacificador". Ele, realmente, o foi.

Os acontecimentos que colocaram face a face as personalidades de Luis Alves de Lima e Silva e Miguel de Frias Vasconcelos são sobremodo significativas. Foi este quem recebeu das mãos de Pedro I o ato de abdicação, em 7 de abril de 1831.

Major, na época, exacerbadamente liberal, tornou-se um dos líderes da insurreição que abalou o Rio de Janeiro em abril do ano seguinte, que a História registra como a Abrilada. Luis Alves de Lima e Silva, major, como Miguel de Frias, o combateu diretamente, desenvolvendo manobras em terreno urbano. Pôs em debandada as tropas sublevadas e fechou o cerco sobre o líder. Surpreendentemente, mesmo tendo tido oportunidade, nada fez contra Miguel de Frias.

Esse gesto não foi em vão. Miguel de Frias exilou-se nos Estados Unidos, retornando anos depois ao Brasil e ao serviço ativo no Exército. Ao ser designado para debelar a Revolução Farroupilha, Caxias o convocou para a campanha no Rio Grande do Sul. Os desdobramentos da campanha deram ensejo a que suas qualidades fossem postas a serviço do Império, que antes havia combatido. E foi Caxias quem empreendeu outra luta em relação a Miguel de Frias. Desta vez, porém, para obter a favor do seu comandado o acesso ao Generalato.

Poder-se-ia argumentar tratar-se de exceção. Não é esse o caso. Ao comandar as operações contra Oribe e Rosas, Caxias teve sob seu comando David Canabarro, ex-líder da Revolução Farroupilha, de poucos anos atrás. E na mesma campanha também lá estava o mesmo Miguel de Frias, da Abrilada.

Um outro detalhe importante a observar é que, fazendo exclusão das lutas na Bahia, todos os movimentos armados referidos situam-se no curto espaço de tempo que vai de 1831 a 1845. Aquele primeiro ano coincide com a abdicação de D. Pedro I, sendo D. Pedro II ainda criança. O ato de reconhecimento da Maioridade, em 1840, sendo o novo Imperador um jovem de 14 anos, não lhe transmitiu, automaticamente, a capacidade de exercer suas funções com autoridade e experiência. A primeira poderia ser reconhecida por muitos, mas faltava base existencial para a segunda.

Assim, pois, os conflitos eclodiram, por motivos visíveis ou inconcessíveis. E em relação a eles Caxias agiu em tempo oportuno e da forma adequada. Cabe-lhe, por excelência, o crédito de defensor da integridade territorial do Brasil.

A história da América Espanhola oferece elementos para comparação. Os conflitos internos, que determinaram o fracionamento dos antigos vice-reinados, não tiveram início de grandes proporções. Cresceram a partir de pequenas divergências, até assumir configuração irreversível.

De Bolívar e de San Martín se afirma hoje, em respeito à fidelidade histórica, serem heróis de várias pátrias. Dotados de invulgar liderança, os dois heróis latino-americanos foram capazes de romper os laços coloniais com a metrópole espanhola. Contudo, não lograram criar laços unindo em um só Estado as ex-colônias que anteriormente compunham os vice-reinados. Lutaram no campo político pela união, todavia não a alcançaram.

Caxias é reverenciado como herói de uma só pátria. Mas nela é o responsável maior pela sua unidade territorial. E essa integridade Caxias a construiu agindo inteligentemente em relação às pessoas. Seus atos, nos vários acontecimentos a que foi chamado a resolver, demonstram com clareza a consciência que tinha de que a soberania nacional repousa sobre a união do povo.

A realidade geo-política do Brasil moderno está intimamente ligada ao operoso trabalho do Barão do Rio Branco, em definir as fronteiras internacionais do País. Não obstante, impõe-se considerar que esse trabalho jamais viria a ser concluído na dimensão que atingiu, se o Brasil tivesse sofrido cisões por decorrência dos conflitos internos no período da Regência e início do 2º Reinado. Neste particular, uma vez mais, transparece a visão de estadista de Caxias, aliada à sua competência como militar.

Os acontecimentos ligados à ação de Caxias no exterior, em especial as campanhas que estiveram sob o seu comando: Uruguai, Argentina e Paraguai, oferecem campo para considerações que ultrapassariam a dimensão proposta para este trabalho, que visa a ser conciso. Cabe apenas referir que nelas o analista se depara com uma



faceta nova de Caxias: o diplomata, ao mesmo tempo que estrategista militar.

Reconhecendo a personalidade modelar que o Duque de Caxias representa para as Forças Armadas de terra, o Governo Federal lhe outorgou o título de Patrono do Exército Brasileiro. A História lhe outorga outro título, igualmente, digno: o de Patrono da Integridade Nacional.

### *Exemplo que Permanece Atual*

Não é difícil deduzir a mensagem que o exemplo de vida do Duque de Caxias comunica aos brasileiros de hoje.

Vivemos, todos nós, um momento muito especial da vida do País. Os rumos do futuro do Brasil estão por ser definidos, no texto da nova Constituição.

É natural o afloramento das tensões, visto que as desigualdades regionais e sociais reclamam soluções estáveis, em lugar de paliativos. E numa visão realista do presente, forçoso é reconhecer que se de um lado há pessoas investidas de funções públicas seriamente empenhadas no bem estar da sociedade brasileira, tanto quanto se pode observar no setor privado, por outro lado existe, também, a situação inversa. Isso se constata através da insensibilidade tecnocrática, administrativa, política, empresarial, sindical, ou qualquer outra forma de exteriorização que possa assumir.

Contudo, é preciso entender que os conflitos, mesmo reais, não podem evoluir a ponto de se chegar a uma rutura social. O senso de responsabilidade dos detentores de liderança deve estar alerta para uma convergência de decisões e atos em benefício do bem estar comum, com ênfase sobre a promoção das camadas de base da sociedade.

Caxias nos tem a transmitir, a esse respeito, a mensagem da concórdia nacional. Somos parte de uma única realidade geo-sócio-política. O fortalecimento do Brasil como Estado soberano tem por requisito indispensável a diminuição das desigualdades, o que equivale a reconhecer a importância do povo.

Patriotismo é o termo adequado para traduzir essa força propulsora no sentido do bem comum e que se manifesta tanto no plano individual quanto no social. Nesse sentido se há de entender o patriotismo manifestado por Caxias. Trata-se de um valor permanente. Expressa-se no respeito às instituições, mas, igualmente, às pessoas, sem qualquer forma de discriminação.

Que o exemplo de Caxias permaneça vivo e que nós saibamos contribuir para a continuidade dos seus frutos assumindo a parcela de responsabilidade que nos cabe.

Emerson Monteiro

*Tipos Populares*

As comunidades perenizam, em sua paisagem humana, perfis consagrados de almas exclusivas, movendo o calendário das décadas, tais marcos que servem de referência histórica, sacrários de lembranças e costumes.

Crato não fugiu à regra e testemunhos podem ser recolhidos, pois cada depoimento somado concederá uma visão da memória, comparável às fotografias diferentes de um mesmo sítio.

Nesse sentido, aqui trazemos uma contribuição, enfocando os principais tipos que se destacaram em feiras, bares, cafés, mercados e praças, no cotidiano da cidade, dos anos 50 até quase agora. Admitidas lacunas, no entanto bom sendo que outros contribuam com novas parcelas, preenchendo os claros assinalados.

Muitos talvez se recordem de dois pedintes bem característicos: Pedro Cabeção e MOIPEN. Pedro fazia ponto à rua Miguel Limaverde, onde antes ficava a saída do Cine Cassino, hidrocéfalo sempre feliz, estalava a língua no encontro do céu da boca, num ruído para chamar a atenção dos passantes, com quem trocava chistes e de quem merecia os trocados da sobrevivência. Simpático por profissão, conseguiu se fazer querido de muitos, sobretudo das crianças.

MOIPEN (Júlio Grego era o outro nome dele), por sua vez, seguia de casa em casa, chapéu de palha de aba larga sobre a testa, a lhe encobrir os olhos, girava na ponta do indicador uma bandeja de flande desbotada, qual fosse um disco, adaptando o som da palavra "esmola" ao seu falar diferente ("moi...moi...moi") ("moipen...moipen...moipen..."), a significar "uma esmola para Nossa Senhora da Penha".

Outra figura peculiar das ruas cratenses - TANDÔR, que não mais soubemos dele; representava outra época dessa história informal, fins da década de 40, começo dos anos 50.

Troncudo, baixo na estatura, cinto largo de muitos adereços, fivelas variadas e cravejado de tudo quanto era ilhóses, e um chapéu de couro

(1) *Tandor já é falecido*

e babicacho que não destoavam do exagero geral; também muito querido da população, prestativo e eficiente, vivia de recordar as proezas de seu antigo patrão, Dr. José Gesteira, a quem servira em sua casa de saúde. (1)

NOVENTA, o chapeado, outro tipo indelével desse passado, empurrando uma carroça para transporte de cargas, sabe conversar com desenvoltura a propósito dos mais diversos temas, em tiradas filosóficas de humor que desafiam o rotineiro dos dias. Reside no bairro do Seminário, onde fomos vê-lo. Atravessava uma fase de muita bebida, tendo voltado à faina do carroto após sofrer sério acidente (atropelamento e fratura numa das pernas). Exímio artista da palavra falada, distribui alegria ao povo.

Outra lembrança, RAMIRO, que marcou momentos agradáveis, primeiro entre padres e internos do Seminário São José, com verve engraçada, enfatizou seu aspecto feio em histórias as mais divertidas e apreciadas, ainda agora merecedora de registro. (Certa ocasião, voltando tarde da noite de festa em Juazeiro, fretou um carro de praça. No escuro completo daquele tempo, mandou parar na frente do cemitério, onde morava, para ir buscar o dinheiro da corrida. Depois de longa demora, e acordando com longas buzinas os moradores próximos, o motorista viu-se surpreendido com a informação de onde se achava, ao que exclamou: - Bem logo vi; com uma cara daquelas não podia ser deste mundo!).

### *Desapareceu nos fins da década de 70.*

Lembramos, ainda, de outros personagens: Célio Silva, boêmio integral, à maneira carioca dos inícios do rádio no Brasil. Voz afinada, timbre Francisco Alves, cantava deste o repertório, se acompanhando ao violão, pelas quebradas da cidade, centro e periferia. Chegou a gravar um disco e nunca afastou-se dos programas radiofônicos, nas emissoras locais, por volta dos anos 60. Expedito Magro, seu outro nome, alegre, comunicativo, cabelo liso e penteado a Chico Alves, vitimou-se cedo no uso exacerbado de bebidas alcoólicas..

Dizíamos, a princípio, que as comunidades dispõem do seu panteão de figuras marcantes, nas várias épocas. Músicos, poetas, loucos, artesãos, vadios, mendigos, contadores de histórias, profetas impacientes, hóspedes das sarjetas, marquises e bancos de praças, cantadores, andarilhos, anônimos da extra-oficialidade, os heróis populares.

Infinidade de outros abordaríamos, por dever de justiça: Pedro Vinte e Um. Vanda. Doca. Anduíá. Expedita do Bode. Só Deus. Caneca. Pereira Belém. Porrinha. Capela. Sorriso. Chupetinha. Antônio Cornim. Polícia. Cadeado. Atletas. Prostitutas. Aleijados. Jogadores de sinuca. De bozó. Camelôs. Pais e mães de família pobres e autênticos em sua aventura de viver a incerteza. Contradições ambulantes de um mundo errado, egocentrista. Os gênios do vulgo, farrapos sociais, ferrões nas consciências culpadas que ficaram atrás.

A eles, os ídolos de nossa infância moral, nas calçadas, gafieiras, estações, esta homenagem, mesmo que nunca venham a nos incluir em suas conversas animadas, bondosas, sensíveis ao sofrimento alheio, nas contradições desconhecidas das massas, nos trechos geográficos dos becos solitários, que de tão comum se desalinam.

## Lustosa da Costa

*Fortaleza, meu amor*

Se você tem mais férias à vista, programe o Ceará. Vá a Fortaleza, conheça as praias de Camocim, principalmente Jericoacoara, visite Canoa Quebrada. Lá aceitam cruzeiros. Não é barato, mas o que é barato, hoje em dia? O povo é hospitaleiro, as mulheres lindas, as praias variam do verde-esmeralda ao azul celeste que as tornam escandalosamente bonitas. Fortaleza, porque é só dela que quero falar, está linda. De doer na vista. E é uma festa diária apesar da tragédia que fustiga o interior e ameaça de falta d'água a capital, tanto assim que se esbaldou, na avenida Beira-mar, brincando o Carnaval, em julho. Num dia útil. Meninos eu vi. Por aí vocês podem sentir quão alto anda o astral dos cearenses.

Fortaleza é uma cidade de dois amores. É desposada do Sol e do Mar. O sol a aquece, a ilumina, lhe garante o ar saudável e o moreno de suas mulheres. O mar é geralmente verde, como o viu Alencar, dum verde cada vez mais bonito, quando não é azul. Suas águas são quentes, de uma tepidez uterina. O mar, em Fortaleza, é de paz, manso, sem arroubos. Quando finge uma zanga, se torna mais forte, é apenas para nos abraçar, nos afagar, depois do que se desfaz, na areia, numa festa de brancas espumas. O oceano é, ali, como a gente que ele banha e beija, só hospitalidade. Assim, ele nos acolhe entre seus tesouros de esmeraldas, até nos restituir à fofura da areia da praia.

Pra mim, é sempre doce revisitar Fortaleza, me entregar sem sustos nem cuidados aos braços da cidade amada, percorrer, sem pressa, suas ruas, praças e avenidas, rever as casas em que morei, a fisionomia acolhedora dos amigos, ir às suas festas, participar da frenética sede de viver de sua gente. Faz bem ao meu coração ouvir palavras gentis de bocas amigas, elogios a estas crônicas que recolho, como confeitos, como flores, pois escrevo só pra isso; pra chegar a seu coração, na intenção de lhes prodigalizar instantes prazerosos e se o consigo, tenho mais é que orar, é que bendizer o Senhor. Ando pelo Passeio Público, cenário de tantas cenas épicas de nossa História e apalpo seu baobá centenário. Revejo a Praça do Ferreira, a nova coluna da hora, com saudade da antiga, de tantos fantasmas queridos que a frequentaram e que hoje dormem com seus pais, como diz a Escritura, segundo Borges. Estão todos deitados, dormindo profundamente, como queria Bandeira. À procura de mim mesmo, vou ao caldo de cana com pastel em A(?) Leão do Sul, e não me encontro. Sou outro, muito diverso

daquele rapazola taciturno que ia ali no final da década de cinqüenta..

Passo pelo antigo prédio da Assembléia onde fui repórter e onde um deputado, de maus bofes, queria me fazer engolir exemplar do jornal em que escrevi. Pelo Palácio da Luz, antiga residência dos governadores, um dos quais foi apeado pela revolução e gostava muito de dar festas, razão pela qual escreveram, à entrada: "Neste Palácio, não se dança mais". E o bem-bom de bater perna, pelo calçadão da Praia de Iracema, olhando, feito matuto deslumbrado com a cidade grande, seu casario antigo, pintado de novo, o velho Estoril, a ponte metálica, suas ruas de nomes indígenas, lembrando os bravios antepassados? Revejo os locais em que morei. A casa da Rodrigues Junior, casas grudadas umas às outras. Numa delas, morava Maria. O Beco da Piedade que não é beco, foi promovido a rua. Vou ao sítio de Messejana onde passei tantas férias, na infância, na adolescência e me dá uma vontade louca de tirar os sapatos, as meias e sair andando, o pé cinqüentão sobre a fofura da areia branca de seu chão, de pedir ao Zepinto que mande descer um coco, me dê sua água pra beber, depois me dê sua polpa, aquela laminha branca, gostosa, pra comer. Zepinto morreu, há décadas. Eu mesmo, como disse, já não sou eu, sim, apenas, somente uma saudade que chora baixinho no meu coração.

Ah! Fortaleza, como me fazes bem à alma e ao coração, como é gostoso te rever, te visitar. Roteiro da cidade amada.

Levo Carlos Eduardo ao Beach Park onde tudo funciona, desde a cerveja sempre gelada, o caranguejo bem temperado e a limpeza imaculada de sua areia e encontro Arialdo Pinho. Naquele ambiente internacional lembro seu pai, meu amigo, desde quando chegou a Fortaleza e que morreu tão cedo, dias após a eleição de Maria Luiza para a prefeitura, vitória que tanto curtiu.

Lembro o último encontro que tive com ele chez Lúcio Brasileiro, ainda na torre do Iracema Plaza Hotel. Estava também Jorge Ary. Quando o uísque acabou, não pedimos mais. Bastava a conversa que se prolongou, até que o sol começasse a se esgueirar, na linha do horizonte. À noite, encontro, no restô do ideal, Paulo Henrique, filho do casamento de Arnaldo com Sula. E ocasião para recordar expedição, capitaneada por Lúcio Brasileiro, rumo ao Cariri de que ele fez parte, com os pais.

Fomes de trem. Embarcamos, na Estação João Felipe. A criadagem desfilou, diante da massa cansada, suada, apinhada no trem, com seu carregamento de uísque, de champã, de finas iguarias o que me fez ter medo dos chamados ressentimentos sociais sanguíneos que felizmente não se acenderam contra nós. Embarcamos, incólumes, no trem azul, até Juazeiro, depois até a casa de Adatao, no sopé da Serra

do Araripe.

Também fui comer no restô do Marina Park. O local é soberbo, o serviço, meio atrapalhado. Estive no Ceasar Park de cujo restô me falaram tão bem. Gostei do local. Quando lá estive já cessara a movimentação, não encontrei mais nenhuma cara conhecida. Volto. Adorei as barraquinhas de comidas típicas, espalhadas pelo Iguatemi, na temporada de férias. Foram os points internacionais do Ceará que me foram dados curtir, nessa temporada. Claro, também fui aos salões do Náutico para onde, segundo me dizem, migrou a clientela do Ideal, atraída pelo Curi. Tentei almoçar lá, com o padre Sadoc, o grande historiador de Sobral. Errei de dia. Era segunda-feira quando só servem aos rotarianos. Como nem ele nem eu, temos tal privilégio, nos mandamos pro Morro de Santa Teresinha onde, então, podemos fartar o bandulho.

É como sempre digo. A cada idade, a sua cissitude. Quando você é jovem, ao chegar a uma cidade, quer saber das mulheres. Localizar onde estão as mais bonitas e ir à caça. Depois, chega a época em que você quer saber é onde comer ostras frescas com cerveja. Onde encarar uma boa lagosta.

Degustar uns caranguejos. Por último, o que você procura são os vernissages, livros antigos no sebo do Sobral, um bom remédio pro controle da pressão, com o Réjis Jucá. Ainda estamos na fase das comidas.





## *Agradecimento*

**Colaboraram, decisivamente, para a presente edição de ITAYTERA:**

*Banco Industrial e Comercial S/A - BIC BANCO*

*Deputado Roberto Pessoa*

*Dr. Cleidson de Araújo Rangel*

*Câmara Municipal do Crato*

*Prefeitura Municipal de Barbalha*

*ACBRIL (Alumínio Clementino Brilhante Ltda) - Sistema Plante*

*Aliança de Ouro S/A*

*Café Itaytera*

*Valdemir Correia de Sousa*

*Industrial Edson Queiroz, Filho*

*Martins Comércio e Representações Ltda.*

*Construtora Justo Junior Ltda.*

*D. Valdelice Teles Cartaxo Pinheiro*

*Dr. Carlos Barreto de Carvalho*

**O nosso reconhecimento por essas ajudas inestimáveis.**



# ÍNDICE

## SESQUICENTENÁRIO DO PADRE CÍCERO

150 Anos do Padre Cícero Romão Batista.....	05
Padre Cícero Romão Batista.....	06
Acontecimentos da História de Juazeiro .....	07
Geraldo Menezes Barbosa.....	08
Frases e Preceitos do Padre Cícero.....	12
Padre Cícero, Santo do Nordeste!.....	13
A morte do Padre Cícero .....	15

## POEMAS

O Trabalho .....	26
O Vulto .....	27
Erisvalda .....	27
Saudade.....	28
Nosso Clube Rotário.....	28
O Pau da Bandeira .....	29
Velha Mangueira.....	31

## POSSE NO ICC

Dr.Emídio Lemos empossado na Cadeira 17 do ICC .....	32
--	----

## BIOGRAFIAS

Padre Lauro Pitta .....	48
O Padre Artur Redondo S.J. ....	49
Elói Pereira Bezerra.....	52
Cláudio Martins .....	56
Quatro Rolins .....	61
O Pernambucano Sílvio Júlio .....	69
Morrem Dois Insígnos Escritores Cearenses .....	76
Cinquentenário de Ordenação do Pe.Ágio Augusto Moreira .....	81

## NOTÍCIAS CULTURAIS

Noites de Lua Cheia .....	82
Escritor Jurandy lança mais um livro no Crato .....	82
O Intelectual José Peixoto Júnior Aplauda "Itaytera" 92 .....	83
Alexandre Arraes Centenário de Nascimento .....	83
Joaquim Citó e Antônio Lins, Cidadãos Cratenses .....	84
Bruno Pedrosa: "...do sertão a Mury" .....	88
Curriculum Vitae de Bruno Pedrosa .....	93

## ENSAIOS

Perfil Artístico-Cultural do Caririense.....	94
Histórias de um tempo de gente alegre.....	107
Zé Borrego, um cadáver invisível .....	108
Memorandum contra o calote .....	109
Corajoso, mas muito sem-vergonha.....	110
O Crato de Minha Infância .....	111
Sombras de Luzes.....	120
A AFAC é uma realidade .....	122
Um lugar Chamado Planeta .....	124
Histórico da Capela de São Sebastião do Riacho-Seco .....	127
O Banco Provincial do Ceará .....	133
Testamento do Senador Alencar .....	135
Caxias e a Integridade Nacional.....	139
Tipos Populares .....	150
Fortaleza, meu amor.....	153





